

PREÁ

REVISTA DA FUNDAÇÃO JOSÉ AUGUSTO
SECRETARIA EXTRAORDINÁRIA DE CULTURA DO RN

#25

DISTRIBUIÇÃO GRATUITA



ADIVINHA
ONDE VÃO
SER AS SUAS
PRÓXIMAS
FÉRIAS?

ARGENTINA?

TÁ FRIO...

CHILE?

TÁ FRIO...

PERU?

TÁ FRIO...

FICA NO BRASIL?

FICA NO NORDESTE?

TÁ ESQUENTANDO...





TEM PRAIA E SOL?

TÁ QUENTE!

NAS SUAS PRÓXIMAS FÉRIAS, ACERTE EM CHEIO. VENHA PARA O RIO GRANDE DO NORTE.

De dia, você aproveita ao máximo os mais de 400 quilômetros de praias com águas cristalinas e mornas, dunas emocionantes, paisagens paradisíacas e um clima perfeito para pegar um bronze. De noite, a diversão está garantida nos restaurantes, bares, casas de show e teatros da cidade.

Venha para Natal. Venha para o Rio Grande do Norte. Esse é o lugar.

JÁ SEI!

VAMOS PARA NATAL!

ART&C

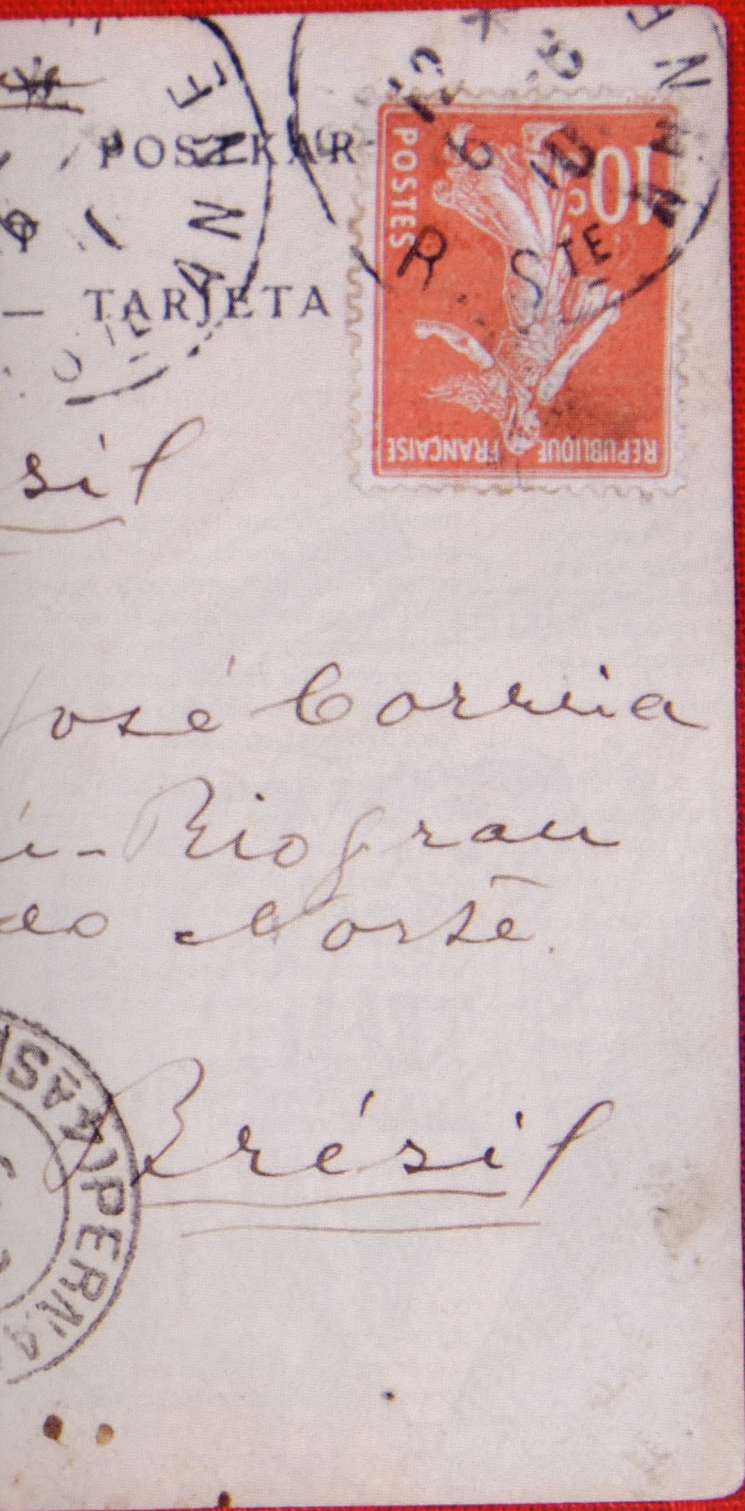


RN
**GOVERNO
DO ESTADO**

RECONSTRUIR E AVANÇAR
www.rn.gov.br



IMPRESSÕES DO ORIENTE
INTERVIEW COM O DR. ELOY DE SOUZA



708 Cathédrale de CHARTRES. — Portail méridional, Figures décorant la Porte de droite, décoration du Pillez (XIII^e siècle). — ND. Phot.



CONHECEDORES DAS FACULDADES DE OBSERVAÇÃO DO DR. ELOY DE SOUZA E DOS INTUITOS DE SUA VIAGEM AO ESTRANGEIRO, ENCARREGAMOS O NOSSO COLABORADOR DR. MANOEL DANTAS DE ENTREVISTAR O ESFORÇADO REPRESENTANTE DO RIO GRANDE DO NORTE.

S. EXCIA. BURLOU O PLANO DO NOSSO COMPANHEIRO DE TRABALHO, PRETENDIA FAZER O INTERVIEW CLÁSSICO COM TODAS AS INDISCRICÕES DA ARTE, DESDE A PESSOA ATÉ A HABITAÇÃO E OS OBJETOS, DECLARANDO QUE ESTAVA INTEIRAMENTE AO NOSSO DISPOR, MAS COM A CONDIÇÃO DE SER RESPEITADO O SEU DOMICÍLIO E SUBTRAÍDA A SUA INDIVIDUALIDADE À IRREVERÊNCIA DA ADJETIVAÇÃO COSTUMEIRA.

E FOI ASSIM, PRIVADO DO PRAZER DE DIZER A S. EXCIA. AS COISAS AMÁVEIS QUE SENTIMOS, S. EXCIA. TEM HORROR À LISONJA, MAS, FELIZMENTE, NÃO NOS TERIA NA CONTA DE LISONJEIROS QUE INICIAMOS A NOSSA PALESTRA, FORMULANDO A SEGUINTE PERGUNTA:

DANTAS Pode dar-nos suas impressões da viagem que fez ao estrangeiro?

ELOY V. me pede impressões de minha viagem. O assunto tomaria muito tempo e

muito espaço, sem proveito equivalente. Tudo quanto eu pudesse dizer dos países da Europa que visitei, do ponto de vista social, político ao econômico, seria repetir o que já está escrito em todas as línguas e vulgarizado por toda parte. Acho, entretanto, que seria curioso resumir para os seus leitores fatos que observei no Oriente e que até certo ponto nos interessam sob mais de um aspecto.

DANTAS O que V. Excia. nos poderia dizer sobre o Egito?

ELOY O Egito, tem-se repetido mil vezes, é um presente do Nilo. Pode-se, entretanto dizer, sem fazer nenhuma injúria ao rio sagrado, que o Egito de hoje é um produto do esforço e da inteligência do homem. Basta ponderar que o trabalho de algumas gerações permitiu fazer de um povo, que é o mais vivo paradoxo político dos tempos atuais, um país super povoado, com 12 milhões de habitantes numa superfície de 29 mil quilômetros quadrados, isto é, um terço mais do povoamento da Bélgica e quase duas vezes o da França.

DANTAS E sobre o estado de civilização deste povo?

ELOY O ocidental que vai ao Egito imagina encontrar ali uma população semibárbara, inculta, explorada pelo inglês, vivendo para o inglês e pelo inglês.

Ora, isto não é positivamente verdadeiro. A influência francesa é ali maior do que a inglesa. O francês é mais geralmente falado no Egito que qualquer outra língua estrangeira, e a França mais querida dos egípcios que a Inglaterra. Isto tem sua explicação no fato dos ingleses dominadores serem menos acessíveis ao elemento indígena do que conviria talvez aos interesses recíprocos. Devo em todo caso acentuar que a dominação inglesa é suave, a sua intervenção é restrita aos negócios meramente políticos, de tal sorte que Lord Cromer, o organizador do Egito atual, timbrou sempre em respeitar costumes e tradições locais, chegando a prejudicar o problema da instrução, receoso, porventura, de provocar atritos de ordem religiosa.

Este fato chama tanto mais a atenção quando todos os estabelecimentos de instrução primária e secundária, exceção dos pertencentes ao Estado, em número muito reduzido, estão a cargo de missões

religiosas, sejam francesas, do credo católico, sejam norte-americanas, protestantes ou metodistas.

DANTAS E essas missões não perturbam o problema social do Egito?

ELOY É de justiça assinalar a rara habilidade das missões católicas, que vestem, alimentam e dão a melhor instrução aos indígenas muçulmanos, sem nenhuma aparência de propaganda religiosa, fiando dos próprios conhecimentos ministrados a remodelação de espíritos comprimidos pelas normas e pela moral de uma religião que já teve sua razão de ser.

Não assim entre as missões norte-americanas, que, mantendo um número de escolas em desproporção com o número de ministros, faz a sua propaganda de preferência entre os adultos, visando principalmente fins comerciais. Segundo me informaram, os muçulmanos convertidos à fé protestante recebem umas tantas vantagens, que retribuem preferindo o mercado norte-americano aos outros mercados concorrentes, ou fazendo a propaganda dos produtos americanos contra os produtos de outras procedências.

Conhecido o regime de capitulações que ali vigora, em virtude do qual – é para dar uma definição acessível a toda gente – o estrangeiro vive no Egito sob o regime e a tutela do seu próprio país, por intermédio dos seus representantes, perante os quais responde – a influência norte-americana, dada a proteção dispensada pelos Estados Unidos aos seus nacionais, inclusive os naturalizados, torna-se cada dia maior e obedece sempre a um fim de expansão econômica.

DANTAS E quanto aos nossos interesses, há alguma coisa a fazer?

ELOY Eu ia justamente acentuar que os nossos interesses vão ali muito descuidados, apesar de termos com o povo egípcio pontos de contato bem mais aproximados do que talvez pensemos. Por exemplo. A média das condições do clima do Oriente em geral é análoga às condições do clima e do solo do Brasil, sendo a parte norte do Egito e da bacia oriental do Mediterrâneo correspondente à parte meridional do Brasil; o Alto Egito, o Mar Vermelho e o Sudão correspondentes à região Nordeste. A formação étnica da população cosmopolita do Oriente é

Eloy de Souza no traço de Erasmo Xavier
(Natal, 1904 – Natal, 1930). Na página
anterior, cartão-postal de Eloy enviado de
Paris a um amigo em Assu



“TUDO QUANTO
EU PUDESSE
DIZER DOS
PAÍSES DA
EUROPA QUE
VISITEI,
DO PONTO DE
VISTA SOCIAL,
POLÍTICO AO
ECONÔMICO,
SERIA REPETIR
O QUE JÁ
ESTÁ ESCRITO
EM TODAS AS
LÍNGUAS E
VULGARIZADO
POR TODA
PARTE.”



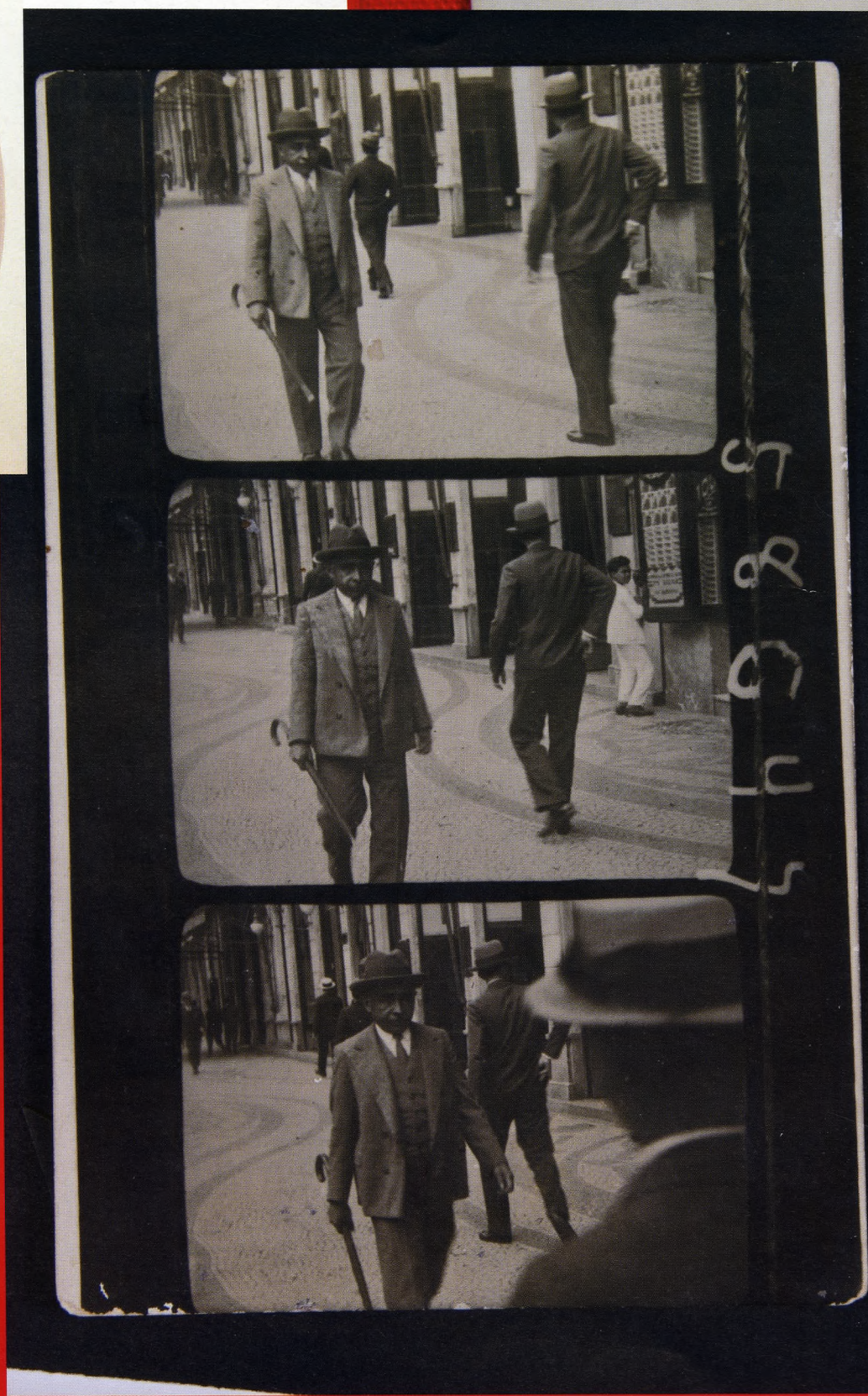


“AO LADO DOS
CAMINHOS DE
FERRO, EM
CONCORRÊNCIA COM
OS AUTOMÓVEIS,
O VIAJANTE
TEM A CADA
PASSO A VISÃO
DAS CARAVANAS
DE CAMELOS E
DAS TROPAS DE
JUMENTOS, COMO
NOS TEMPOS OS
MAIS REMOTOS.”

Eloy (montado no
camelo à esq.) com o
gaúcho Francisco Mutie,
funcionário da Expansão
Econômica que o
ciceroneou na viagem
ao Egito



“A FORMAÇÃO ÉTNICA DA POPULAÇÃO DO ORIENTE É ANÁLOGA À DO BRASIL. RAÇAS, OCUPAÇÕES E HÁBITOS AGRÍCOLAS PARECIDOS, TEMPERAMENTO E CARÁTER MERIDIONAL, NO SENTIDO EUROPEU, ISTO É, EXPANSIVOS, IMAGINOSOS E IMPREVIDENTES.”



No alto, à esq., Eloy posa para fotógrafo desconhecido. Acima, em passeio pelas ruas do Rio de Janeiro

análoga à da população do Brasil. Raças, ocupações e hábitos agrícolas parecidos, temperamento e caráter meridional, no sentido europeu, isto é, expansivos, imaginativos e imprevidentes.

Dadas essas semelhanças étnicas e geográficas, penso que, preferentemente ao asiático, nós tínhamos e temos no Oriente um excelente viveiro de trabalhadores, contanto que soubéssemos escolher, entre os agrícolas, os mais próximos da nossa cultura, tendo em vista principalmente o feito religioso. O problema é tanto mais interessante quanto existem no Brasil cerca de 100 mil orientais, explorando o comércio e ofícios mais ou menos subalternos, drenando os nossos capitais, talvez pelo motivo único da nenhuma proteção com que o Brasil garante os orientais naturalizados brasileiros.

Dado o regime de compressão em que eles vivem, principalmente os cristãos, se a nossa política exterior lhes assegurasse, quando de retorno ao país de origem, as garantias usuais do direito internacional privado, claro é que encontraríamos no Oriente, e à nossa escolha, magníficos povoadores do solo.

Essa falta de proteção dá lugar ao seguinte absurdo: a Constituição garantindo os mesmos direitos civis aos nacionais e estrangeiros, dos políticos não lhes importa muito, com a exclusão do serviço militar obrigatório e de outros encargos inerentes ao cidadão brasileiro, o oriental tem toda vantagem em permanecer estrangeiro. E é assim que estabelecemos um verdadeiro prêmio pela não naturalização.

Penso que, do ponto de vista da nossa expansão comercial, o Oriente é um magnífico mercado, entre outros produtos, para o nosso café e o nosso mate.

DANTAS Em que V. Excia. se baseia para esta opinião?

ELOY Muito embora alheio aos processos mais idôneos de propaganda do café no estrangeiro, parece-me, de um modo geral, ser mais fácil aumentar a porcentagem de consumo de um produto qualquer do que criar consumo, muitas vezes num país onde isso não é fácil, ou mesmo impossível, como a Rússia, o Japão e outros.

O Oriente muçulmano, com uma população de 50 milhões de habitantes, tem no

café e no mate um sucedâneo natural das bebidas alcoólicas que, como sabe, lhes são defesas pelo Alcorão.

Acresce que os direitos sobre o café são ali de 8%, refiro-me ao Egito, o que compensa um pouco as dificuldades de transporte e a carestia do frete.

Malgrado essas dificuldades, o consumo do café atingiu naquele país, em 1908, a 9.519.591 quilos, dos quais 8.191.202 do Brasil, o que, para uma população de 12 milhões de habitantes, dá mais ou menos 800 gramas por cabeça e por ano. Ora, se tomarmos para termo de comparação a França, onde o café sofre a concorrência do vinho, da cerveja e das bebidas alcoólicas e onde, apesar disso, o consumo é de três quilos *per capita* e por ano, posso concluir, sem esforço, que uma propaganda tão inteligentemente feita mas com maiores recursos que a do *Empório Brasileiro no Oriente*, fundado por Mr. Nicolas Debanné, elevaria facilmente o consumo do café de uma porcentagem superior à da França.

Não é por demais assinalar que o consumo do café no Egito triplicou em dez anos, muito embora sob a influência de uma propaganda naturalmente fraca, à míngua de recursos de toda ordem.

DANTAS Sendo o Egito uma terra onde quase nunca chove, mas de uma uberdade excepcional, o que nos pode dizer sobre o cultivo dos campos e os processos de agricultura?

ELOY A pergunta é longa; mas, mesmo que pudesse ser resumida, sua resposta comportaria um livro. Tratando-se, porém, de um *interview*, escusará que diga mal e pouco.

Exceção feita das grandes propriedades do Estado e de um número reduzido de grandes proprietários, o solo do Egito está realmente muito subdividido, de tal sorte a se poder contar um proprietário sobre dez habitantes rurais. A maior aspiração do *fellah* é possuir alguns *feddans* de terreno (o *feddah* é uma medida de superfície igual a 42 ares). Segundo as estatísticas de Lord Cromer, a proporção de propriedades adquiridas por *fellahs* foi de 40% em dez anos.

Por este motivo, a agricultura no Egito dá a impressão de uma verdadeira jardina-

gem e se faz mais intensivamente que em qualquer país da Europa.

Convém acrescentar que, mesmo entre os mais atrasados *fellahs*, o cultivo dos campos é feito racional e inteligentemente, obedecendo sempre a um processo de rotação (*assolement*) que permite o repouso conveniente das terras.

É assim que o trigo, o milho, a fava, a cana de açúcar e o *bercim* são cultivados alternadamente, segundo as estações. É ainda para notar que o *fellah*, apesar da sua ignorância, compreendeu, desde tempos imemoriais, a necessidade de adubar as terras e de sulcá-las o mais profundamente possível, muito embora com o seu arado primitivo.

DANTAS Dessas diversas culturas, qual é a que mais lhe interessou?

ELOY Naturalmente, a do algodoeiro, e de tal forma que não teria dúvida alguma de pedir-lhe que, ao meu regresso do interior, desse-me novamente o prazer de sua visita para então conversarmos mais longamente. Em todo caso, como expoente do nosso descaso por assuntos desta natureza, basta dizer-lhe que temos no Brasil uma indústria valorizada em 200 mil contos de réis, à custa do consumidor barbaramente tributado, sem que até hoje tenhamos cuidado de melhorar a cultura do algodoeiro. Entretanto, sabe V. que possuímos no norte do Brasil condições climáticas as mais favoráveis para fazermos desta planta um dos primeiros fatores da nossa riqueza.

Desde o seu plantio até o processo de descaroçamento e embalagem, tudo está por fazer, malgrado o exemplo dos Estados Unidos e o do Egito, que vai pagando com o seu algodão, e exclusivamente com o seu algodão, os 138 milhões esterlinos emprestados pelo estrangeiro, causando das humilhações porque passou em 1882, e esbanjados por Ismail Pachá, em sua mania oriental de grandeza. Acho que um país, como o nosso, que está onerado por uma dívida de 120 milhões esterlinos, tem o dever de, preferentemente a problemas políticos de ordem secundária, cuidar do desenvolvimento das suas riquezas, principalmente daquelas que exerçam no estrangeiro a função do ouro que não temos.

DANTAS O que lhe chamou mais particularmente a atenção sobre os processos de irrigação?

ELOY O Egito é o país dos contrastes. Ao lado dos caminhos de ferro, todos eles pertencentes ao Estado, de bitola larga e tão confortáveis como os melhores da Europa, em concorrência com os carros e com os automóveis, o viajante tem a cada passo a visão das caravanas de camelos e das tropas de jumentos, como nos tempos os mais remotos. Ao lado dos vapores luxuosos da Companhia Cook e outras, que fazem o serviço de passageiros do Cairo a Khartum, passam, varejadas por indígenas seminus ou impelidas pelo Sueste, as mais primitivas embarcações, com o mesmo tipo de quilha e de velas de quarenta séculos passados.

Não admira, pois, meu amigo, encontrarmos, simultaneamente com as grandes bombas a vapor jorrando sobre as várzeas do Nilo, todo o arsenal com que os antigos irrigavam as mesmas terras.

É assim que, à beira dos canais, vemos funcionando hoje o parafuso de Arquimedes tal como foi construído pelo célebre geômetra de Siracusa, e o *nataleh*, e o *chaduf*, e o *saquich*, aparelhos para cuja descrição precisaria tempo e a paciência que já lhe vai faltando.

DANTAS Visitou as grandes barragens do Nilo? Qual a impressão que colheu delas?

ELOY Visitei as barragens do Nilo, desde o delta até Assuan, e a minha impressão foi a de que o homem não pode o que não quer.

Na barragem de Assuan contemplando a sua extensão de 1.860 metros, com uma altura máxima de 40 metros, compreendi bem o nada que representa a solução que andamos a mendigar para o problema das secas do nordeste brasileiro em confronto com a obra colossal empreendida pelo governo inglês, num país de sua ocupação, obedecendo simplesmente a um interesse financeiro, começada em 1899 e terminada em 1902, tendo custado 3.237.000 libras egípcias, ou seja, cerca de 49 mil contos de réis da nossa moeda, ao câmbio atual.

Os que fizeram oposição à construção desta barragem, já pelo fato de Lord Cromer havê-la contratado independentemente de concorrência pública, já pelas desconfianças quanto à sua estabilidade, estão hoje convencidos não somente das boas condições técnicas da obra colossal

como das vantagens econômicas advindas de sua construção, que aumentou a riqueza pública de 15 milhões de libras.

DANTAS Qual a condição da gente do campo?

ELOY Os *fellahs* habitam casas de uma só porta, cobertas ou não, construídas com adobe do próprio limo do Nilo, ordinariamente muito pequenas, com uma só entrada, e onde dormem na maior promiscuidade, somente no inverno, pessoas e animais.

O teto das casas, quando elas o tem, serve de paiol para cereais e para os adubos e, geralmente, de poleiro para as galinhas e pombos. A propósito, convém mencionar que o Egito exporta por ano 59 milhões de ovos de galinha, representando um valor de 86 mil libras esterlinas.

A condição do trabalhador agrícola não é propriamente invejável; ele trabalha de sol a sol, geralmente com uma simples tanga, por um salário miserável. Basta dizer que há manejadores de *chaduf* que retiram dos canais, em 12 horas, até 30 mil litros d'água, muitas vezes pelo preço de 50 centimos, ou seja 300 réis da nossa moeda.

É certo, porém, que a sobriedade do *fellah* não é comparável mesmo à do japonês, reduzindo-se sua alimentação a legumes e cereais.

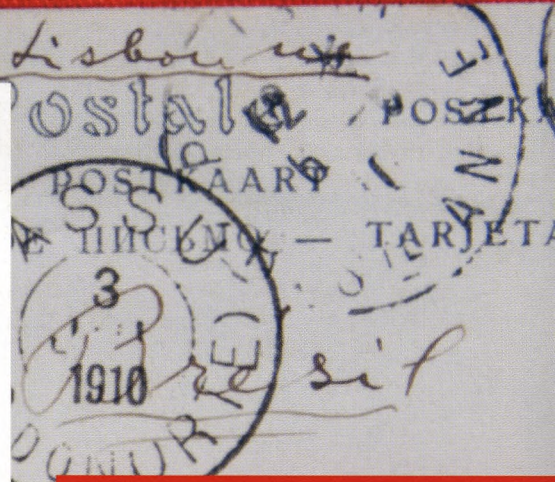
DANTAS O que me pode dizer sobre as mulheres do Egito?

ELOY Para falar da mulher, precisaria falar da organização social e do problema religioso no Egito.

Ora, a nossa fadiga, sinceramente, já é demasiado grande. E, dada a orientação da nossa entrevista, o assunto ficaria quase deslocado.

Somente, de longe, vi a mulher egípcia; e ainda assim através do véu que lhe cobre metade do rosto. Terei perdido!...

O DR. ELOY DE SOUZA
SORRIU MALICIOSAMENTE,
DANDO A ENTENDER
QUE, PARA TENTAÇÕES E
EM DESCONTO DOS Nossos
PECADOS, BASTAM AS
OCIDENTAIS... ●



“ACHO QUE UM PAÍS, COMO O NOSSO, TEM O DEVER DE CUIDAR DO DESENVOLVIMENTO DAS SUAS RIQUEZAS, PRINCIPALMENTE DAQUELAS QUE EXERÇAM NO ESTRANGEIRO A FUNÇÃO DO OURO QUE NÃO TEMOS.”

Manoel Dantas era brasileiro de Caicó. Jornalista e fotógrafo amador, pronunciou, em 1909, a famosa conferência “Natal daqui a cinquenta anos”, e foi quem primeiro traduziu e publicou no Brasil o “Manifesto Futurista” de Marinetti. Faleceu em 1924, em Natal.

Eloy de Souza era brasileiro de Recife. Político e jornalista, viajou pela Europa e foi ao Egito conhecer soluções para os problemas da seca. Em 1957, após uma cirurgia em Campina Grande, fez questão de voltar a Natal, onde faleceu.

NO CAMINHO CERTO

Enquete realizada em encontro de agentes de viagem de São Paulo, em novembro de 2011, apontou Natal como *destino preferido* da maioria dos participantes.

Foi mais uma boa notícia, na sequência de fatos positivos que apontam para a recuperação do turismo potiguar, e um sinal de que o Governo está no caminho certo – o da reestruturação das políticas públicas – para expandir esse importante vetor de crescimento social e econômico.

Voltamos a marcar presença constante em feiras e congressos no Brasil e no exterior. O destino RN voltou a ocupar presença forte na mídia, com material promocional e campanhas publicitárias.

Recuperamos voos charters internacionais. Retomamos o trabalho articulado com o trade turístico, inclusive na qualificação de mão de obra, com a expansão do Hotel-Escola Barreira Roxa.

Estamos concluindo projetos abandonados e iniciando obras (estradas, saneamento) para expandir o turismo em regiões cujo potencial é subaproveitado por falta de infraestrutura.

Direcionamos recursos para fortalecer festas religiosas e eventos culturais estratégicos para o nosso projeto de interiorizar a atividade e diversificá-la na capital.

Comandamos a articulação que garantiu a Copa do Mundo de 2014 em Natal e acelerou o projeto do Aeroporto de São Gonçalo do Amarante, que, juntos, representam um novo ponto de inflexão no crescimento do turismo e da economia em geral.

Com esse conjunto de ações, lançamos as bases para consolidar o Turismo como um dos eixos de desenvolvimento do Rio Grande do Norte, multiplicando a capacidade de gerar empregos e ajudando a melhorar os indicadores sociais do estado.

É assim que vamos fazer o turismo acontecer de verdade, agora e no futuro.

Rosalba Ciarlini

Governadora do Rio Grande do Norte

A VIAGEM AO CONHECIMENTO ATRAVÉS DA LEITURA

Lançamos mais uma edição da revista *Preá*, que voltou a circular em 2011, encantando a todos pela qualidade literária e gráfica. O tema deste número, aliás, é extremamente simbólico: qual melhor viagem senão a leitura? Como gestora da política cultural do Governo do Estado do Rio Grande do Norte, gratifica-me o trabalho que nos é permitido desenvolver no apoio e fomento ao livro e à leitura.

Por isso, começamos nossa gestão reorganizando a Gráfica Manimbu. Máquinas e equipamentos cedidos pela FAPERN duplicaram a possibilidade de publicações. A criação da Coleção Cultura Potiguar deu ordem e visibilidade à política de publicações do Governo que, de forma sistemática e permanente durante todo este ano, apoiou, editou e lançou revistas, livros, catálogos, agendas, quadrinhos e cordéis.

Ao tempo que lançávamos os 38 títulos de 2011, foi composta e instituída a Comissão Editorial da Coleção Cultura Potiguar. Lançamos o Edital Publicações 2012, que segue em fluxo contínuo, pautando os investimentos do setor público – também nesta área – com transparência e senso de democratização.

O projeto arquitetônico e as plantas complementares para a restauração da Biblioteca Câmara Cascudo foi concluído e aberta a licitação. A obra a ser entregue em 2012 é da ordem de R\$ 3 milhões e dará conta das instalações físicas, da modernização e funcionalidade da nossa “casa da vida”.

O Programa Agentes de Leitura, parceria entre os Governos Federal e Estadual, infelizmente cancelado no passado, foi resgatado. Lançado agora, em dezembro, vai incentivar a leitura em 40 municípios potiguares, principalmente junto à população beneficiária do Bolsa Família.

Além disso, o Sistema Estadual de Bibliotecas contará com recursos reservados e definidos pelo Fundo Estadual de Cultura, possibilitando ações de qualificação, requalificação, informatização e formação de novos acervos.

Conscientes de que a cidadania se conquista, também e principalmente, pela capacidade dos potiguares de ler e interpretar o mundo, seguimos trabalhando para facilitar este processo.

Isaura Amélia de Souza Rosado Maia
Secretaria Extraordinária de Cultura

MARES NUNCA DE ANTES NAVEGADOS

Uma revista temática sobre “Viagens” sem a presença de Homero e Luís de Camões? – perguntará o leitor sempre atento aos detalhes. Pois, não é apenas de ausências ilustres como as do poeta grego e do bardo lusitano que é feita esta edição. A lista é enorme e infinda como o retorno de Odisseu à Ítaca: onde está Henry Koster e suas *Viagens ao Nordeste do Brasil*, onde relata suas incursões pelas “regiões menos povoadas e mais incultas desse País”, o que inclui a então Capitania do Rio Grande, primeiras décadas do século 19? Onde está o *turista aprendiz* Mário de Andrade, que aqui esteve um século depois do inglês, desembarcando uma vez do Baependi e outra do trem da Great Western of Brasil – “(com s)” – Railway Company Limited, e que definiu Natal como “pouso natural das asas europeias”? Onde está Nísia Floresta Brasileira Augusta e seus *Três anos na Itália seguidos de uma viagem à Grécia*? Onde está – onde? onde? e onde? – a *Oropa, França e Bahia* de Jayme Adour da Câmara? E o poeta Ferreira Itajubá e seu “anseio/ De ser asa emigrante e fugir pelos ares,/ Pelos longes do céu, através desses mares,/ Em busca do calor do sol de um clima alheio”? Nem uma palavra sobre o italiano Franco Jasiello? Ou sobre

o caboverdiano Luís Romano? Cadê – pecado mortal – um dos mais belos poemas sobre Veneza, o “Réquiem para uma cidade que vai morrer afogada”, descrita por Luís Carlos Guimarães como um “sonho de pedra edificado sobre a água”? E quede as fantásticas viagens imaginárias mundo afora do “bardo da Rua São João” Alex Nascimento – que bem dizia “A geometria tem mistérios: o mundo é redondo mas seus habitantes são chatos”?

São muitos mares ainda por navegar. Então, caros leitores, antes de embarcarem nesta viagem, que já se iniciou algumas páginas atrás, pela capa – imagem icônica de um grande viajante que quase sempre não careceu sair de sua biblioteca para ver o mundo – lembrem-se que essas edições da *Preá* não pretendem exaurir o tema, nem seguem uma cartilha pautada pelo “melhor” ou “mais importante”. Esqueçam portanto as ausências e aproveitem das presenças não menos ilustres dos passageiros que mui gentilmente colaboraram para lhes proporcionar uma das melhores viagens ao redor do mundo de que se tem notícia: a leitura.

Governadora **Rosalba Ciarlini**

Secretária Extraordinária de Cultura **Isaura Amélia de Souza Rosado Maia**

Diretora da Fundação José Augusto **Ivanira Ribeiro Machado**

Chefe de Gabinete **Ana Neuma Teixeira**

Coordenadora de Promoção Cultural **Danielle Brito**

Coordenador de Comunicação **Mário Ivo Dantas Cavalcanti**

Sub-coordenadora de Imprensa **Sheyla de Azevedo**

Centro Educacional de Artes - CENA **Cléa Maria Galvão Bacurau**

Escola de Dança **Wanie Rose de Medeiros Souza**

Escola de Artes Plásticas **Wandeci de Oliveira Holanda | Jomar Jackson Nogueira do Nascimento**

Teatro Alberto Maranhão **Dione Maria Barros Caldas Xavier**

Teatro de Cultura Popular Chico Daniel **Sônia Maria Soares Santos**

Centro Cultural Adjuto **Dias Robson Araújo Pires**

Pinacoteca **Wandeci de Oliveira Holanda**

Coordenador dos Museus **Hélio de Oliveira**

Memorial Câmara Cascudo **Daliana Cascudo Roberti Leite**

Planejamento e Monitoramento de Projetos **Sanclair Solon de Medeiros**

Coordenadora das Casas de Cultura Popular **Joana D'arc Xavier**

Coordenadora Programa Agentes de Leitura **Andressa Lenuska Sousa de Macedo**

Pontos de Cultura **Clenia Maria de Luna Freire**

Diretor Administrativo da OSRN e do Coral Canto do Povo **Luis Antônio de Paiva**

Regente do Coral Canto do Povo **Janilson Batista**

Regente do Coral Vozes Sinfônicas **Pedro Ferreira da Costa**

Centro de Pesquisas Juvenal Lamartine **José Tarcísio Rosas | José Albano da Silveira**

Lei Câmara Cascudo e Fundo Estadual de Cultura **Silvana Macedo de Souza**

Biblioteca Pública Câmara Cascudo **Márcio Rodrigues Farias**

Gráfica Manimbu **Maria Do Socorro Soares | Ester Alves Dos Santos**

Agradecimentos a todos que colaboraram, especialmente a Daliana Cascudo Roberti Leite (Ludovicus – Instituto Câmara Cascudo), Giovanni Sérgio, Rejane Cardoso e Vicente Serejo.



Endereços

blog www.secretariadeculturarn.blogspot.com

site www.fja.rn.gov.br

twitter [@Fja_RN](https://twitter.com/Fja_RN) e [@Revista_Prea](https://twitter.com/Revista_Prea)

telefone (84) 3232.5323

e-mail assecomfjarn@gmail.com

Os artigos assinados são de responsabilidade dos autores e não refletem necessariamente a opinião da revista. É proibida a reprodução total ou parcial de textos, fotos e ilustrações por qualquer meio sem prévia autorização dos artistas ou do editor da revista. A **Preá** é um espaço aberto para novas e velhas ideias, tendências artísticas e experimentos.

Para colaborar, envie seu material por correio ou e-mail.

Impressão **CCS Gráfica**
Tiragem 2.000 exemplares
Distribuição gratuita



Preá

Revista de Cultura Fundação José Augusto
Secretaria Extraordinária de Cultura do RN
Número 25 | Ano 9
Setembro - Outubro - Novembro - Dezembro

Editoria e projeto editorial

Mário Ivo Cavalcanti

Projeto gráfico e diagramação

Dimétrius de Carvalho Ferreira

Revisão

Silvio Santiago

Capa

Câmara Cascudo passeando de riquexó em Moçambique, África, 1963.

Colaboraram nesta edição

Afonso Martins

Alberto Criscuolo

Alex de Souza

Angeles Laporta

Anie Diharce

Anna Maria Cascudo Barreto

Antonio Nahud Júnior

Caio Vitoriano

Carlos de Souza

Carlos Fialho

Clotilde Tavares

Diógenes da Cunha Lima

Flávio Rezende

Francisco Ivan

Igor Andrade

Helder Macedo

J'L Laporta

Joca Soares

Leandro Menezes

Luciana Ubarana

Magnos Beserra

Marcelo Buanain

Marcelo Navarro

Margot Ferreira

Marina Soto

Marinella Grossa

Maurizélia Brito

Nina Barbalho

Petit das Virgens

Priscila Porcino

Raphael Bender

Rejane Cardoso

Renan Régo

Rodrigo Levino

Rubén Figaredo

Sayonara Pinheiro

Silvio Santiago

Sofia Porto Bauchwitz

Solino

Soraia Carlos Vidal

Thiago Lajus

Vera Dantas

Yasmin Collier

Wilder Neto

Em memória de

Câmara Cascudo

Eloy de Souza

Manoel Dantas

♦ índice

- face a face ♦ Impressões do Oriente – Interview com o Dr. Eloy de Souza ♦ Manoel Dantas ♦ p. 4
- outras palavras ♦ No caminho certo ♦ Rosalba Ciarlini ♦ p. 14
- outras palavras ♦ A viagem ao conhecimento através da leitura ♦ Isaura Rosado ♦ p. 15
- outras palavras ♦ Mares nunca de antes navegados ♦ Mário Ivo Cavalcanti ♦ p. 16
- chegadas e partidas ♦ J'L Laporta ♦ p. 19
- passaporte ♦ Cascudo viajante ♦ Anna Maria Cascudo Barreto ♦ p. 20
- retorno ♦ Viajando o Sertão, 65 anos depois ♦ Clotilde Tavares ♦ p. 26
- neerlandândia ♦ Roeloff Baro e sua viagem ao sertão do Rio Grande em 1647 ♦ Helder Macedo ♦ p. 32
- asas ♦ O Espírito da Linha ♦ Angeles Laporta ♦ p. 36
- asa emigrante ♦ Terra estrangeira ♦ Silvio Santiago ♦ p. 42
- correio ♦ Câmara de Ecos, Território dos Sonhos ♦ Rodrigo Levino e Marcelo Navarro ♦ p. 52
- raconto ♦ A resposta está na viagem ♦ Alberto Criscuolo ♦ p. 62
- passagem ♦ Almanaque de viagens ♦ Soraia Carlos Vidal ♦ p. 64
- ensaio ♦ Lugares-incomuns ♦ Afonso Martins ♦ p. 66
- bagagem ♦ A educação pela viagem ♦ Rubén Figaredo ♦ p. 74
- destinos ♦ Então, quando vocês partem? ♦ Marinella Grosa ♦ p. 78
- eppur si muove ♦ A volta ao mundo lendo Verne ♦ Alex de Souza ♦ p. 82
- destinos ♦ Viagem ao Atol ♦ Maurizélia de Brito Silva ♦ p. 88
- destinos ♦ Cem dias em Boston ♦ Diógenes da Cunha Lima ♦ p. 90
- destinos ♦ Dublin revisitada (James Joyce's Dublin) ♦ Francisco Ivan ♦ p. 94
- destinos ♦ Havana, mi amor! ♦ Sayonara Pinheiro ♦ p. 98
- destinos ♦ Viver e morrer em Londres ♦ Antonio Nahud Júnior ♦ p. 100
- destinos ♦ O romance que fui escrever em Madri ♦ Carlos Fialho ♦ p. 104
- destinos ♦ Da Ponte do Guarapes à Ponte Dom Luís ♦ Petit das Virgens e Margot Ferreira ♦ p. 108
- destinos ♦ O outro lado do mundo ♦ Raphael Bender ♦ p. 112
- destinos ♦ Varanasi, om destino incrível ♦ Flávio Rezende ♦ p. 116
- secultrn,fja&cia ♦ Um ano de realizações ♦ p. 122
- secultrn,fja&cia ♦ Arte potiguar no mundo ♦ p. 126
- secultrn,fja&cia ♦ Memórias, teatros, jóias ♦ Carlos de Souza ♦ p. 128
- eles passarão, eu passarinho ♦ Eu tuíto ♦ Luciana Ubarana ♦ p. 130
- instantes ♦ Marina Soto, Thiago Lajus, Leandro Menezes, Caio Vitoriano, Dimetrius Ferreira, Wilder Neto, Igor Andrade, Priscila Porcino e Yasmin Collier ♦ Instagrame-se ♦ p. 131
- saideira ♦ Aina Guimarães Azevedo ♦ p. 132

◆ chegadas e partidas

PREÁ



Por J'L Laporta



J'L Laporta é espanhol de Madri, arquiteto e intuitivo visual. Atualmente vive e ainda trabalha em Madri.

♦ p a s s a p o r t e

CASCUDO VIAJANTE

Por Anna Maria Cascudo Barreto | Fotos acervo Ludovicus – Instituto Câmara Cascudo



Cascudo diante de um baobá africano, 1963.

SINAIS PESSOAIS—SIGNELEMENT

Espôsa—Femme

Profissão } **F. PÚBLICO.**
 Profession }
 Estado civil } **CASADO.**
 Etat civil }
 Lugar e data } **NATAL.**
 do nascimento }
 Lieu et date } **30/XII/1898.**
 de naissance }
 Domicílio } **NATAL.**
 Domicile }
 Rosto } **OVAL.**
 Visage }
 Cór dos olhos ... } **VERDES.**
 Couleur des yeux }
 Cór do cabelo ... } **GRISALHOS.**
 Couleur des cheveux }
 Sinais particulares } **NIHIL.**
 Signes particuliers }

FILHOS — ENFANTS

Nome—Nom Idade—Age Sexo—Sexe

Portador—Porteur



Assinatura do portador

Luiz de Camargo Lima

de sa femme

Países para os quais este passaporte é concedido:

Pays pour lesquels ce passeport est délivré:

PORTUGAL, FRANÇA E ESPANHA.

Este passaporte é válido até o dia:

Ce passeport expire le:

23 DE JANEIRO DE 1948.

se não for prorrogado
à moins de prorogation



Repartição expedidora } **MINISTÉRIO DAS RELAÇÕES**
 Delivré par } **EXTERIORES.**

Data } **23 DE JULHO DE 1947.**
 Date }

Passaporte de Cascudo para Portugal,
França e Espanha, emitido em 23 de
Assinatura do fujulho de 1947.

Signature de l'agent délivrant le passeport:

[Signature]

*“Escrever é caminho dos alquimistas,
transformando o segredo da vida em
ritmos escritos.”*

(Paulo Bonfim, O navegador)

Luís da Câmara Cascudo recriava seu universo entre vogais e consoantes. Procurava respostas em frases antigas. Pensamentos na árvore da fantasia. Renascia em papéis e documentos. Transformava passado em futuro. Pesquisar, seu sortilégio. O livro, sua viagem. Rabiscava memória sobre o relógio das horas. No papel encontrava sua febre.

Perguntei-lhe quais países o inspiravam. Respondeu-me: **Portugal e Espanha**, as raízes; **Egito, Grécia, e países africanos**, os berços; **países árabes**, as influências. O território brasileiro, a realidade.

Quando menina e adolescente seguia para **Pernambuco** nas férias e nos dias santos, com mamãe e papai. O mano Fernando Luís estudava na cidade do **Recife** e nosso círculo de amizades era enorme. Escritores, poetas, empresários, médicos, confraternizavam, trocando ideias e sonhos com meu pai. Lá, experimentei emoções e recordo fatos inesquecíveis.

Debruçada na janela do Grande Hotel, recordo ter assistido a um desfile de maracatu. Estava com papai e Dorival Caymmi. Surpresa pelo total conhecimento das personagens, confusa pela troca afetiva de acenos entre os desfilantes e seus apaixonados. Ainda naquele estado vizinho, relembro a coroação do Rei e da Rainha do Congo, na Igreja de Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos. Meu pai estava fascinado com o espetá-

culo e tomava notas numa caderneta, os olhos verdes úmidos de encantamento. Inesquecível, também, a visita de Luiz Gonzaga e Zé Dantas, e sua discussão musical. Igualmente, a presença vibrante de Ascenso Ferreira e seus versos.

Já casada com Camilo, ficamos presos durante o Carnaval na casa de Gilberto Freyre, com d. Madalena e seu filho Fernando. Enquanto isso, o frevo de Olinda invadia a cidade com seus acordes e sua animação.

Papai afirmava que a **Paraíba** e o **Rio Grande do Norte** eram um só. Amava passar pelo verde constante da cidade de **João Pessoa**, louvando sua história.

Nunca viajei com meus pais para o exterior, embora tenha sido uma andarilha internacional.

Em 1947, papai foi convidado, como presidente e fundador da Sociedade Brasileira do Folclore, a integrar a delegação brasileira que participaria do Congresso Luso-Brasileiro de Folclore. “Autor espiritual” – nas palavras de Francisco Fernandes Marinho em seu livro *Câmara Cascudo em Portugal* – daquele primeiro e memorável congresso, papai embarcou no pacote “Santa Cruz” e, depois de uma viagem de 16 dias por mar, percorreu, “de comboio e de automóvel”, uma parte da Espanha e quase todo Portugal. Foram mais de três meses” – ainda nas palavras de Francisco Marinho – “conhe-

cendo a cultura portuguesa, recolhendo elementos para os seus estudos, observando ‘o riquíssimo e variado folclore português’, visitando amigos e estreitando os laços de amizade, distribuindo os seus trabalhos, publicando artigos em jornais, revistas, nos mais diversos órgãos de comunicação das terras portuguesas, proferindo conferências, concedendo entrevistas, conhecendo as mais variadas instituições, voltadas, sobretudo, para o campo da Etnografia, do Folclore, da História, da Arte”.

Se suas impressões sobre as “terras de Espanha, areias de Portugal” foram publicadas no *Diário de Natal*, em setembro e outubro daquele ano, e suas andanças registradas e repercutidas no Brasil e na Europa, posso afirmar que, na época, fui uma interlocutora e testemunha – mesmo à distância – privilegiada: dele recebi inúmeros cartões postais e telefonemas. Lembro bem do seu encanto por **Tenerife** [*Canárias, Espanha*] e **Vigo** [*Galícia, Espanha*] (enviou-me fotos bailando *jota galega* e *munhera*, danças populares que o enfeitaram), comentando o povo, as comidas, bebidas, limpeza, **Fátima, Lisboa, Porto, Coimbra**, os castelos, as cidades pequenas, a identificação com várias raças, especialmente conosco, brasileiros. Seus comentários líricos ainda ecoam musicalmente nos meus sonhos. Mantinha contatos com estudantes, pescadores, operários, pequenos ne-

gociantes. Papai era assim. Igualava, no seu coração e na mente privilegiada, os momentos com seus colegas intelectuais – fossem eles filólogos, sociólogos, historiadores, filósofos, folcloristas – àqueles passados no meio do povo. Em sua opinião, a importância das ideias e pensamentos emitidos era idêntica.

Beirão honorário na aldeia de **Monsanto**. Comendador de diversas ordens portuguesas. **Silves**, capital árabe, o encantou. Cidade sultana, jóia do Oriente.

Na Sociedade de Geografia de Lisboa, fez conferência sobre literatura oral, definindo seu conceito, uma constante na psicologia coletiva. A imprensa europeia, falada e escrita – refiro-me ao tempo de então – comentou:

A impressionante erudição do eminente brasileiro provocou desusado interesse sobre as opiniões do cientista e etnógrafo.

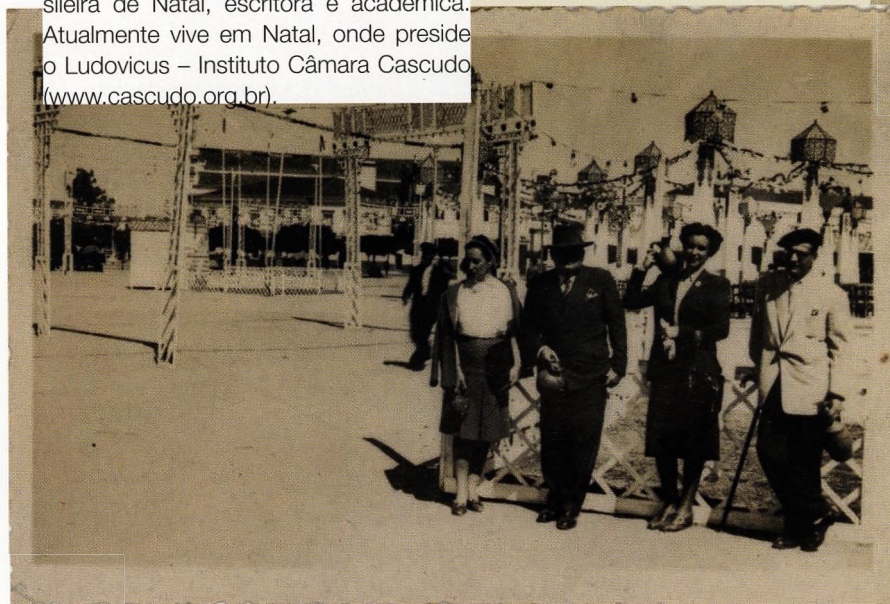
A **França** também era um dos seus amores. Lá esteve na companhia do amigo Assis Chateaubriand. O **Uruguai** o atraía e fascinava. Representou o **Brasil** e registrou diferenças essenciais entre os povos. Mas a **África** sempre foi seu objetivo maior, procurando influências recíprocas, prolongamentos, interdependências, contemporaneidade motivadora.

Nos livros *História da Alimentação no Brasil* (São Paulo, Global, 4ª edição, 2011) e *Made in Africa* (São Paulo, Global, 4ª edição, 2002) mergulhamos até o infinito nas nossas primitivas influências e constatamos: nós, brasileiros, representamos o somatório das raças que nos formataram. Em todos os temas escolhidos pelo autor há uma nota de pesquisa direta e pessoal, comprovadora da exatidão analisada. Cascudo viajou com a missão de estudar alimentação popular, na África do **Atlântico** e do **Índico**. Foi um “homem curioso pela normalidade africana”, no ano de 1964.

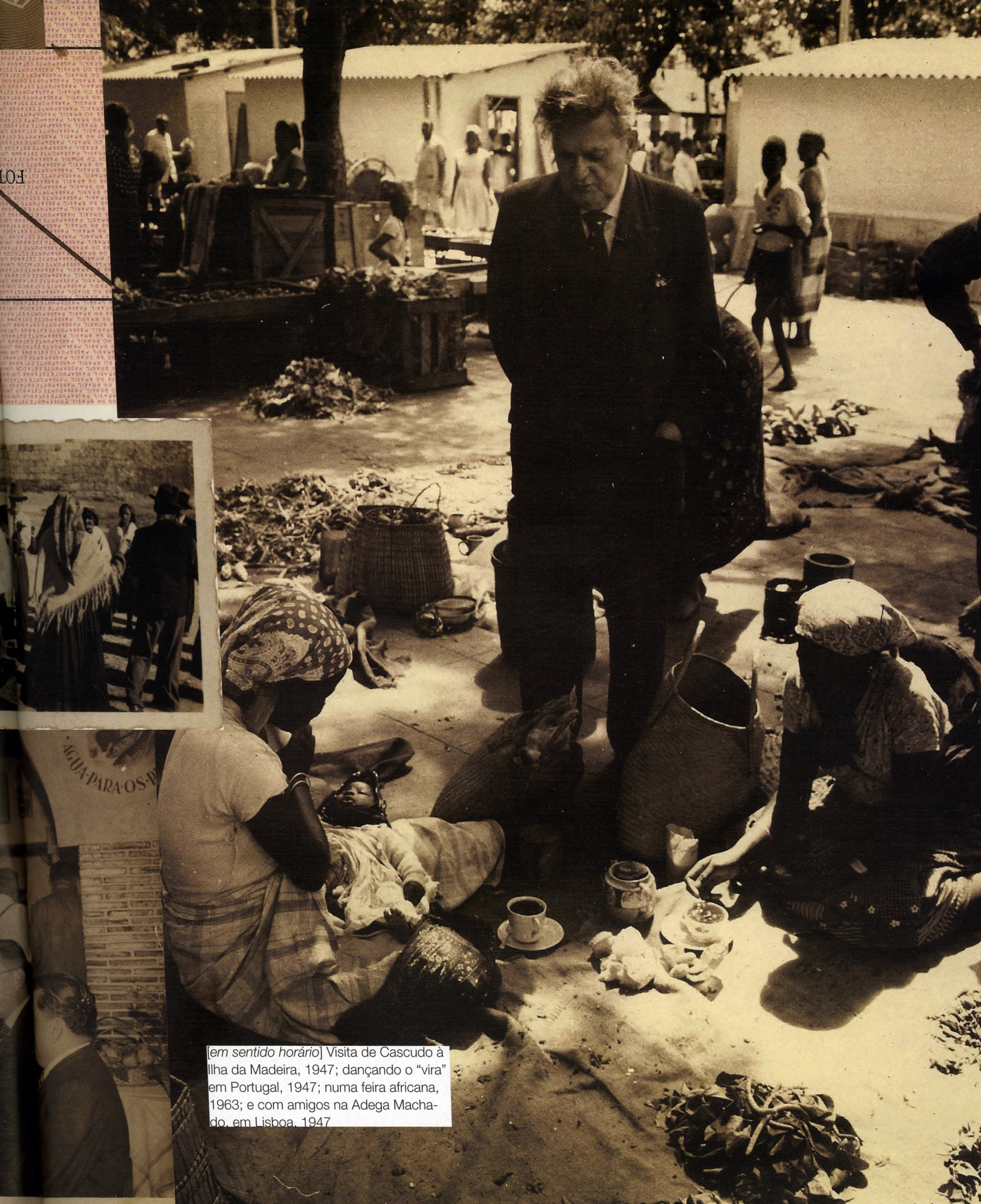
Apenas curioso? Pioneiro, com o cuidado de um sábio e o perfeccionismo de um astronauta, Cascudo elabora comparativo cultural sobre África e Brasil, extenso como compêndio medieval, moderno como o mundo virtual. Apaixonado pelo povo e suas manifestações, ele demonstra como a herança africana permanece mais íntegra no território verde-amarelo e

na contemporaneidade. Cataloga a integração com nossa mãe negra. Comenta diferenças e igualdades. Em *Made in Africa*, os dois continentes se abraçam simbolicamente e constatamos que nunca se afastaram culturalmente. Bananas e pacovas; lemanjá e Quianda; a Rainha Jinga; o Lundu; maxila, tipóia, rede e ini; ananás e abacaxis, farofa e farófia; umbigada; Piranji e jimbo; o andar rebolado das mulheres; pirão e fungi; Rosa Aluanda; beber fumo e beber ares. Dezenas de citações e capítulos de grande interesse etnográfico, desfiados em texto legível e amoroso. Porque Luís da Câmara Cascudo era um apaixonado pelo Brasil e sua origem. ●

Anna Maria Cascudo Barreto é brasileira de Natal, escritora e acadêmica. Atualmente vive em Natal, onde preside o Ludovicus – Instituto Câmara Cascudo (www.cascudo.org.br).



assinatura da esposa
Signature de sa femme



FOL



[em sentido horário] Visita de Cascudo à Ilha da Madeira, 1947; dançando o "vira" em Portugal, 1947; numa feira africana, 1963; e com amigos na Adega Machado, em Lisboa, 1947

♦ r e t o r n o

VIAJANDO O SERTÃO, 65 ANOS DEPOIS

Por Clotilde Tavares | Fotos Clotilde Tavares



"Viajamos, da madrugada de 16 à manhã de 29 de maio, 1.307 quilômetros: 837 de automóvel, 40 de auto-de-linha, 38 de trem, 30 de canoa, 2 de rebocador e 360 de hidro-avião."

(Câmara Cascudo, Viajando o sertão)

O ser humano é aventureiro por natureza, e mesmo depois que fincou raízes, construiu cidades e se estabeleceu, aquele desejo de desvendar o desconhecido fica sempre ali, latente, incomodando, até que um dia a gente perde a paciência, pede uma licença do emprego, arruma o matulão e ganha a estrada.

Eu mesma não gosto de viajar, mas uma tarde, em junho de 1998, lendo o livro *Viajando o Sertão*, de Câmara Cascudo, fui tomada por um desejo tão grande de fazer aquele trajeto que a minha vontade era levantar da poltrona onde estava lendo, ir para a rodoviária e entrar no primeiro ônibus que encontrasse.

Cascudo fez essa viagem em 1934, integrando a comitiva do Interventor Mário Câmara, que o convidou por ser "um escritor de renome, capaz de ver com os olhos voltados para o futuro, os grandes problemas artísticos e culturais do estado". A comitiva partiu em 16 de maio de 1934, de automóvel, saindo de Natal em direção a Macaíba, sua primeira parada. Depois de percorrer vários municípios, cortando o estado inteiro de leste a oeste, voltou a Natal em 29 de maio, partindo de Areia Branca a bordo de um hidroavião da Condor. No total, percorreram 1.307 quilômetros, através de 17 municípios. Como resultado desta viagem Cascudo escreveu *Viajando o Sertão*, editado no mesmo ano. Manoel Rodrigues refere que o livro é "um extraordinário manancial de conhecimentos, sensibilidade e ternura

humana para com as coisas, a gente e a terra norte-rio-grandense".

Vendo então que no ano seguinte a aventura completaria 65 anos, comecei a planejar minha viagem e, na data exata em que Cascudo partiu, 16 de maio, parti eu, em 1999, voltando para Natal também em 29 de maio e seguindo o mesmo roteiro que ele seguiu. Pessoas físicas e empresas privadas apoiaram o projeto, que teve ainda a calorosa recepção das prefeituras das cidades visitadas.

Como diriam os aventureiros da Escola de Sagres, "navegar é preciso". É preciso ver outros ares, outras terras, outras gentes, beber outras águas, provar novos sabores. E lá fui eu em direção ao poente, percorrendo quase dois mil quilômetros, tirando retrato e produzindo um texto que é um manancial de histórias e referências, mas que ainda está inédito. Nesse açude de impressões, lancei a tarrafa e a pescaria rendeu os flashes que aqui compartilho com você, meu caro leitor.

BRINCANTES EM SANTA CRUZ

Antonio Rodrigues da Silva, Antonio da Ladeira, Mestre de Boi. O sorriso desdentado mais contagiante do mundo. Um rebenque na mão, uns setenta de idade.

– O senhor é o Mateus?

– Não, sou o dono da fazenda.

– E brinca de boi faz quanto tempo?

– Eu comecei em 60.

O boi rodopia, seguido pelos rabequeiros, os brincantes entoam a cantiga com intervalo de terça:

... quando chegar numa casa/ premero peço licença/ tiro o chapéu da cabeça/ faço minha continência...

Dos rudes corações, brota a ternura:

...ô menininha bonitinha/ trajadinha de azul...

Entre uma cantiga e outra, a afirmação:

– Eita! Eu sou eu e jacaré é um bicho!

E brincam, e dançam, e cantam, e não me dão a mínima, e não fazem nenhum daqueles elogios bestas que usam os brincantes da capital:

– Estamos aqui para homenagear a Doutora Fulana, do folclore...

Não, não tem nada disso. Estão brincando por prazer e não para me louvar. Coisa mais linda!

TESOUROS DE CERRO CORÁ

Visito a fazenda Tupã, de Sérvulo Pereira, filho do patriarca Tomás Pereira e de sua mulher Clotilde Santina. Ouço histórias de botijas e tesouros enterrados. Dizem que nessa casa foi arrancada recentemente

uma botija, uma “bola de ouro” pesadíssima. O buraco onde cavaram ainda está lá, para quem quiser ver. O Dr. Sérvulo Pereira não tinha filhos. Quando construiu a maternidade que recebeu o nome de sua mãe, Clotilde Santina, prometeu que a primeira criança ali nascida herdaria todos os seus bens. Isso realmente aconteceu, e a menina, além da herança, recebeu também o nome de Clotilde Santina. Presto uma reverência muda a essa minha xará tão bafejada pela sorte. E depois da visita à Fazenda vou ao cemitério para consultar as lápides e conferir as datas em que viveram e morreram estas figuras. É mais fácil e rápido do que ir ao cartório. Lá, descubro que o Dr. Sérvulo Pereira não está no túmulo da família, mas numa cova ao lado. Seguindo costume antigo, ou honrando a sua disposição de trabalhador incansável que nem na morte quis ficar deitado, pedi para ser enterrado de pé.

ITAJÁ, O LAGO IMENSO

Tem um lugar onde o sertão já virou mar. É na Barragem Armando Ribeiro Gonçalves, em Itajá, perto de Assu. Em cima da barragem vemos, de um lado, o lago imenso; do outro, o vale cultivado, com pequenas coleções de água, parecendo um colar de pedras preciosas no seu escrínio verde, refletindo o sol das quatro horas da tarde. Aquele mundo de água no meio de uma natureza tão áspera nos dá uma sensação de que algo impossível aconteceu. O silêncio é enorme. Ouve-se ao longe apenas o chocalho de uma cabra que pasta. Algumas vacas mastigando, duas pessoas numa canoa ao longe, e a presença tranquila da água, água, água, tanta água. O silêncio, cheio de pensamentos, é cortado apenas pelos passarinhos e não há nenhum ruído civilizado. Aproxima-se de mim um camaleão, que fica ali, me olhando. A tarde continua lenta, lentíssima, demorando a passar. Os passarinhos cantam, o camaleão me olha, balança a cabeça e depois parte, mas volta, e eu não sei se é o mesmo camaleão ou se é outro. Não sei se é o camaleão José, que veio primeiro e agora está de volta, ou se de lá da casa dos camaleões ele mandou um primo, o camaleão João, para olhar aquela mulher

sozinha, sentada dentro daquele carro, pensando bobagem.

AS ÁRVORES SAGRADAS DO PIATÓ

Fazenda Currealinho, às margens da Lagoa do Piató. A poucos quilômetros de Assu, deixamos a BR e, entrando por uma estrada carroçável, chegamos à Fazenda, onde nos impressiona a imponência da casa grande, cercada por um grupo de cinco árvores imensas. Ao fundo, a lagoa, calma, translúcida e sossegada. As cabras pastam e o único ruído é o do chocalho, e das nossas vozes. As árvores são baobás. Guardam, como sentinelas, as lembranças escondidas por trás das janelas fechadas da velha casa, hoje desabitada. Plantados há muito tempo, devem ter mais de vinte metros de altura e são precisos seis homens de mãos dadas para abarcar seus troncos. Encontramos flores, pendentes dos ramos, que parecem feitas de veludo marrom, e frutos pelo chão. O céu nublado não favorece a luz exata para as fotos, e ficamos esperando uma dádiva do sol, que parece compreender e força uma abertura por entre as nuvens. Glória da natureza, as árvores esplendem à luz da tarde, capturadas pela câmera. As mãos anônimas que plantaram estes gigantes há mais de um século com certeza obedeciam a um impulso atávico de continuidade e preservação. O que se espera é que permaneçam ainda por muito tempo, para deleite e contemplação dos que ali chegarem.

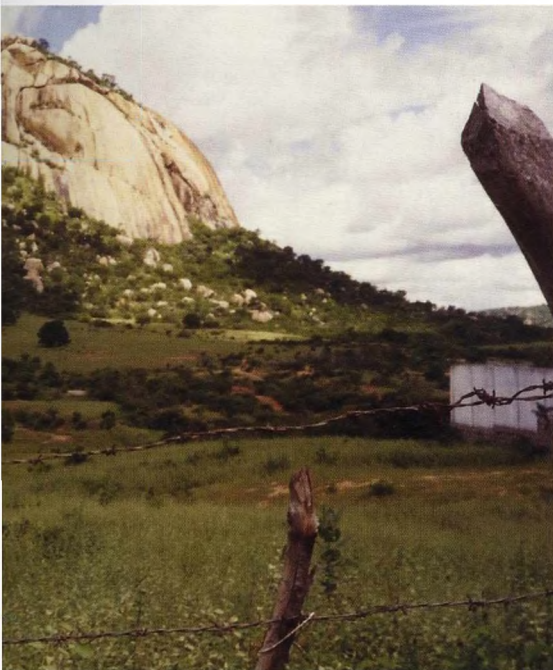
A SÍNTESE DO SERTÃO

Em Paraú, encontro a síntese do sertão: a casinha de pau-a-pique escorada na parábólica, e um caboquinho de uns nove anos de idade, um indiozinho cariri, barrigudinho, olhos puxados, com o controle remoto na mão, dominando as estações, zapeando e ouvindo os canais falarem tudo que é de língua estrangeira. O arcaico e o da-hora, o paleolítico e o pós-moderno, tudo junto e misturado, retrato do sertão contemporâneo. Na pousada, o jantar sertanejo. Arroz de leite, alvo, os pedaços amarelinhos de queijo apontando aqui e ali no meio do arroz. Carne assada, feijão macassar bem sequinho, sem muito caldo, e uma batata doce merecedora de um poema, enxutinha, uma delícia. Depois, suco de maracujá. Pedi doce, não tinha, mandaram comprar. Daí a pouco entrou a dona com o pedaço de doce espetado na ponta de uma faca. Fiquei me sentindo medieval, comendo com a faca, metendo a faca na boca e acrescentando às minhas experiências mais essa: o sertão e a sua simplicidade, das pessoas e das coisas.

RAINHA AFRICANA DO JATOBÁ

Na zona rural de Patu procuramos a comunidade de Jatobá, onde dizem que tem uns descendentes de escravos. Perguntamos o caminho a um agricultor, imenso chapéu de palha, blusão de plás-

tico. Ele passa a mão na testa, escora-se no cabo da enxada, cuba a gente dos pés à cabeça e se prepara para dar a informação. Tudo lento, calculado, no tempo dele. Encontramos a localidade, algumas poucas casas, um sossego só. Conhecemos Dona Maria da Silva, conhecida por Maurina, 59 anos, a pele perfeita de cetim negro, os olhos de deusa e o porte de rainha. Na sala humilde, senta-se na cadeira e nos recebe como se estivesse num trono, manda servir um café, que vem em xícaras desiguais e sem pires, o melhor café do mundo. E ela reinando, soberanando, e ignorando a câmera que não se cansa dela. Mas como cansar de uma mulher tão linda, a mulher mais bonita da tapera do Jatobá?



A CASA SENHORIAL

Próximo a Caraúbas, eleva-se à margem da estrada o majestoso casarão da Fazenda Sabe Muito, berço dos Fernandes Pimenta, guardando na sua imponência silenciosa os ecos de um passado cheio de poder e grandeza. Pé direito de mais de dez metros de altura, paredes de sessenta e cinco centímetros, portas de um metro e vinte de largura, janelões imensos. Nos fundos, uma casa de farinha cujo tacho tem uns quatro metros de diâmetro. Um dos donos, no século XIX, vez por outra expunha a grande quantidade de moedas que guardava em casa ao sol, em cima de esteiras, no terreiro da fazenda, para que o calor e o ar livre livrasse o ouro do mofo dos baús. A fazenda era ponto obrigatório de reuniões e de debates políticos. Dali se irradiou para toda a região a chama povoadora e civilizatória daqueles sertões, por todo o século XIX.



MAIS CONTRASTES

Em Lucrécia, ouço histórias de Lampião e visito “a cruz dos heróis”, erguida onde o cangaceiro matou alguns locais em 1927. Visito o túmulo de Francisca Sofredora, jovem e graciosa “dama da noite”, cuja história de sofrimento resgatou-a depois da morte e a elevou à condição de milagreira. Chamada a “Pérola do Sertão”, a cidade me surpreende com suas casas

todas ligadas à rede de esgoto e todas as crianças na escola, um exemplo raro de progresso contrastando com o curtume igualzinho aos da Idade Média, que visito nas margens do Umari. Os coureiros, metidos até a cintura dentro da água, vestidos de calção e chapéus na cabeça, tiram o pelo do couro com facas amoldíssimas. Grandes troncos na beira do rio servem de mesa. Depois de lavado e sem o pelo, o couro vai para dentro dos tanques cheio de “gorda”, feita de casca de angico e sal, onde fica por vinte e dois dias, sendo virado duas vezes ao dia. Se na cidade já é século 20, no curtume o tempo sequer chegou na Revolução Industrial.

A SERRA DA BARRIGUDA

Em Alexandria, encontro o grupo escolar inaugurado há 65 anos por Mário Câmara, na famosa viagem da qual participou Cascudo. Essa escola, que Cascudo diz ser “a mais linda de toda a província”, está lá completamente conservada em sua arquitetura original, e funcionando. Conheço também o alfaiate Cecílio, elegante, fidalgo, representante de uma época que não existe mais e que estava presente, sim, à inauguração do grupo escolar, em 1934. A Serra da Barriguda, diferente de todas as outras, compõe a paisagem e guarda nos seus flancos a história do homem que, após cometer um crime, em fuga, tentou subir a pedra para se esconder nos seus altos. No meio da travessia, pendurado sobre o despenhadeiro, aterrorizado, quedou-se paralisado e gritou por socorro. Os que iam em sua perseguição o resgataram tão morto de medo que, ao ser trazido à presença da autoridade, esta o absolveu do delito e o libertou, achando que ele já havia sido castigado o suficiente.

RECADOS PARA SANTANA

A vida nas alturas é uma convivência suave com o ar fino, a névoa das madrugadas e a visão da rica geografia do lugar. Em Luiz Gomes, os panoramas deslumbrantes contribuem para manter o espírito sempre cheio de alegria. Meu Deus, que

lugar lindo! A tradição da região é o trabalho com fios, as redes e o crochê. As mulheres contam:

– Lá em casa trabalhava mãe e minhas irmã, todo dia nós tirava uma quarta de fio cada uma. Mãe naquela roca, o engenho do fio, e eu mais as meninas era no fuso. Nós era uma pessoa que nunca vadiemo. Mãe soube criar nós...

A simplicidade das histórias de vida e trabalho e a devoção ingênua, como a da mulher da pousada que, ao saber que estou indo visitar a igreja, manda um recado:

– Diga à Senhora Santana que eu mandei lembrança.

De volta da igreja, digo a ela:

– Criatura, a Senhora Santana disse que está tudo bem, que aquele negócio que você está querendo pode ficar sossegada que vai dar certo.

Aí ela se abraça comigo, toda emocionada, os olhos cheios de lágrimas, e sinto que sim, que a Senhora Santana falou mesmo pela minha boca, pouco merecedora de tal honra.

DONA LUIZA

Em José da Penha, Dona Luiza está lá, cochilando na rede, a filha diz que tem uma doutora de fora querendo conversar com ela. Dali a pouco ela sai do quarto toda pronta, toda arrumada, de cocó amarrado, rosário do meu padrinho no pescoço, caminhando sozinha e apurmada, sem chamar ninguém para ajudar, senta-se na sala, fica me olhando. Peço para tirar o retrato dela, ela diz que não quer porque já está muito velha e muito feia. Aí eu digo: bom, só tiro se a senhora quiser. Ela fica assim, vai lá e vem cá, eu consigo que ela vá para a varanda e faço a foto. Dona Luiza, 93 anos. Foi ao médico pela primeira vez somente aos 72, porque levou um tiro: uma bala perdida atingiu na coxa durante uma briga na rua. Até os 90 anos tinha todos os dentes e

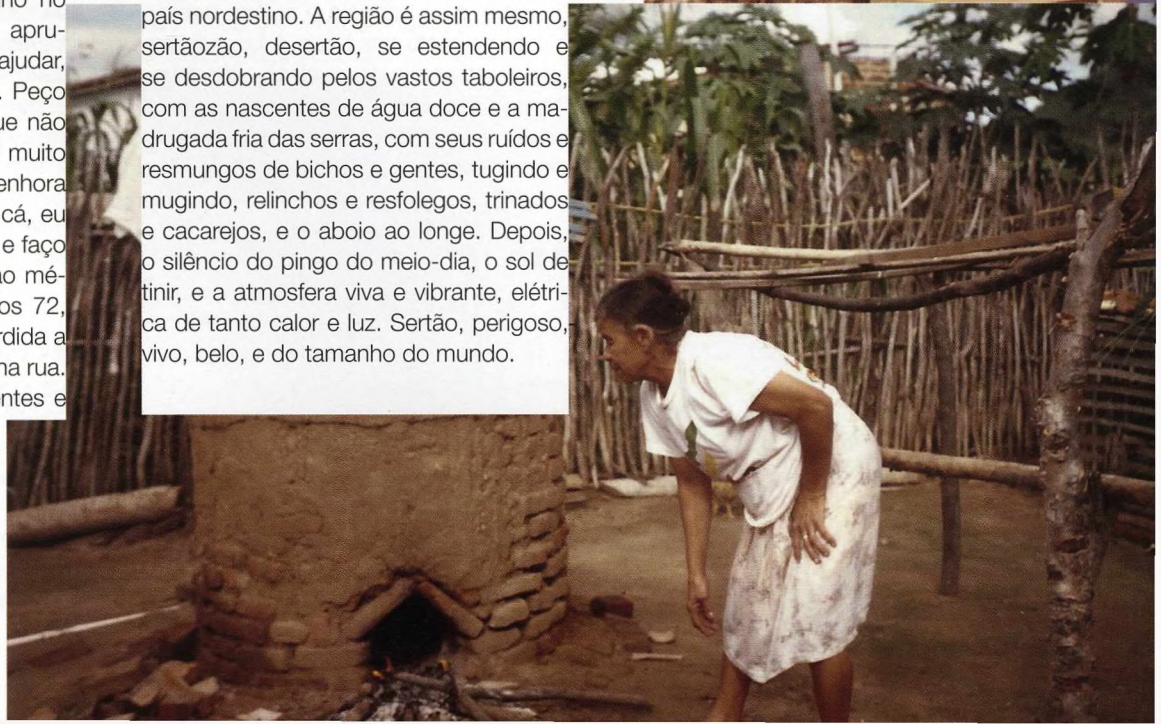
nunca usou óculos. Acorda todo dia às quatro, ainda com escuro, para nadar no rio. E me conta histórias de cangaceiros, secas e romarias.

ESTRANHA GASTRONOMIA

Encontro a população de Apodi unida em torno de um projeto de restauração da Igreja Matriz, depredada na década de 1960 pelo catolicismo burro, que não respeitou os altares e ornamentos do templo. Capitaneados pela advogada Dodoira, os habitantes localizaram fotos antigas e estão restaurando por conta própria os altares originais da bela Matriz. Deslumbrada com o Lagedo da Soledade, ouço histórias e, na pousada, assisto incrédula a uma tropa de rapazes, que desde a madrugada lidam no campo, quebrarem o jejum às sete e meia da manhã com pratos imensos de buchada de bode. É sertão!

FINALMENTE, O SERTÃO

A região que a gente encontra quando dá as costas para o litoral e sai no rumo contrário é a terra mais bonita que há para se ver. As esplêndidas paisagens, a gente hospitaleira, a comida deliciosa, o pulsar poderoso da tradição, tudo isso me convence de que o Sertão é o que há de mais forte e real que existe neste nosso país nordestino. A região é assim mesmo, sertãozão, desertão, se estendendo e se desdobrando pelos vastos taboleiros, com as nascentes de água doce e a madrugada fria das serras, com seus ruídos e resmungos de bichos e gentes, tuggingo e mugindo, relinchos e resfolegos, trinados e cacarejos, e o aboio ao longe. Depois, o silêncio do pingo do meio-dia, o sol de tinger, e a atmosfera viva e vibrante, elétrica de tanto calor e luz. Sertão, perigoso, vivo, belo, e do tamanho do mundo.



A VIAGEM DE CLOTILDE TAVARES, 65 ANOS DEPOIS DE CASCUDO, EM NÚMEROS

4.597,20 reais gastos, através do apoio de **8** empresas e **9** prefeituras do interior • **14** dias empregados • **1.963** quilômetros percorridos • **226** litros de gasolina consumidos • **15** horas de entrevistas e depoimentos gravados • **252** fotos batidas com uma câmera analógica • **12** palestras proferidas pela escritora para um público total de **900** pessoas • **1** palestra transmitida ao vivo pela rádio • **3** entrevistas concedidas ao vivo para rádios comunitárias • **14** refeições típicas sertanejas desfrutadas (arroz de leite, batata doce, cuscuz, feijão macassar, paçoca, carne assada e linguiça) ●

ROTEIRO PERCORRIDO

Dia	Hora	Origem	Destino
16/05	9h00	Natal	Macaíba
"	11h00	Macaíba	Santa Cruz
"	16h00	Santa Cruz	Cerro Corá
17/05	10h00	Cerro Corá	Assu
18/05	16h00	Assu	Paraú
19/05	16h00	Paraú	Campo Grande
20/05	10h00	Campo Grande	Caraúbas
"	16h00	Caraúbas	Patu
21/05	17h00	Patu	Lucrécia
22/05	16h00	Lucrécia	Alexandria
23/05	16h00	Alexandria	Luís Gomes
24/05	11h00	Luís Gomes	José da Penha
"	16h00	José da Penha	Pau dos Ferros
25/05	16h00	Pau dos Ferros	Itaú
26/05	11h00	Itaú	Apodi
27/05	9h00	Apodi	Mossoró
28/05	9h00	Mossoró	Areia Branca
29/05	9h00	Areia Branca	Natal



Clotilde Tavares é brasileira de Campina Grande e escritora. Atualmente vive e trabalha em Natal, de onde alimenta o blog umaseoutras.com.br.

Por Helder Macedo

No período que vai de 1633 a 1654, o território da Capitania do Rio Grande esteve sob domínio holandês, gerenciado pela Companhia das Índias Ocidentais. A abundância de gado, açúcar, farinha e peixe, além da importância da costa atlântica do Rio Grande, certamente foram motivos que levaram à tomada desse território, dentro do plano mais geral de conquista das fontes produtoras do açúcar traçado pelos batavos. Esse período é visto, pela historiografia clássica norterriograndense, como um tempo de muita devastação, roubos, saques, mortes e violência. Ressaltemos, a propósito, a construção de uma figura tida como aterradora e sanguinária nessa historiografia, a de Jacob Rabe, um *truculento orientado*, nas palavras de Luís da Câmara Cascudo. No âmbito da capitania do Rio Grande, as *experiências* dos holandeses com os nativos, além de garantirem pactos de aliança militar para propiciar sua estada mais prolongada abaixo do Equador, permitiram que os europeus conhecessem mais de perto outra alteridade, diferente dos potiguara encontrados ao longo da costa: a dos tarairiu, índios que habitavam a vastidão das áreas sertanejas e que os cronistas holandeses chamavam de *aliados infernais* – segundo a historiadora Cristina Pompa – fundindo, numa só expressão, a cumplicidade de ordem militar e a percepção da sua natureza guerreira e violenta.

Poucos empregados da Companhia das Índias Ocidentais estiveram durante longo tempo junto desses índios no sertão, observando o seu comportamento e descrevendo, em anotações que foram posteriormente publicadas, os seus costumes. São conhecidas as viagens sucessivas de Jacob Rabe, Roeloff Baro e Pieter Persijn, nas décadas de 1640 e 1650 do século 17, em companhia das tribos lideradas pelo rei Janduí, na condição de intérpretes e emissários das autoridades coloniais holandesas junto aos tarairiu. Jacob Rabe compôs um relato informando a sua vivência no sertão do Rio Grande durante quatro anos, incluindo o registro da vida cotidiana dos tarairiu, que foi apresentado a Maurício de Nassau. Infelizmente, o documento original não mais existe. Entretanto, conhecemos o texto escrito por Rabe através dos livros de Gaspar Barléus e de Jorge Marcgrave, que se apropriaram do relato nas suas obras sobre a América holandesa.

No fim da década de 1640, todavia, os pilares que sustentavam a presença holandesa nos trópicos começam a apresentar sinais de fragilidade. Concorreram, para isto, o fim da União das Coroas Ibéricas, com a restauração do trono português (1640) e o início do movimento de insubordinação dos luso-brasílicos contra o monopólio da Companhia, lembrado, na historiografia, como Insurreição Pernambucana (1645). Nesse cenário de convulsões e alvoroços aconteceram os conhe-

cidos massacres de Cunhaú e Uruaçu, incitados sob o comando de Jacob Rabe – que foi morto em uma emboscada em 1646. A notícia da morte de Rabe chegou até os índios que seguiam o rei Janduí, os quais ameaçaram veementemente romper sua aliança com os holandeses. Como a ameaça não se consumou e reconhecendo a boa vontade de Janduí, a Companhia das Índias Ocidentais nomeou Roeloff Baro para viajar ao sertão e reafirmar o pacto com os tarairiu. A leitura do diário da viagem de Roeloff Baro, tendo como parâmetros a releitura da tradução feita pelo historiador Benjamin Teensma, nos leva a reconhecer espaços que a partir do século 18 seriam incorporados ao território da ribeira do Seridó: a Serra de Santana, o rio Acauã e o rio Picuí.

Sua primeira viagem oficial onde tratou das alianças com o rei Janduí se deu entre maio e julho de 1646, com o objetivo de tranquilizar os índios que estavam enfurecidos desde o assassinato de Rabe. Conduziu para o sertão, junto com essa difícil tarefa, vinho, cachaça e quinquilharias, como era de praxe. Tendo regressado à ribeira do Ceará-Mirim, onde morava, sua segunda viagem iniciou em 3 de abril de 1647. Nessa época chovia forte, a ponto das terras do litoral e das adjacências encontrarem-se embebidas pelo aguaceiro que caía e que se acumulava nos rios. O inverno incidia com força total sobre a Capitania do Rio Grande e essa situação fez com que Roeloff Baro não

♦ neerlandiã



*Roeloff Baro e
sua viagem ao sertão do
Rio Grande em 1647*

cumprisse imediatamente, como queria, a ordem recebida da Companhia das Índias Ocidentais de ir a Janduí e renegociar as alianças.

A expedição era pequena numericamente, composta do próprio Baro, do ajudante polonês João Strass, de um índio potiguara e três *tapuias*, acompanhados de quatro cães para garantir a caça necessária à alimentação. Durante mais de quinze dias, o grupo tentou iniciar o itinerário que levaria até os domínios do rei Janduí. Porém, o excessivo transbordamento das águas os reteve nas margens, quase sempre retornando à ribeira do Ceará-Mirim. Em 21 de abril, aos expedicionários se juntaram mais dois potiguara que Baro tomou de uma aldeia nas proximidades de onde morava – ocasião em que conseguiram cruzar o leito do Camaragibe, afluente do Potengi. Do outro lado do rio encontraram dez *tapuias*, recém-saídos de uma travessia, a nado, do leito caudaloso do Potengi. Haviam sido enviados pelo rei Janduí com a função de encurtar o tempo da viagem de Baro, dado serem hábeis conhecedores dos caminhos e dos atalhos para se transitar por entre os cajuzais. Em 23 de abril cruzaram o rio Potengi, perto de sua foz; um dia depois atravessaram o rio Pitimboa (atual Pitimbu); em 25 de abril passaram pelo Pirausie (atual Pirangi) e em 26 transpuseram o rio Monpabu (atual Trairi). Dirigiram-se para oeste e depois para norte, até atingir as cabeceiras do rio Monpabu, onde descansaram por alguns dias. Continuando na marcha em direção ao noroeste, o grupo alcançou, em 13 de maio, um afluente meridional do Potengi. Em 19 de maio o grupo chegou a um dos contrafortes da Serra de Macaguá – também chamada de Serra da Acauã. Nos dias de hoje, essa elevação é conhecida como Serra de Santana, em cujo território estão encravados os municípios de Cerro Corá, Lagoa Nova, Tenente Laurentino Cruz e Florânia.

Em 22 de maio de 1647, a expedição de Baro desceu a Serra de Macaguá, caminhando por entre pântanos e espinheiros, até encontrar, na tarde desse mesmo dia, quatro guerreiros tarairiu montados a cavalo, na desembocadura do rio Picuí, à espera dos viajantes. Os guerreiros montados conduziram Baro e seus companheiros até o acampamento do rei Janduí,

que ficava localizado às margens da Lagoa de Macaguá. Ali encontraram apenas mulheres e crianças, já que os homens haviam partido em campanha de guerra há alguns dias. A 26 do mesmo mês, Janduí chegou ao acampamento com seus homens, dando as alvíssaras a Baro e a seus liderados. O embaixador neerlandês, por sua vez, entregou ao régulo uma carta enviada pelo Conselho do Recife e anunciou que deixara com um seu subordinado um rol de presentes para selar a aliança entre os nativos e os holandeses.

A chegada de Baro foi saudada com lutas na areia entre os rapazes tarairiu, após um jantar com o rei Janduí a 27 do mesmo mês e com o *correr a árvore*, praticado no dia seguinte. Uma dessas corridas foi presenciada por Roeloff Baro quando os índios comandados pelo rei Janduí iniciaram sua jornada anual rumo ao platô de Macaguá, em 28 de maio daquele ano. Os homens correram pela planície, em *velocidade inigualável*, atrás de ratos capturados com antecedência, conduzindo pesados troncos de árvores – corrida que durou uma hora e da qual chegou a participar o *ancião Janduí* quando estavam a mais de uma légua de distância do rio Picuí. Durante a gradativa subida da serra, os tarairiu *correram a árvore* diversas vezes.

Através dessa prática de correr com os troncos nas costas, os jovens índios podiam demonstrar sua destreza, força física e agilidade para as futuras companheiras, considerando que o deslocamento periódico da lagoa para a serra era marcado por dois ritos de passagem: o casamento coletivo e a admissão das crianças como guerreiras da tribo (o *batismo*, como aparece no relato). Ritos que tiveram lugar numa das chãs da Serra de Macaguá, no começo do mês de julho, após Baro ter vivenciado, durante mais de um mês, o cotidiano dos tarairiu. No *batismo* dos pequenos índios, um feiticeiro – em transe provocado pela ingestão de bebida preparada com sementes de ipepaconha torradas – furava o lábio inferior e suas orelhas com um espeto de pau, alocando, nos furos, pedras brancas, seguindo-se a sua condução para a sombra de uma ramada, onde receberam a bênção do *diabo*. Mediante a releitura do diário de Baro feita por Benjamin Teensma, é possível que o termo *diabo* designasse uma das divinda-

des reverenciadas pelos tarairiu, chamada de Taúba, que ora se escondia dentro de um cabaço cheio de caroços e pedrinhas, ora aparecia personificado em um índio no meio dos demais. A aparição de Taúba dentro do cabaço – que simbolizava o poder espiritual de Janduí – se dava quando os *feiticeiros* o invocavam, geralmente após ingerirem a bebida de ipepaconha diluída em água ou sorverem o fumo do tabaco. De dentro do cabaço, o espírito Taúba aconselhava os índios acerca de assuntos das mais diversas naturezas e estabelecia vaticínios sobre as condições de sobrevivência do grupo frente ao uso dos recursos naturais. Estava presente, também, quando as roças do platô eram abençoadas, nas solenidades de *batismo* das crianças e nos casamentos coletivos, ocasiões presenciadas pelo emissário da companhia.

Roeloff Baro desempenhou, também, o papel de tradutor do mundo ocidental-neerlandês para os nativos que caçavam, pescavam e colhiam mel silvestre nos campos e montanhas do sertão da Capitania do Rio Grande. Conheceu o dia-a-dia dos tarairiu e alguns de seus ritos de passagem, compartilhou da maneira como os índios se alimentavam e subiu a Serra de Macaguá com eles. Mas as notícias que vinham do litoral não eram nada animadoras para os neerlandeses. A 7 de julho, Baro deixava a Serra de Macaguá com destino ao litoral, onde se apresentou, uma semana depois, ao comandante interino do Forte Ceulen, Cornélio Bayaert. Em seguida, retornou a sua casa, na ribeira do Ceará-Mirim, não vivendo muito depois disso para assistir a perda da hegemonia neerlandesa da sua colônia americana. Em agosto de 1648, Baro pediu demissão do serviço militar e morreu meses depois, estando sepultado, provavelmente, em algum ponto da ribeira do Potengi, próximo à costa.

O relatório dos acontecimentos dessa missão de Baro junto aos tarairiu foi levado ao Recife, sede da Companhia das Índias Ocidentais em território americano, onde foi consultado e traduzido para o francês pelo historiador Pierre Moureau, não restando nenhum indício de existência do original em holandês. A publicação do relato de Baro se deu na França, em 1651, e em Amsterdã, um ano após, como anexo do livro *História das últimas*

lutas no Brasil entre holandeses e portugueses, de Pierre Moureau.

Pouco mais de cinco anos depois e face às constantes pressões dos insurretos pernambucanos e à situação política que se desenhou na Europa, os holandeses abandonaram as capitanias do norte, que foram restituídas ao domínio lusitano. Nesse ínterim, os tarairiu chefiados pelo rei Janduí foram visitados por Pieter Persijn, que manifestara interesse convicto em buscar minerais pelo sertão e posteriormente trocara cavalos selvagens capturados pelos índios por machadinhas, facas e tesouras de aço. Após o retorno dos holandeses à Europa, as hostilidades entre os tarairiu e os colonos luso-brasílicos se prolongariam dos anos 1660 do século 17 em diante, quando a monarquia católica lusitana retomou o projeto de colonização das suas possessões na América. A vida dos tarairiu nunca mais seria a mesma. ●

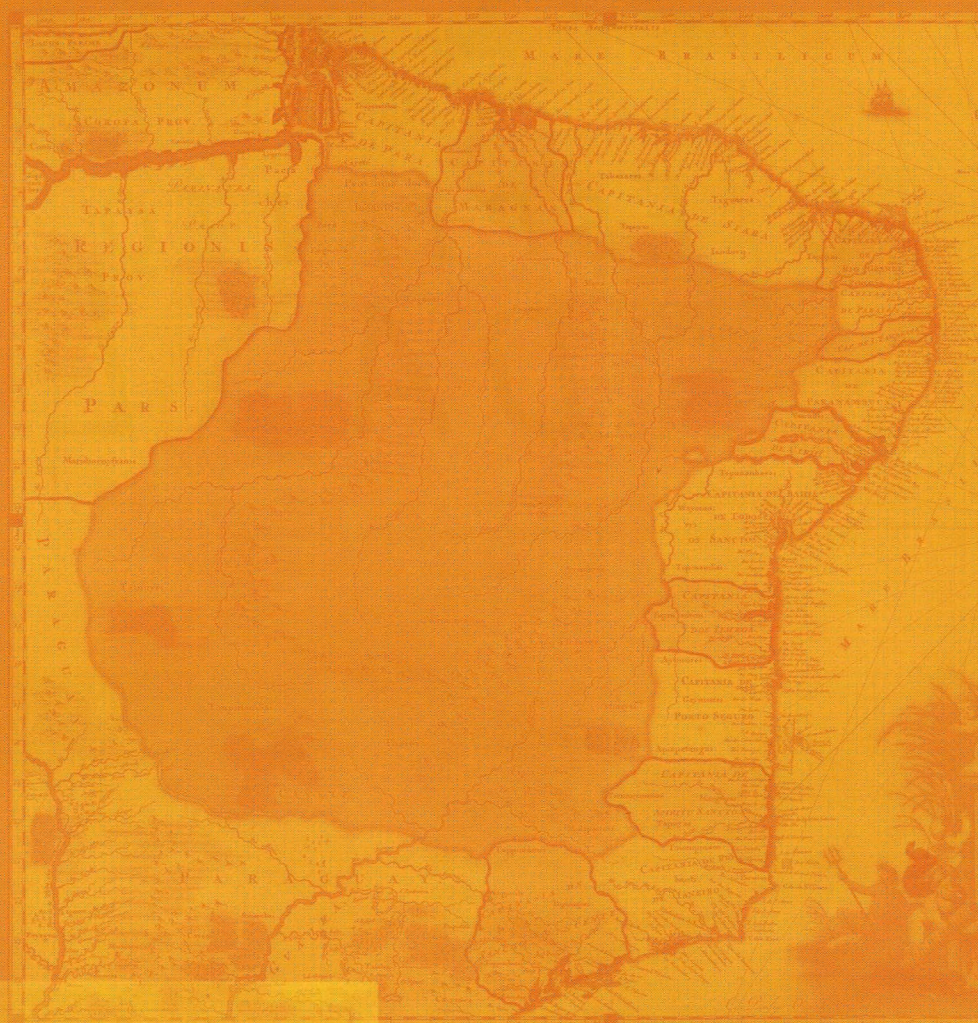


Ilustração anterior: índio tapuia retratado pelo pintor holandês Albert Eckhout. Nesta página, mapas do nordeste no século 17.

Helder Macedo é brasileiro de Currais Novos, mas sempre morou em Carnaúba dos Dantas, com breves incursões em Natal. Atualmente, vive no Vale do Rio Carnaúba onde conclui pesquisa e doutorado em História junto à Universidade Federal de Pernambuco.

O ESPÍRITO DA LINHA

Por Angeles Laporta | Tradução do espanhol por Mário Ivo Cavalcanti

"J'ai refait tous les calculs... notre idée est irréalisable.
Il ne nous reste qu'une chose à faire: La réaliser!"

(Pierre-Georges Latécoère)

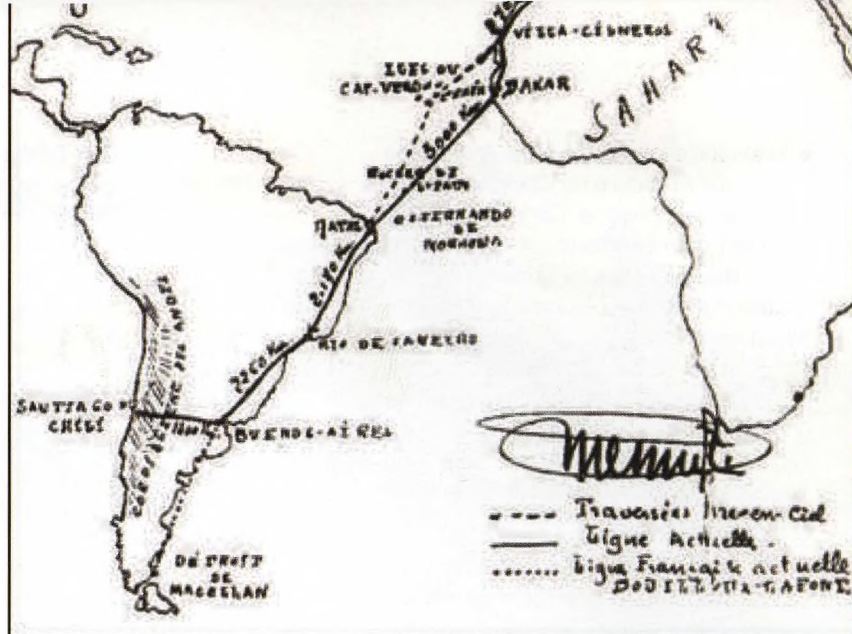
A cidade de Toulouse decidiu fazer de 2011 *O ano de Saint-Exupéry*, homenagem, honraria concedida não apenas ao escritor, mas ao piloto e humanista, uma figura lendária entre os muitos aviadores que, como ele, permitiram que a cidade francesa se tornasse a *capital europeia da aeronáutica*. Com o patrocínio do governo francês e espanhol, foi montada uma grande exposição durante os meses de julho, agosto e setembro, recordando as lembranças daqueles homens solitários, mas parceiros na vida e na morte.

Ao resgatar a memória do abandono das estantes e evocar os nomes das cidades estrangeiras por onde se aventuraram os pioneiros da aviação, surge, repetidamente, entre nomes por vezes estranhos e exóticos, um destino: Natal.

Natal, cuja importância ultrapassou fronteiras sem alçar sua sombra do chão, aparece frequentemente nos registros dos jornais, nos telegramas enviados por estes homens ousados, anunciando suas chegadas e partidas, seus pousos e decolagens, em cartas escritas à mão num quarto da Vila Barros, nas anotações e rascunhos de rotas, nos esboços tênues de mapas – e, em todas essas situações, legando ao presente os detalhes das aventuras de quem uma vez *viu, soube, e escreveu* sobre um tempo de promessas e audácia aérea, primeiras décadas do século 20.



AEROPOSTALE



Na página anterior, foto autografada de Exupéry e cartaz da Aeropostale. Nesta página, à esq. mapa da Aeropostale; acima, mapa com assinatura de Mermoz

Na coleta desses papéis e documentos, expostos, dispostos em leque sobre mesas e painéis, o nome de Natal cresce, e se agiganta. Um nome gravado e espalhado em diferentes línguas, desde o território francês até às antípodas do continente europeu. Um nome que se mistura aos fatos históricos – que a memória comum transformou em mitos e lendas – protagonizados por esses aventureiros indômitos das novas e pioneiras rotas aéreas que cruzaram três continentes – Europa, África, América. Um nome que se repete – em documentos pessoais e oficiais, em páginas gloriosas de livros de ficção e de história, em fotografias gastas que de tão pequenas tornam-se grandes – quase como um sonho, evocando não apenas conquistas de voos impossíveis, mas os silêncios, as noites, os horizontes, a solidão dos visionários.

O IRREALIZÁVEL

A história da aviação está cheia de homens que, em nome dos seus países – ou das suas próprias loucuras –, pela razão ou visão puramente comercial, chegaram e partiram de Natal.

Pierre-Georges Latécoère era um desses homens, um francês para quem não era suficiente criar uma nova rota aérea e para quem o mundo não podia ter limites no espaço e no tempo. Com a eclosão da Primeira Grande Guerra, Latécoère é des-

tinado à artilharia, mas não participa das batalhas por problemas oculares. Seu comandante lhe confia a produção de obuses, já que havia herdado do pai uma fábrica que construía vagões de trem. Ambicioso, a Pierre-Georges não lhe basta esse grande contrato – e dá início a um projeto para trabalhar, enfim, com sua grande paixão: a aviação. Assim, em 1917 é contratado para construir mil aviões de guerra (800 deles entregues antes do armistício, em novembro de 1918) e constrói em menos de sete meses um galpão-fábrica com uma pista de pouso própria. É durante um de seus voos que imagina uma rota que parte do seu país, passa pelas colônias francesas na África e liga os dois continentes com a América do Sul, para dar suporte ao correio europeu. Ele desenvolve o projeto e o entrega ao governo francês em setembro de 1918. Dois meses depois nasce oficialmente a *Société des Lignes Latécoère*.

Em março de 1919, driblando a feroz oposição dos governos da Alemanha (a quem após a guerra somente restava uma tentativa de expansão até a América) e da Espanha (que colocava empecilhos a quem desejasse sobrevoar seus territórios continentais e insulares), voa desde Toulouse, fazendo três paradas em território espanhol, e aterrissando por fim em Rabat, no Marrocos, onde entrega ao marechal Lyautey, que o aguardava, o jornal *Le Temps*, comprado naquela mesma

manhã em Toulouse, e, à mulher deste, um buquê de violetas frescas, colhidas no dia anterior. Com o apoio do marechal, então governador militar do Marrocos, funda as *Lignes Aériennes Latécoère*.

“A Linha”, como ficou conhecida a companhia, logo começa a ser respeitada por cumprir rigorosamente os prazos de entrega do correio, graças aos esforços de sua equipe de pilotos, que enfrenta a cada viagem os mais difíceis percalços no norte africano – do mau tempo e acidentes, até sequestros e mortes. Em 1922, aos 39 anos de idade, Pierre-Georges Latécoère retoma seu antigo projeto para expandir a rota e desenvolver os serviços postais, e faz, e refaz, uma e outra vez, os cálculos para chegar à América do Sul a partir da África. É aqui que o nome de Natal se repete uma e outra vez nas folhas originais. Destes cálculos e revisões, resta a frase memorável de Latécoère:

Eu tenho feito todos os cálculos... nossa ideia é impossível de ser realizada. O que só nos resta uma coisa a fazer: realizá-la!

ARTISTAS DE CIRCO

Latécoère começa a procurar investidores e viaja ao Rio de Janeiro em dezembro de 1926, onde encontra outro francês, um banqueiro que vive, investe e constrói no Brasil: Marcel Bouilloux-Lafont – já financiador, construtor e administrador dos portos da Bahia e do Rio

e fundador da SUDAM (*Sud Américaine de Travaux Publics*) e da *Companhia Brasileira de Imoveis e Construções*. O encontro com Bouilloux-Lafont demonstra ser decisivo. Para ter sucesso em seu projeto, Latécoère renuncia a 93% das ações da companhia em favor do sócio, e, embora os aviões mantenham o nome *Laté*, a nova companhia de correio postal é batizada, em 1927, como *Compagnie Generale Aéropostale*, que logo passa a ser conhecida simplesmente como *Aéropostale*.

O espírito obstinado de Pierre-Georges Latécoère provavelmente deve ter influenciado Didier Daurat, seu braço-direito, piloto e chefe de operações. Admirado e odiado pelos seus colegas, para Daurat era inaceitável que um piloto não conhecesse profundamente o avião que pilotava – e aqueles que fraquejavam diante da morte de um colega eram demitidos sumariamente. Inflexível quanto à pontualidade, foi o responsável direto pela contratação dos três pilotos mais conhecidos da história da aeronáutica: Antoine de Saint-Exupéry, Henri Guillaumet e Jean Mermoz. Ficou famoso o episódio da contratação do herói Mermoz que, procurando mostrar suas habilidades como piloto, exibiu-se numa série de acrobacias. Daurat apenas lhe disse, antes de mandá-lo, como punição e aviso, limpar os motores dos aviões:

Je n'ai pas besoin d'artistes de cirque mais de conducteurs d'autobus.

Nenhum dos pilotos, claro, era, nem queria ser, artista de circo, e muito menos meros motoristas de ônibus. Mas amavam a aviação, e submetiam-se às regras da companhia, incorporando em suas expedições o espírito da *Linha* – onde o último obstáculo não pode existir – quase como uma fonte moral e diária para a sua sobrevivência. Intrépidos, desafiando todos os perigos, apoiados apenas por uma ainda primária mecânica aeronáutica, a inclemência do mau tempo, os frequentes acidentes e as mortes, todos os pilotos pareciam comungar com Mermoz – que deixou registrado dois recordes na história da aviação entre Saint-Louis, no Senegal, e Natal – e costumava dizer:

L'accident, pour nous, ce serait de mourir dans un lit.

O acidente, para esses pilotos, seria morrer numa cama. Por isso, voavam. E escreviam, e publicavam, e tiravam fotografias das terras que sobrevoavam, como alvos íntimos para as suas anotações no silêncio solitário dos voos – assim descreve Mermoz sua chegada a Natal em 12 de maio de 1930:

Uma hora depois de passar pela ilha de Noronha, Gimié estabeleceu a posição de Natal, o objetivo! Diante de mim, acima do horizonte, desenha-se lentamente um rochedo. A vista da terra, depois de ter cruzado o oceano, deslumbra-me. Foi um minuto emocionante, o grande minuto de nossa travessia. Eu lancei um grito e Dabry e Gimié acorreram. Não abri a boca. Dabry grita: "Saint-Roques!" Com um mesmo enlevo, estreitamente solidários, nós sentimos a força da nossa colaboração e provamos da mesma embriaguez, a da vitória. Natal estava abaixo de nós; eu embiquei [o avião] em direção à base da AÉROPOSTALE instalada no Rio Potengi. Descrevi uma larga curva, fiz um "reconhecimento do terreno"; o aparelho passa perto das barcaças, reaproximou-se do rio e a amerissagem foi fácil. Em 21 horas e 15 minutos, nosso avião trouxe de Saint-Louis a Natal as cartas que tinham sido transportadas antes, de Toulouse a Saint-Louis em 24 horas, por Beauregard, Emler e Guerrero. Quarenta e cinco minutos após o nosso desembarque, Vanier deixou Natal, transportando o correio para o Rio de Janeiro. Reine as levou para Buenos Aires e Guillaumet fez o último percurso até Santiago do Chile. A primeira travessia aérea postal do Atlântico Sul tinha sido realizada, de Toulouse a Santiago do Chile – 13.400 quilômetros – em 108 horas e 40 minutos, das quais 20 horas e 40 minutos passadas em escalas.

E Saint-Exupéry – que, sim, esteve em Natal, e talvez tenha sido quem mais e melhor escreveu sobre as experiências, as viagens, os lugares onde esteve, os pilotos, os homens – retratando em *Voo noturno* a dura relação entre o chefe dos pilotos (inspirado claramente em Daurat, a quem o livro é dedicado) e seu subordinado Fabien (inspirado em Guillaumet):

Arranco-o ao medo. Não é ele que eu ataco, mas, sim, através dele, aquela resistência que paralisa os homens perante o

desconhecido. Se lhe dou ouvidos, se o lastimo, se tomo a sério a sua aventura, ele vai se imaginar de volta de uma terra misteriosa e é precisamente o mistério que ele teme. É preciso que haja homens que tenham descido a esse poço sombrio e que, ao voltar à superfície declarem que não viram nada. É preciso que este homem se embrenhe na profundidade da noite, nas trevas espessas, sem nem sequer o auxílio da pequena lâmpada de mineiro, que apenas ilumina as mãos ou a asa, mas que cria um estreito fosso entre si e o desconhecido.

ÚLTIMO VOO

Ode e elegia a si mesmo, aos três pilotos, que provavelmente nunca esqueceram que – um dia, quem sabe – beberam suco de caju, chuparam mangas, comeram raiwas e galinhas cabidelas, foram recebidos pela banda da cidade e pelas autoridades em fila, suportando as horas de espera, e que falaram as línguas estranhas do porto, das ruas, das camas de lençóis nem sempre alvos, que voaram sobre as dunas e o rio, que ainda mortos são afastados da terra, ignorados pela terra, esquecidos pela terra, e que jazem, Antoine, Henri e Jean, nas águas profundas, entre os murmúrios das lembranças.

Saint-Exupéry, de novo:

Eu dizia para comigo: "Estou disposto a ser um viajante, não quero ser um emigrante. Aprendi na minha terra tantas coisas que são inúteis em outro lugar".

Vinte e cinco países europeus, africanos e sulamericanos utilizaram os serviços da *Aéropostale*, 32 milhões de cartas foram transportadas, 3,5 milhões de quilômetros voados, 300 voos completados, 72 pilotos, 200 mecânicos, 50 operadores de rádio, 200 aviões, 10 hidroaviões. A *Aéropostale* não sumiu – como Henri Guillaumet não desapareceu para sempre nas águas do Mediterrâneo. Está aí a *Air France*. A *Latécoère* não sumiu – como Jean Mermoz não foi esquecido em algum ponto do Atlântico. É o atual *Le Groupe Latécoère*, um dos maiores fabricantes europeus de peças para a indústria aeronáutica, com parcerias importantes com *Airbus*, *Boeing*, *Bombardier*, *Dassault Aviation* e a brasileira *Embraer*. Antoine de Saint-Exupéry não sumiu sem

deixar rastro entre o céu e o Mediterrâneo. Apenas *O pequeno príncipe* já teve mais de 130 milhões de cópias vendidas e foi traduzido em 257 línguas e dialetos em todo o mundo. E se lhes conto todos esses detalhes é porque – como escreveu Saint-Ex em sua obra mais famosa – *les grandes personnes* adoram os números. *Mais, bien sûr, nous qui comprenons la vie, nous nous moquons bien des numéros!* (Mas nós, nós que compreendemos a vida, nós não ligamos aos números!).



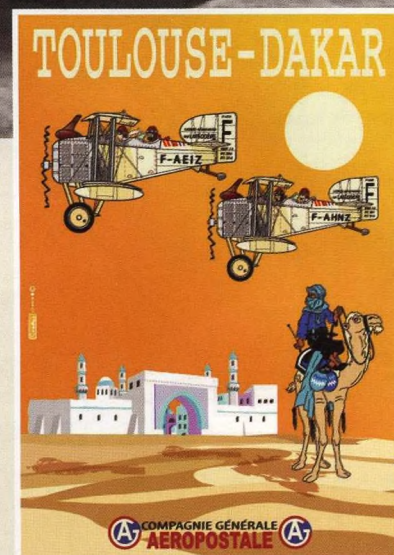
CORPOS NÃO ENCONTRADOS

7 de dezembro de 1936. Dois dias antes de completar 35 anos, Jean Mermoz desaparece num vôo sobre o Atlântico. Havia partido de Dakar com destino a Natal. O corpo nunca foi encontrado. *Mes vols* e *Défricheur du ciel* são publicados postumamente.

27 de novembro de 1940. Henri Guillaumet, voando para Beirute, é abatido sobre o Mediterrâneo por um caça italiano. O corpo nunca foi encontrado. Jean-Jacques Annaud fez um filme em sua homenagem: *Les ailes du courage*.

31 de julho de 1944. Um dia antes do desembarque aliado na Provença, o Dia D, num vôo de reconhecimento e observação fotográfica rumo à Córsega, Antoine de Saint-Exupéry desaparece nas águas do Mediterrâneo e no mistério. O corpo nunca foi encontrado. Em 1998, um pescador de Marselha acha em sua rede de pesca a pulseira de identificação do piloto. Dois anos mais tarde, algumas peças do seu avião são encontradas. Em 2008, Horst Ripper, um ex-piloto alemão da Luftwaffe, revela ter derrubado o avião de Saint-Ex. Saint-Exupéry publicou em vida *L'aviateur*, *Courrier sud*, *Vol de nuit*, *Terre des hommes*, *Pilote de guerre*, *Le Petit Prince*, *Lettre à un otage*. Postumamente foram publicados *Citadelle*, *Lettres à une jeune fille*, *Lettres de jeunesse 1923–1931*, *Carnets*, *Lettres à sa mère*, *Un sens à la vie*, *Écrits de guerre 1939–1944*, *Manon, danseuse*, *Lettres à l'inconnue*.

No sentido horário, hidroavião quadrimotor "La Croix du Sud", de Jean Mermoz, em sua última travessia do Atlântico; cartazes publicitários da Aeropostale; anotações de Latécoère sobre travessia do Atlântico, Dakar-Natal



Esq. Dakar - Natal
Pernambuco

Distances exactes

Dakar à Praia	600 Kil	
Praia à St Paul	1530	} Dakar Natal 3300 klm
St Paul à Moronha	730	
Moronha à Natal	380	
Dakar - Natal:	<u>3340</u>	
Moronha Pernambuco	541	
diff. entre	157	
Dakar - Pernambuco:	<u>3497</u>	total <u>3500</u> K

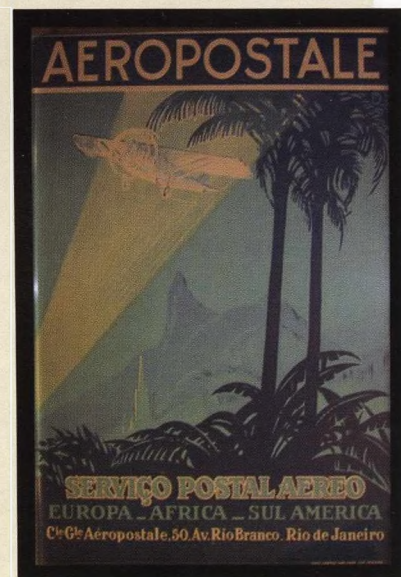




PHOTO
ASSOCIAT-PRESS
NORTE-NATAL

No sentido horário, Amelia Earhart e Fred Noonan posam ao lado de autoridades natalenses antes de partirem para a África; telegrama e documento sobre escala que fez em Natal na sua viagem de volta ao mundo; Amelia Earhart diante do seu avião em Natal; vista aérea do litoral potiguar fotografado por Amelia Earhart

Min. C.A.A. **MINISTERIO DA MARINHA** 15/6/1937
 SERVIÇO DE COMUNICAÇÕES 201. N. J. L. AMÉRICA
 E. M. D. A.

Origem de: NATAL Data: 15-6-1937

ESPECIAL	PARTICULAR	TAXA	R.
Assunto: Exped. de Amelia Earhart	Assunto: Exped. de Amelia Earhart		
Radiotelegráfico	DE LULA, 190 25274-25278		
Radio			
Telegráfico			
Cable			

EMISSOR: COMANDANTE BARBOSA MARIN PARA MISS EARHART
 DESTINO: NATAL

NOTA: ACCEPT BY WEST-INDIES WITH FOUR-DETERMINED AND NAVIGATOR'S
 FRED NOONAN FOR YOUR STOP TO AFRICA OVER THE SOUTH ATLANTIC
 CAPTAIN BAGLER DE AQUINO BRAZILIAN NAVY

10 10 1937 15 1937 10/37

Recebido em: _____ às _____ por _____ de _____
 Transmissão a: _____

SX143...

RIO DE JANEIRO, JUNE 7.--(UP)--AN AIR FRANCE RADIO MESSAGE TODAY SAID AMELIA EARHART, AMERICAN WOMAN ROUND THE WORLD FLYER, TOOK OFF AT 11:13 A. M. (12:11:3 A. M. CST) FROM NATAL FOR A 1900 MILE FLIGHT TO DAKAR, ON THE SENEGAL COAST OF AFRICA. MISS EARHART FLEW OVER THE ROUTE WHICH MAIL AVIATORS AND OTHER FLIERS USE, THE SHORTEST DISTANCE FROM COAST TO COAST --APPROXIMATELY 1900 STATUTE MILES.

MISS EARHART FLEW YESTERDAY FROM FORTALEZA, BRAZIL, TO NATAL.



PHOTO
ASSOCIATED-PRESS
NORTE-NATAL



O ÚLTIMO VOO: "EVERYTHING IS GOING FINE"

Amelia permanece alta, loira, esguia, ar de *garçon manqué*, sem exageros, sorrindo timidamente para os fotógrafos que estamparão seu retrato nos anúncios publicitários da época. Numa época onde já é bastante ousado para uma mulher vestir calças, ela não apenas as veste, como endossa botas e macacão, capa e jaqueta de couro e grandes óculos de aviador. Amelia é piloto. E como precisa de dinheiro para bancar suas viagens, costura suas próprias roupas – porque são fundamentais para suportar as baixas temperaturas e as inclemências do tempo, numa época em que a maioria dos aviões têm cabines abertas. Por isso – pelo dinheiro, pela aventura –, criou uma linha de malas de viagem e roupas esportivas com seu nome, inspirada em sua própria imagem.

A época de Amelia Earhart (1897-1937) é o ontem, o eterno. É a era dos desafios, da fortaleza de caráter e da superação de grandes distâncias – e Amelia é a primeira mulher a cruzar o Oceano Atlântico, acompanhada (em 1928); sozinha (em 1932); e, mais uma vez sozinha, a cruzar o Pacífico (em 1935). É a época de Charles Lindbergh (que também esteve em Natal, em dezembro de 1933), o famoso aviador, que a imprensa chama "Lucky Lindy". Amelia rejeita ser chamada "Lady Lindy". Suas façanhas são próprias, seus desafios são íntimos. A primeira vez que sobe em um avião para um rápido passeio, em 1920, reconhece que a sua vida mudou:

I knew I had to fly.

A mulher que sabia ter nascido para voar bate sucessivos recordes; funda a "The Ninety-Nines", a primeira organização internacional de mulheres pilotos, 99 membros; escreve livros e artigos e diários de voo; aceita ser editora associada da *Cosmopolitan*; aceita ser uma celebridade. Porque deseja que mais e mais mulheres sejam pilotos – como ela.

Em 1937, decide circunavegar o mundo, e parte, acompanhada do navegador Fred Noonan, da Califórnia, passando pelo Caribe, chegando a San Juan e daí até a Guiana Holandesa. Ainda não tem certeza se prosseguirá o voo até a África desde Fortaleza ou de Natal. Fortaleza está umas poucas milhas a menos do continente africano, mas Amelia decide por Natal, pela infraestrutura e pela reputação da cidade graças aos voos da *Aéropostale*. Em Fortaleza, enquanto reparam seu avião, ela escreve, no papel de carta do Hotel Excelsior, com lápis grafite, sua rota e o plano de voo a partir da capital potiguar.

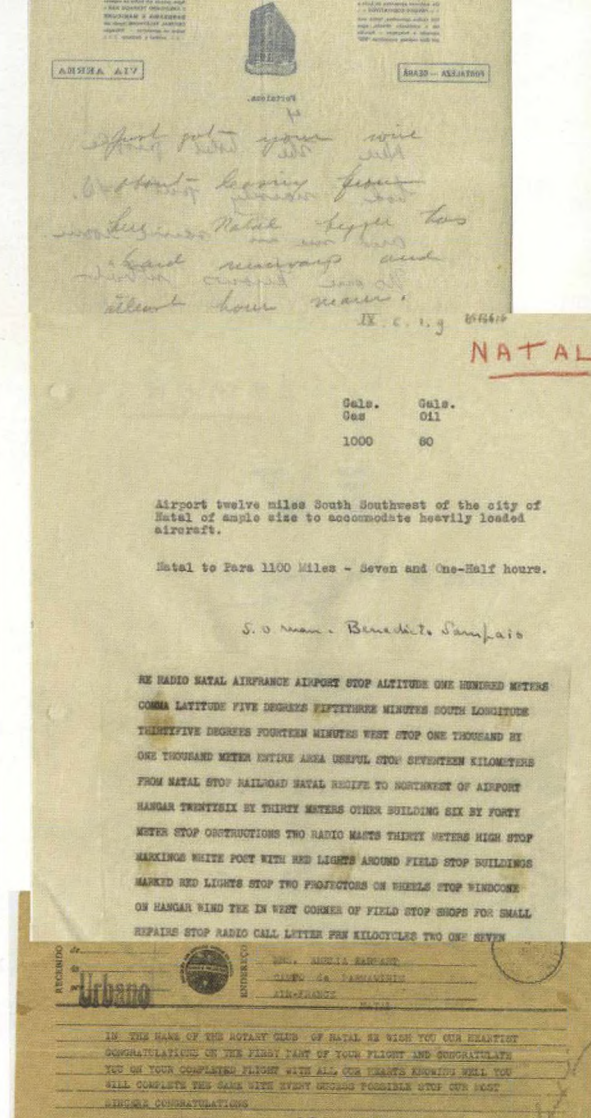
Acompanhando a expectativa mundial, as autoridades brasileiras e a sociedade natalense da época a esperam. Amelia sabe que o voo de Natal até a África será o trecho mais longo de toda a expedição. No dia 7 de junho de 1937, às 3h13, decola de Natal com uma chuva fina por companhia. Quatro horas mais tarde, ela avisa por rádio:

Everything is going fine.

Para as 1.900 milhas que separam Natal de Saint-Louis mantém o recorde estabelecido por outro piloto, a primeira mulher piloto da França e da *Aéropostale*: Marie-Louise "Maryse" Bastié, que tinha sido incentivada antes por Jean Mermoz a bater o recorde.

Seguindo viagem, parte do Senegal e cruza o continente africano, realizando o primeiro voo da África à Índia – e prossegue até a Ásia, enfrentando monções, avarias mecânicas e doenças.

Amelia Earhart e Fred Noonan desaparecem próximo à Ilha Howland, no Pacífico Sul, em 2 de julho de 1937 – uma das últimas etapas de sua travessia. O seu desaparecimento continua coberto pelo véu do tempo, do mito, do mistério. ●



PARA SABER MAIS:

História da aviação no Rio Grande do Norte, Paulo Viveiros – Natal, RN: EDUFRN, 2008.

Epopéia nos ares, Pery Lamartine – Natal, RN: Fundação José Augusto, 1995.

Saint-Exupéry na América do Sul, Pery Lamartine – Natal, RN: Sebo Vermelho, 2008.

No caminho do avião: notas de reportagem aérea (1922-1933), Luís da Câmara Cascudo – Natal, RN: EDUFRN, 2007.

Angeles Laporta é espanhola de Madri, embora sinta-se muito mais natalense. Formada em Administração e Jornalismo, atualmente vive e trabalha em Madri e frequentemente em outras cidades europeias e africanas.

♦ a s a e m i g r a n t e

**TERRA
ESTRANGEIRA**

Por Silvio Santiago

Antes mesmo da instituição do sistema de Capitanias Hereditárias e da doação da Capitania do Rio Grande a João de Barros, no início do século 16, este pedaço do litoral brasileiro já recebia a visita de portugueses, espanhóis e franceses, graças a sua privilegiada posição geográfica. Um século depois vieram os holandeses, que dominaram a terra durante duas décadas, e, daí em diante – especialmente a partir do século 19 – foi um suceder-se de nacionalidades que, mesmo de modo mais ou menos incipiente, contribuíram para engrossar o caldo migratório: ingleses, norte-americanos, canadenses, italianos, chilenos, espanhóis, japoneses. (Em sua *História da cidade do Natal*, Câmara Cascudo cita até um dinamarquês – Phelippe Leinhardt, que implantou o sistema de abastecimento de água encanada em Natal, em 1882 – e dois dálmatas – Nicolau Bigois e Mateus Petrovich, comerciantes – entre os muitos estrangeiros que “vieram viver e morrer nesta cidade e em serviço de sua grandeza”.)

Se até meados do século passado os viajantes estrangeiros foram atraídos pelas riquezas naturais, pelas oportunidades de negócio e pela posição geograficamente estratégica desta esquina do continente sul-americano, nas últimas décadas intensificou-se a vinda de imigrantes que fixam residência e investem em diversas cidades do Rio Grande do Norte pelos mesmos motivos e mais alguns, mas com um conhecimento prévio inicial graças, principalmente, à indústria do Turismo.

Segundo dados da Polícia Federal, vivem hoje no estado 8.040 estrangeiros, dentre

permanentes, temporários, provisórios e refugiados. A maioria tem passaporte europeu e mora principalmente em Natal e na praia da Pipa, localizada a 85 km ao sul da capital potiguar. Muitos, além de atividades econômicas e acadêmicas, também se dedicam à arte e à cultura.



ILHA DO FAIAL – RN

Foi uma dessas razões que fez a lusitana **Conceição Flores** seguir a rota de seus antepassados, que há mais de cinco séculos aportaram ao sul do Novo Mundo descobrindo o Brasil, e fixar residência em Natal. Nascida na ilha do Faial, no arquipélago dos Açores, a professora de literatura da Universidade Potiguar (UnP) é a única emigrante de sua família. Ela chegou à cidade há 28 anos acompanhando o seu marido, o também português Jorge Manuel, que já havia morado no país até a adolescência.

Aqui, ela graduou-se em Letras pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), instituição que publicou a sua dissertação de mestrado, *Do mito ao romance: uma leitura do Evangelho segun-*

do Saramago, sobre o livro *O Evangelho segundo Jesus Cristo*, do seu compatriota José Saramago. Flores também publicou, através da Lei Câmara Cascudo de Incentivo à Cultura, o livro *As aventuras de Teresa Margarida da Silva e Orta em terras de Portugal e Brasil*, resultado de sua tese de doutorado sobre a luso-brasileira nascida em São Paulo, em 1711, que foi a primeira romancista de língua portuguesa.

Moradora do bairro do Tirol, Flores é extensiva ao enumerar o que a faz gostar tanto de Natal, onde seus dois netos, João Pedro, de 12 anos, e Guilherme Jorge, de 9, nasceram e vivem: “Como açoriana, o mar é fundamental na minha vida, e não há banho de mar que se iguale ao das águas mornas das nossas praias. O nosso céu azul de cada dia, o clima ameno e a gente hospitaleira fazem desta cidade a minha verdadeira casa. Em Portugal, já sou ‘uma brasileira que fala muito bem português’”, diverte-se. Atualmente, ela pesquisa a literatura potiguar, tendo como marco zero a autora oitocentista Nísia Floresta até chegar aos contemporâneos.



HAMBURGO – RN

Entre os autores estudados pela professora açoriana está o jovem poeta natalense Barbosa da Silva, que integra o coletivo Sol Negro. Ele teve o seu “Poema de uma Tarde Primavera” musicado pelo pianista e compositor alemão **Oswin Lohss**, que trocou Hamburgo, cidade-estado no norte da Alemanha com mais de quatro milhões de habitantes, por Pium há sete anos. Nesse período, a sua produção foi bastante extensa, principalmente criando trilha sonora para o teatro.

Em 2006, além de compor a música para o espetáculo *Elas*, encenado no Teatro Alberto Maranhão pelo grupo *Elas & Cia* – coletivo que reúne poetas, escritores,

artistas visuais e músicos –, ele também atuou executando sua obra ao vivo. Outra peça musical composta por Lohss para os palcos, inspirada na obra do filósofo existencialista francês Jean-Paul Sartre, foi para o ainda inédito balé *Entre quatro paredes*.

Ortopedista de formação, Lohss começou a estudar piano ainda criança. Aliás, foi a música que o trouxe ao Brasil, onde casou e tornou-se pai da potiguar Amália, de 5 anos. Para ele, que teve em sua formação musical o erudito e o jazz, a música brasileira é imensamente rica. Como influências em suas composições, ele cita grandes nomes da bossa nova e da MPB nacional – “como Caetano Veloso, que eu adoro, Gilberto Gil e Marisa Monte” – e também local – como os parceiros Carlos Zens, com o qual compôs “O Trovão e o Passarinho” para o festival MPBeco; Mazinho Viana, do qual está produzindo o álbum de estreia; e Esso Alencar, do qual participou do projeto-espetáculo lírico-musical *Alma de poeta*; além do cordelista, xilógrafo e compositor mossoroense Antônio Francisco.

Em sua casa, onde sempre recebe amigos e parceiros, Lohss montou um estúdio de gravação. Para ele, “morar em Pium é absolutamente inspirador. Existe uma dinâmica cultural muito grande aqui”. De fato, muitos artistas, escritores e poetas moram no Vale do Pium, localizado a poucos quilômetros do centro de Natal. São tantos que lá já foram criados vários coletivos de poetas, como o já citado Sol Negro, e musicais, como o Schön (que em alemão significa *lindo*) e o Sotaque, formado apenas por estrangeiros – Lohss é integrante dos dois.



GIJÓN – RN

Também do Sotaque faz parte o baixista, artista visual e professor do Departamento de Artes da UFRN **Rubén Figaredo**, que

há um ano e meio reside em Pium. Espanhol da cidade de Gijón, na província das Astúrias, ele diz que, além do emprego na instituição acadêmica, o que o atraiu a morar no Rio Grande do Norte foi “primeiramente as pessoas, depois o clima e a natureza”. Autor de cinco livros publicados, o doutor em História e Ciências da Música pela Universidade de Oviedo demonstra grande preocupação com o meio ambiente. Tanto que optou por morar em Pium, muito próximo à natureza, e não possuir carro, tornando-se usuário de transporte público – “é a minha contribuição para uma cidade mais limpa, menos barulhenta e engarrafada”, esclarece.

É nesse quesito a única crítica que ele faz às “autoridades da Prefeitura”, que não melhoram o serviço e nem resolvem o problema das “ruas cheias de buracos”. Fora isso, Figaredo se mostra efusivo ao falar das praias, das dunas, das matas e, principalmente, da gente potiguar. “Eu amo este estado mais do que o meu próprio, e só tenho palavras de agradecimento para todas as pessoas que me acolheram desde que eu cheguei”, diz o professor e pesquisador de História da Arte, dramaturgia e formas de expressão e comunicação artística, num português com sotaque espanhol.



RIO GALLEGOS – RN

É esse mesmo sentimento de gratidão aos potiguares que o argentino **Eduardo Juárez** também diz sentir. Nascido na gélida e longínqua cidade de Rio Gallegos, na província de Santa Cruz, na Patagônia argentina, Juárez afirma que não constituiu família no Brasil, “mas, em compensação, tenho amigos muito queridos que são, sim, minha família potiguar”. Musicoterapeuta, ele chegou a Natal em 2003 através de um amigo portenho que o convidou para ajudar na organização do

12º Simpósio Brasileiro de Musicoterapia, que aconteceu na cidade em novembro daquele ano. Nunca mais voltou para a Argentina – “só para visitar os parentes”, ressalta.

Além da atividade profissional, através da qual atende em seu consultório pacientes com diversos quadros clínicos, Juárez também se dedica a projetos artísticos que incluem ministrar oficinas no grupo percussivo Pau e Lata e integrar o já citado coletivo Sotaque, no qual atua como violonista e vocalista e é um dos fundadores, juntamente com Oswin Lohss, Rubén Figaredo e o percussionista uruguaio Pablo Guevara. Ao responder sobre o que destacaria em Natal, ele afirma que acha a cidade “muito especial, viva, sempre se transformando, onde, mesmo com todo o desenvolvimento que está ocorrendo nos últimos anos, ainda é possível sentir o vento do mar em quase todas as zonas da cidade”.



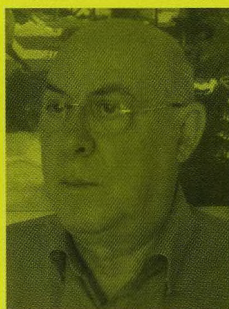
ATENAS – RN

Mas essa não é uma opinião inteiramente compartilhada pela vitralista grega **Panagoula Kouli** – ou **Pola**, como é conhecida artisticamente e prefere ser chamada –, que chegou ao estado há 13 anos e já morou em Nísia Floresta e Pirangi do Norte, antes de Natal. Criadora de coisas belas, ela se diz muito preocupada com o futuro da cidade. “O que se vê hoje são todos esses prédios, todos esses carros poluindo o meio ambiente”, constata, para em seguida lamentar que “lindas casas antigas sejam derrubadas para dar lugar a edifícios cada vez mais altos. Fico impressionada como Natal está perdendo a sua memória. Parece que a cidade e as pessoas só vão compreender isso quando for muito tarde. Os cidadãos natalenses precisam conservar a cidade, seus monumentos, sua história”, conclama a artista que nasceu no berço da filosofia

e que tão bem sabe a importância de se preservar o passado.

Nascida em Atenas, Pola morou em Roma dos 20 aos 35 anos, onde se graduou em História da Arte pela Universidade La Sapienza, enquanto trabalhava no seu ateliê de vitrais. Foi também na Cidade Eterna que conheceu o seu então marido, um potiguar com o qual se mudou para o Brasil no final da década de 1990. Lá, seu ateliê ficava em San Lorenzo, bairro conhecido pela efervescência artística. Em Natal, ela montou seu ambiente de trabalho numa região nobre, na Rua Afonso Pena, em Petrópolis. É de lá que saem objetos de decoração, semijoias e os vitrais que decoram residências e igrejas, como a capela do Colégio Salesiano Dom Bosco, em Cidade Verde.

Perguntada qual a sua maior realização, ela não hesita em responder: “Minha filha Kyma”. Batizada com um nome que em grego significa *onda* em homenagem aos mares que uniram seus pais (Mediterrâneo e Atlântico), a menina de 10 anos nasceu em Natal e cresceu em contato muito próximo com a natureza – por isso a preocupação de Pola com o futuro da cidade. “Minha filha viveu aqui, até agora, lindos anos, indo à praia, à fazenda, onde pôde contemplar a natureza e as belezas únicas desta terra. Mas sinto que estamos perdendo isso em nome do desenvolvimento”, finaliza, demonstrando estar disposta a dar sua contribuição para preservar as coisas que julga belas em Natal.



TURIM – RN

Preservação parece ser mesmo uma preocupação comum aos estrangeiros que moram em Natal, pois esse é o assunto que permeia toda a conversa com o artista plástico italiano **Alberto Giuliani**. Tanto que sua próxima exposição, “O Homem e sua Cidade”, que acontecerá

no início do próximo ano no Núcleo de Arte e Cultura da UFRN (NAC), tem esse tema. Percebe-se que o motivo maior de sua preocupação é o mesmo da colega grega: que sua filha Jennifer, nascida em Natal há seis anos, herde uma cidade que tenha sua história e seus monumentos preservados, mas, principalmente, que tenha qualidade de vida.

Ele se diz impressionado como Natal, cidade turística, tenha praias impróprias para o banho, que o esgoto ainda não seja 100% tratado, que o ar esteja cada vez mais poluído. “Eu nasci e vivi num país onde há mais de cinco mil anos as autoridades sempre priorizaram a qualidade das águas. Acho incompreensível que Natal, cidade com tantas potencialidades naturais, não se preocupe em preservar seus aquíferos, sua vegetação, seus mares, seus rios, seu ar. Temos que fazer algo para que as próximas gerações desfrutem desse pedaço de paraíso que ainda é Natal”, conclama o artista que mora na cidade há oito anos.

Giuliani é um exemplo de turista que chegou à cidade e não quer mais voltar. “Foi esse calor que faz em Natal o que me fez ficar”, diz, para em seguida dar o segundo motivo: “e também porque foi aqui que encontrei minha esposa [*a amazonense Cláudia*], com quem tive a minha filha”. Natural de Turim, cidade no noroeste da Itália, ele afirma que suas pinturas são figurativas porque quer uma comunicação imediata com o público. “Quero que as pessoas que veem meus quadros entendam prontamente o que eu quis expressar.”

O público natalense já teve oportunidade de ver suas obras em várias coletivas e individuais – na Pinacoteca do Estado, quando participou do 1º Salão Abraham Palatnik de Artes Visuais; na Fundação Capitania das Artes (Funcarte) com a exposição “Violência”, na qual retratou o cenário violento da sociedade no início do século 21; e na Galeria Conviv’art do NAC, onde expôs “Viagem à Amazônia”, que incentivava a discussão sobre a degradação ambiental da região amazônica.



PARIS – RN

Para o arquiteto e cineasta francês **Mathieu Duvignaud** – também conhecido no meio artístico de Natal como **Matyeu** –, além da manutenção do meio ambiente da cidade onde vive, outro assunto é recorrente: a preservação e divulgação de seus monumentos e de sua história. Para o parisiense, Natal é uma cidade complexa, que “atrai as pessoas de fora por suas belezas naturais, mas que tem um passado muito interessante, único e mal conhecido pela sua população”. Atuante nas áreas do audiovisual, teatro, artes gráficas e dança, Duvignaud chegou à cidade em 2004 trazido pela esposa, a atriz paraibana Quitéria Kelly, que já morava em Natal e com a qual tem uma filha, Charlotte, de 4 anos.

Desde que chegou à Cidade do Sol há sete anos, Duvignaud deu continuidade à intensa produtividade artística que já realizava na Cidade Luz. No teatro, ele dirigiu o aclamado espetáculo de dança *Ad infinitum*, o qual, segundo ele, “foi uma estrada para o centro de nossa alma, conduzindo o público a se deparar com seus medos, conceitos mal elaborados, amores incompletos e falsidades sentimentais reproduzidos nos ambientes íntimos e públicos”. Ainda nos palcos, o artista multimídia atuou como cenógrafo nas montagens de *A festa do menino Deus*, dirigido por Iaperi Araújo, *Pobre de marré*, de Henrique Fontes, *Fausto*, de Marcos Bulhões, e *Barra shopping*, encenado pela Cia. de Pequenos Atos.

No cinema, são vários os documentários, curtas e longas-metragens que levam a sua assinatura, ora como diretor, ora como codiretor e editor de imagem em produções realizadas em parceria com o cineasta potiguar Buca Dantas. Dentre os muitos títulos da sétima arte, pode-se destacar *A festa do Rio*, *I night*, *Memórias*

da capoeira em Natal e *A saúde mental no RN*. Já na fotografia, foram quatro exposições individuais que Duvignaud realizou na luminosa Natal: “Sonâmbulos”, “Ícone”, “Reflexos de Paris” e “À Sombra dos Esquecidos”, essa última na Aliança Francesa de Natal.



LYON – RN

Aliás, é na Aliança Francesa que outro francês muito tem contribuído com a arte e a cultura no Rio Grande do Norte promovendo eventos musicais, literários, teatrais, cinematográficos e pictóricos. Em menos de dois anos à frente da instituição, o lionês **David Seve** tem realizado uma vasta e diversificada programação. Só neste ano, ele organizou um grande número de exposições de fotografia e de artes visuais – como exemplo, a de Rachel Lúcio, “Le Soleil Se Lève à Cinq Heures”, ocorrida em setembro.

“Quando concorri à vaga de diretor da Aliança Francesa de Natal, saí da França em busca de qualidade de vida junto a uma natureza ainda preservada, como existe na Via Costeira. Além de considerar que é um privilégio viver aqui, estou muito realizado em poder promover ações artísticas e culturais nesta cidade singular”, revela Seve com sua voz suave e pausada, seu sotaque charmoso e seus gestos elegantes.

No campo da música e da poesia, Seve abre as portas da Aliança Francesa para saraus que acontecem nas últimas quartas-feiras de cada mês. Na ocasião, poetas e artistas potiguares e franceses “se embriagam de poesia, arte e música num agradável *happy hour*”, segundo sua definição do evento. Em junho, a *chanson* de Serge Gainsbourg ganhou um festival que reuniu cinco jovens potiguares interpretando o repertório de um dos maiores cantores e compositores franceses do século 20. Aberto ao público natalense

também foi o festival de cinema “3º Tour de Curtas Eurochannel”, realizado em novembro e que contou com 55 títulos de curtas-metragens de diretores europeus.



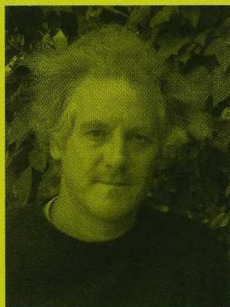
LOUGHBOROUGH–RN

Dentre as muitas outras atividades artísticas e culturais promovidas por Seve na direção da Aliança Francesa, também se destacam as jornadas francofônicas, os workshops, os concertos – todas realizações que encontram ressonância em outra escola de idioma da cidade: a Cultura Inglesa de Natal. Ela foi fundada em 1981 pelo britânico **David Hassett**, que chegou ao país a bordo de um navio dois anos antes. Sua intenção era, além de ensinar a língua inglesa, promover o intercâmbio entre as culturas britânica e brasileira, o que foi realizado sob a orientação da Embaixada Britânica através do British Council.

Nesses 30 anos de atividade, Hassett avalia que a Cultura Inglesa não apenas ensinou o idioma, mas ajudou a estreitar os laços entre o Reino Unido e o Brasil, fomentando as artes e as ciências. “Ajudamos a criar artistas, a exemplo de Antônio Rocha, aluno que se formou em teatro nos Estados Unidos e que hoje é conhecido internacionalmente na mímica e na narração de histórias”, ressalta com uma ponta de orgulho e satisfação.

Aposentado há cinco anos, ultimamente Hassett se dedica com afinco a sua maior paixão: a ecologia. “Sonho em poder ajudar na implantação de uma série de unidades de conservação e corredores ecológicos ligando o Rio Grande do Norte aos estados vizinhos, garantindo assim a permanência das paisagens mais deslumbrantes para o usufruto das futuras gerações”, revela, deixando escapar que este seu desejo é um tanto quixotesco – aliás, ele chegou mesmo a participar das montagens dos balés *Dom Quixote* e *Quebra-*

nozes, encenados pela companhia de dança Corpo Vivo. Nascido em Loughborough, cidade situada no meio dos bosques da Floresta de Charnwood, a 183 km ao norte de Londres, onde viveu até os 30 anos de idade, Hasset vem “plantando” a sua própria floresta: desde 1986 vem adquirindo trechos da Mata Atlântica no município de Tibau do Sul. Hoje, com uma área de 80 hectares, incluindo quase 2 km de falésias, o Santuário Ecológico da Pipa abriga centenas de espécies nativas da fauna e da flora tropical. Anualmente, a reserva ecológica recebe, em média, 15 mil visitantes que se aventuram nas suas 16 trilhas. Além da população local, muitos são turistas de todo o Brasil, mas, principalmente, estrangeiros que estão hospedados em Pipa.



WASHINGTON – RN

E é nesse internacionalmente badalado balneário que o pianista, compositor e fotógrafo alemão nascido na capital dos Estados Unidos **Henry Kneuer**, e sua esposa potiguar, Ana Benvinda, abriram um restaurante especializado em tapioca, prato típico nordestino. O local é um dos muitos lugares charmosos e bem frequentados da mais internacional praia do estado, “descoberta” no final dos anos 1970 por surfistas natalenses e de outros estados.

Formado em Desenho Industrial pela Universidade de Munique, na Alemanha, Kneuer nunca exerceu a profissão, preferindo se aventurar pelo mundo como guia turístico em países como Espanha, Portugal, Marrocos, Estados Unidos e Canadá. Viveu assim até que, em 2002, conheceu a Pipa numa breve viagem turística. Voltou no ano seguinte para ficar durante seis meses, tempo máximo que o visto de turista permitia – foi quando conheceu sua futura esposa.

Hoje, só sai da Pipa para passar breves temporadas trabalhando na Europa, ou para passar poucos dias em sua fazenda, em Nísia Floresta, a qual está transformando num centro cultural a ser inaugurado até 2014. Nele, Kneuer e Benvinda estão construindo uma galeria de arte, uma biblioteca e um salão, onde serão ministrados cursos de fotografia, pintura, percussão e confecção de instrumentos reciclados. Além disso, a produção agrícola sustentável, já existente, deve continuar e dar suporte a um restaurante com um grande palco para shows de música erudita, blues e jazz – segundo Kneuer, autor de quatro CDs com suas composições e de trilhas para vídeos e teatro, a joia do lugar será seu piano de cauda.



PARMA – RN

O empresário e músico alemão bem poderia acompanhar ao piano a multitalentosa **Tamara Baroni** – se esta decidisse resgatar sua carreira de cantora. Também atriz, modelo, jornalista e poeta, essa italiana de Parma há 24 anos reside em Natal, depois de viajar por todo o mundo e morar, entre outras capitais, em São Paulo, Rio de Janeiro e Salvador – “de todas as cidades que conheci, Natal me encantou de tal forma que foi aqui que resolvi morar e criar meus filhos”. Ela diz que, apesar da carreira artística também ter grande importância em sua vida, são os filhos seu maior orgulho. O primogênito **Ciro**, 28 anos, e **Sara**, 26, nasceram na Itália, mas chegaram ao Brasil ainda crianças. Já o caçula, **Marco**, nasceu em Natal há 23 anos, no mesmo ano em que ela se casou com **Gianni Garbellini** na igreja Santa Terezinha, no Tirol, em cerimônia celebrada pelo também italiano padre **Sabino Gentili**. Políglotas, os três filhos, que foram campeões estaduais de hipismo durante anos, hoje são advogados, atuantes e bem sucedidos na profissão. Mas

também eles têm muitos motivos para sentirem orgulho da elegante mãe.

O primeiro casamento terminou, segundo ela diz sorrindo, “ainda na lua de mel”. Desse matrimônio, teve uma filha, **Viviana**, que mora até hoje em Parma com o pai, com o qual durante anos travou uma batalha judicial pela guarda da filha. Pouco tempo depois de ser mãe, aos 19 anos, começa sua intensa, longa e significativa carreira artística. Possuidora de uma beleza estonteante, foi eleita **Miss Itália** em 1967, chegando a quarto lugar no **Miss Mundo**. Em seguida, começa a desfilhar para a luxuosa grife **MaxMara**, a fazer publicidade para a TV e a atuar no teatro, chegando a ter como parceiro o cantor **Domenico Modugno**, um dos cantores italianos mais conhecidos do século passado, intérprete da clássica “**Nel Blu Dipinto di Blu**” (aquela do famoso refrão “**Volare, ô, ô/ Cantare, ô, ô, ô, ô**”). A partir daí, ela intensifica sua carreira de atriz e atua em montagens de peças de **Tennessee Williams** e **Jean-Paul Sartre**. No cinema, participou de vários longas-metragens, entre eles *Vacanze sulla Costa Smeralda* (1968), *Una storia d'amore* (1970), *Un uomo chiamato Dakota* (1972, faroeste), e o alemão *Schwarzer nerz arter haut* (1970, “Visão negra sobre pele macia”). Ela diz, no entanto, não ter apreciado tanto a tela grande, preferindo os palcos – por isso recusou convites de **Federico Fellini** e **Michelangelo Antonioni** para atuar em seus filmes.

Baroni chegou a ter uma coluna na *Playboy* italiana e a colaborar com diversos jornais do seu país, escrevendo sobre suas viagens pelo mundo – Brasil, México, Cuba, Haiti, Marrocos, Costa do Marfim, Egito. Começa a publicar suas primeiras poesias na revista literária *Alfa-beta*, em Milão, onde também lança seu primeiro livro, *Sotto identiche cose* (“Sob as mesmas coisas”), em 1982. O segundo, *Constelação mulher*, sua estreia escrevendo em português, foi lançado em 1996 com prefácio de **Diógenes da Cunha Lima**.

Membro da Academia Feminina de Letras do Rio Grande do Norte, **Baroni** postou os 30 capítulos de sua autobiografia em um blog (www.tamaralaparmigiana.blogspot.com) “porque ninguém na Itália teve coragem de publicá-la”. Por causa da

repercussão de alguns detalhes de sua vida ao lado de artistas, empresários e magistrados italianos (os “poderosos” – como descreve e que, segundo ela, preferiam que certas histórias não fossem reveladas), recentemente ela concedeu uma entrevista ao programa “Ricominciare” [*Recomeçar*] da RAI, TV estatal italiana. Nela, a atenciosa e falante Baroni disse o que repete ao finalizar nossa conversa: “Sinto-me não apenas brasileira, mas potiguar. Aqui é minha vida e minha casa. Agradeço a Natal, e a todos que tive o prazer e a felicidade de conhecer nesta cidade extraordinária, por me sentir assim.”



CASERTA – RN

Esse acolhimento que faz Baroni declarar-se amante desta terra e da gente potiguar é o que também encantou o seu compatriota **Michele Maisto**. Natural de Caserta, cidade litorânea no sul da Itália, Maisto conheceu Natal em 1992 graças ao mestrado sobre literatura de cordel pela Universidade de Cardiff, no País de Gales, Grã-Bretanha, onde cursava Línguas (Português e Italiano).

“Foi naquele ano que tive o primeiro contato com história da presença de italianos no Rio Grande do Norte. Soube de padres capuchinhos em São José do Mipibu; da Coluna Capitolina em Natal, que foi um presente da Itália ao povo potiguar em agradecimento pela boa acolhida oferecida aos aviadores Carlo del Prete e Arturo Ferrarin, que em 1928 pousaram em Touros depois de cruzar o Atlântico sem escala; do padre Sabino Gentili no morro de Mãe Luiza; de um professor, poeta e ex-combatente da Segunda Guerra Mundial que lutou contra o nazifascismo, dentre muitos outros”, relaciona Maisto, resumindo um pouco da ligação que seu país tem com o estado potiguar.

Dois anos depois, em 1994, ele se muda para Natal, onde nasce sua filha Giulia, hoje com 11 anos. Já em 1997, funda o Centro de Cultura Italiana Madrelíngua, onde passa a lecionar o idioma natal e a promover eventos artísticos e culturais, numa mistura de sabores e música, com tempero, claro, ítalo-brasileiro. Titular desde 2007 das colunas “Letras & Pratos”, publicada na *Tribuna do Norte*, e desde 2008 da “Omnivorum”, do portal *Deguste*, ambas sobre vinho e gastronomia, Maisto sentiu a necessidade – diante do número crescente de frequentadores de seus eventos – de criar uma entidade que agregasse todos: os imigrantes italianos e seus descendentes e o grande público natalense. Nasceu assim a Associação Cultural Ítalo-Brasileira do Rio Grande do Norte (ACIBRARN). “Para ser sócio não é preciso ter passaporte italiano ou ser descendente, ou até mesmo falar italiano. O que é suficiente é apreciar, gostar, amar a Itália tal como apreciaram, gostaram e amaram o Brasil os italianos que vieram aqui antes, esses mesmos sentimentos que nós também temos. Nós que hoje trabalhamos e vivemos nesta terra, que continua recebendo a Itália com sua grande hospitalidade”, explica.



ROMA – RN

Outro viajante saído da terra dos imperadores romanos e que se encantou com a natureza e, principalmente, com o povo potiguar, é **Jack d'Emilia**. Ele chegou a Natal em 1991, onde permaneceu por dois anos como proprietário de bares, restaurantes e de uma barraca à beira-mar de Ponta Negra. Foi um período em que a capital potiguar começou a ter um desenvolvimento mais frenético, com a chegada de muitos migrantes de outros estados brasileiros e do mundo todo, alguns citados acima.

Para refugiar-se do “consumismo e simplificar minha vida”, como ele mesmo diz, mudou-se para Pipa em 1993, morando numa casa “muito simples” de frente para o mar, num dos melhores e mais exclusivos lugares da praia. A visão paradisíaca do horizonte, onde era testemunha privilegiada do nascer da lua, talvez tenha inspirado a batizar a filha, hoje com 9 anos, de Marina Luna. Em Pipa, passou a realizar trabalhos como designer gráfico e virtual, além de promover eventos culturais e ecológicos: há 13 anos, D'Emilia realiza, com o apoio de colaboradores e voluntários, a Semana do Meio Ambiente, quando são realizados palestras, debates, oficinas, ciclo de leitura, exibição de filmes, passeio ciclístico, mutirão de limpeza e apresentações artísticas, como as dos grupos locais Zambê de Sibaúma e Herdeiros de Zumbi, além de rodas de capoeira angola e regional, que ocorrem na praça central da comunidade.

Também leva sua assinatura a organização do Festival Literário Alternativo da Praia da Pipa (FlipAut), que em 2011 teve sua segunda edição. O evento acontece paralelo ao Festival Literário da Pipa (FlipPipa), mas D'Emilia faz questão de salientar que “o FlipAut é um circuito de atividades que acontece em concomitância ao festival literário oficial, aproveitando a ocasião para descentralizar os acontecimentos e, sem conflitos com ninguém, colaborar para popularização da literatura e das belas artes em todas as suas formas na nossa cidade” – sim, ele também se sente naturalmente um cidadão potiguar.

Pelo fato de o encerramento da edição 2011 do FlipAut ter ocorrido em 20 de novembro, Dia da Consciência Negra, parte da programação foi baseada no tema. Na ocasião, foi exibido o documentário *Cangaço e negritude*, produzido pela Rede Potiguar de Televisão (RPTV), e lançado o livro *A saga dos Limões – negritude no enfrentamento ao cangaço de Jesuíno Brilhante*, do psiquiatra e pesquisador social Epitácio de Andrade Filho. Segundo D'Emilia, a obra é “um ensaio historiográfico que resgata um segmento étnico, marginalizado, ao ponto de tornar-se ‘invisível’, pela literatura dominante, lançando um novo olhar sobre a história da negritude”.



BORDEAUX – RN

História e antropologia também se misturam nos livros de **Julie Cavignac** – entre eles *Negros no mundo dos índios: imagens, reflexos e alteridades*; *De herdeiros a quilombolas: identidades em conflito (Sibaúma, RN, Brasil)*; e *Os filhos de Tereza: narrativas e religiosidade na Boa Vista dos Negros-RN*. Nascida na cidade francesa de Bordeaux e professora do Departamento de Antropologia da UFRN, Cavignac desde sempre teve uma grande admiração pelo Nordeste brasileiro, particularmente pelo Rio Grande do Norte.

Na segunda metade dos anos 1980, ainda como estudante, veio ao estado como turista para conhecer o sertão potiguar e seus poetas populares. Amante da cultura nordestina, em 1994 defendeu sua tese de doutorado sobre a memória dos folhetos de cordel na Universidade de Paris X, em Nanterre, sob a orientação de Jacques Galinier, uma das maiores autoridades mundiais da antropologia. *A literatura de cordel no Nordeste do Brasil – da história escrita ao relato oral* foi publicada em Paris, em 1997, e no Brasil, dez anos depois, pela EDUFRN.

Cavignac transferiu-se definitivamente para Natal em 1994. Com o marido, o mossoroense Wernher, tem dois filhos: Louise, de 15 anos, e Jean Victor, de 11, ambos nascidos na capital potiguar. Desde que chegou, vem se dedicando a mapear os aspectos antropológicos do estado. Membro do Núcleo Câmara Casado de Estudos Norte-rio-grandenses e da Comissão de Relações Raciais da Associação Brasileira de Antropologia, pesquisou sobre os migrantes da Zona Norte de Natal, sobre a história e a memória do litoral sul potiguar e coordenou o Inventário das Referências Culturais do Seridó, que subsidiou a solicitação de registro da Festa de Sant'Ana, em Caicó, no Livro das Celebrações do Patrimônio Im-

aterial Brasileiro, título conferido pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan).

Atualmente, Cavignac é coordenadora do Programa de Pós-graduação em Antropologia Social da UFRN. Ela, que já viveu em uma das maiores cidades do mundo, Paris, analisa as motivações que a fizeram escolher a capital potiguar para residir e constituir sua família: “Decidi morar em Natal porque, apesar ter crescido demasiadamente na última década, é uma cidade boa de viver, de dimensões humanas, com pessoas que tomam o tempo para ter uma boa conversa e que se preocupam com os amigos e parentes. Também podemos, sem medo, dirigir a palavra a uma pessoa desconhecida no supermercado, na rua, numa fila de banco e ter a ocasião de fazer uma nova amizade”.

NATAL-RN

Provinciana ou metrópole – como previu o educador e jornalista seridoense Manoel Dantas há mais de um século na sua conferência *Natal daqui a cinquenta anos* –, a cidade, assim como todo o Rio Grande do Norte, continuará encantando e acolhendo viajantes estrangeiros de todas as nacionalidades com suas belezas naturais e suas riquezas histórica, humana e cultural.

PAÍSES COM MAIOR NÚMERO DE ESTRANGEIROS RESIDENTES NO RN

Portugal - 1.159

Itália - 997

Espanha - 761

Estados Unidos - 524

Argentina - 479

Alemanha - 392

França - 362

Noruega - 217

Grã-Bretanha - 167

Holanda - 162

Bolívia - 122

Uruguai - 108

Colômbia - 103

Angola - 41


Paraguai - 41

Outros - 2.405

Total - 8.040

Fonte: Delegacia de Migração da Polícia Federal – seção Rio Grande do Norte.

AMIGOS À MESA



Nemésio Morquecho aos 20 anos, 1943, em sua cidade Natal Pancorbo, norte da Espanha

Entre os muitos estrangeiros que adotaram o Brasil como segunda pátria e Natal como morada até a morte, dois deles entraram, ainda em vida, para a história da cidade graças às suas atividades empresariais que marcaram a vida social e cultural de uma época: o espanhol **Nemésio Morquecho** e o italiano **Vincenzo Giorgio** foram proprietários de dois dos mais refinados e bem frequentados restaurantes que a cidade conheceu e que tiveram seu auge durante toda a segunda metade do século passado – ainda hoje, o Nemésio e o Bella Napoli são referências da boa gastronomia para os natalenses.

GRANADA – NATAL

Quando Nemésio Morquecho chegou à capital potiguar, em 1951, a população da cidade não ultrapassava os 100 mil habitantes. Ele desembarcou nas asas da Ibéria, a companhia aérea espanhola da qual era comissário, numa escala do voo Madri-Buenos Aires. Ainda pacata, com ele e seus empreendimentos a cidade começou a ter uma vida noturna vibrante. O primeiro deles foi o lendário **Granada Bar**, inaugurado em 1954 na Avenida Rio Branco, na Cidade Alta. O local foi cenário de encontros de artistas, intelectuais e boêmios natalenses. As tapas madrileñas, a paella, e o famoso xerez – ou jerez, como também é chamado em castelhano o típico vinho licoroso espanhol – eram servidos pelo próprio Morquecho, que mantinha sempre uma taça de conhaque atrás do balcão para pequenas e constantes bebericadas. Entre os frequentadores mais assíduos estavam poetas, escritores e jornalistas, como Luís Carlos Guimarães, Berilo Wanderley,

Dailor Varela, Sanderson Negreiros e Nei Leandro de Castro, que viravam noites no ambiente de porta única e corredor estreito, ouvindo o também poeta e artista plástico Newton Navarro recitar poemas de García Lorca.

Poucos anos depois, Morquecho transfere o Granada Bar para outro ponto na mesma avenida, esquina com a Rua Professor Zuza. Agora do lado da sombra, o prédio de dois pavimentos oferecia mais espaço e conforto. E, enquanto os garçons Luidji e Luís serviam os pratos do diversificado cardápio mediterrâneo, o espanhol podia dar ainda mais atenção à clientela, que, a cada noite, tornava-se maior.

Já nos anos 1980, inaugura o **Nemésio Bar e Restaurante**, que logo torna-se o mais elegante de Natal, atraindo, além dos antigos clientes do Granada Bar, toda a sociedade abastada e a classe política local. Nos almoços e jantares foram tomadas algumas decisões políticas que definiram a vida da cidade e do estado.

Após um hiato de seis anos, o Nemésio deve reabrir suas portas no final deste ano, sob o comando do filho Pio Morquecho. Já o velho Nemésio, que tornou-se sinônimo de bom atendimento à mesa, faleceu em 2010, aos 87 anos, deixando na memória de muitos dos seus clientes a frase em portunhol ao se despedir na porta do restaurante: “Ustedes serán siempre benenidos.”

O tratamento atencioso e cordial que Morquecho dispensava aos seus clientes era o mesmo que outro grande empresário da gastronomia dedicava aos frequentadores do Bella Napoli, tradicional trattoria,

que dividia com o Nemésio a atenção da sociedade local.

NÁPOLES – NATAL

O napolitano Vincenzo Giorgio já tinha migrado para o Brasil e morava, então, em Recife, quando veio a Natal pela primeira vez. Corria o ano de 1975 e a viagem foi uma atenção ao pedido da esposa, a gaúcha Carmem – com quem permaneceria casado durante 45 anos – que desejava conhecer a cidade. Quando, da parte alta de Petrópolis, avistou a praia de Areia Preta, sentenciou maravilhado com o mar azul que se estendia a sua frente: “É aqui que eu quero viver o resto da minha vida.”

E, de fato, foi em Natal que viveu até este ano, quando faleceu aos 74 anos em decorrência de um câncer no pulmão, deixando a esposa, três filhos, quatro netos e um bisneto.

Don Vincenzo – como ficaria conhecido graças ao título que lhe concedeu o colunista social Paulo Macedo – mudou-se da capital pernambucana naquele mesmo ano e alugou uma casa em frente ao Caravela Bar, na Praia dos Artistas. No endereço, abriu o primeiro Bella Napoli, que ficava aberto madrugada adentro, só fechando quando já era manhã e depois de atender os últimos clientes de uma freguesia festiva e efervescente. Lá ficou até 1984, quando uma chuva torrencial praticamente destruiu o local.

Mudou, então, para endereço onde o funciona até hoje, na Avenida Hermes da Fonseca, no Tirol, agora sob a administração do filho mais velho, Luigi. Por suas mesas, desde então e até os dias de hoje,

vem passando muitas personalidades que fizeram história na crônica social e na política do Rio Grande do Norte. Muitas vezes, após os comícios mais aguerridos de uma época, lá se encontravam membros das famílias Alves e Maia. “Meus amigos são adversários, não inimigos”, costumava dizer ao explicar como mantinha a civilidade e a paz do local.

Como bom e discreto anfitrião que foi, Giorgio soube ouvir e calar diante das (in)confidências de alguns clientes em estado etílico mais avançado. São muitas as histórias de alcova que levou consigo para o túmulo. E, se a discrição a respeito dos segredos e infidelidades conjugais era apreciada por parte dos frequentadores, ele sempre soube manter a satisfação da clientela com a excelência dos seus pratos e o clima agradável que reinava no lugar, quase sempre acompanhado pelo repertório do pianista Manoel da Silveira. Impossível citar todas as muitas celebridades que passaram por lá, mas vale destacar as presenças ilustres de Câmara Cascudo – que abriu exceção, certa vez, a uma década de reclusão por problemas de saúde e lá passou uma tarde inteira depois de almoçar com familiares – e do jogador italiano de futebol Paolo Rossi. Recentemente, depois de se apresentar no Agosto da Alegria, Paulinho da Viola foi aplaudido em peso ao entrar no restaurante – e só. Ninguém o perturbou durante o longo tempo em que esteve à mesa, acompanhado pelos seus músicos.

É assim o Bella Napoli, foi assim o Nemésio: longe da impessoalidade pretensamente sofisticada dos novos e modernos restaurantes. Dois locais históricos onde os clientes são mais que simples fregueses – são amigos à mesa. Graças, sobretudo, à simpatia e à atenção de seus anfitriões que, mesmo estrangeiros, souberam incorporar o espírito potiguar, deixando seus nomes eternamente gravados na memória afetiva da cidade.

praia



erik van der weijde

OLHAR GRINGO

Em 2004, o fotógrafo holandês **Erik van der Weijde**, já radicado em Natal havia alguns anos, lançou o livro *Praia* (ed. 500). Com 104 páginas e 96 imagens de cadeiras e sandálias de plástico, lixo e esgotos a céu aberto – a maioria fotografadas à beira-mar de Ponta Negra –, além de prostitutas nuas e seminuas em esqueléticos quartos de motel; a obra, à época, gerou grande polêmica na cidade. A maioria dos natalenses que teve acesso ao livro qualifica-o de “grotesco” e de “extremo mau gosto”. Outros o definem como provocativo e irônico, ao apontar para as realidades visíveis e invisíveis do cotidiano das praias da capital potiguar.

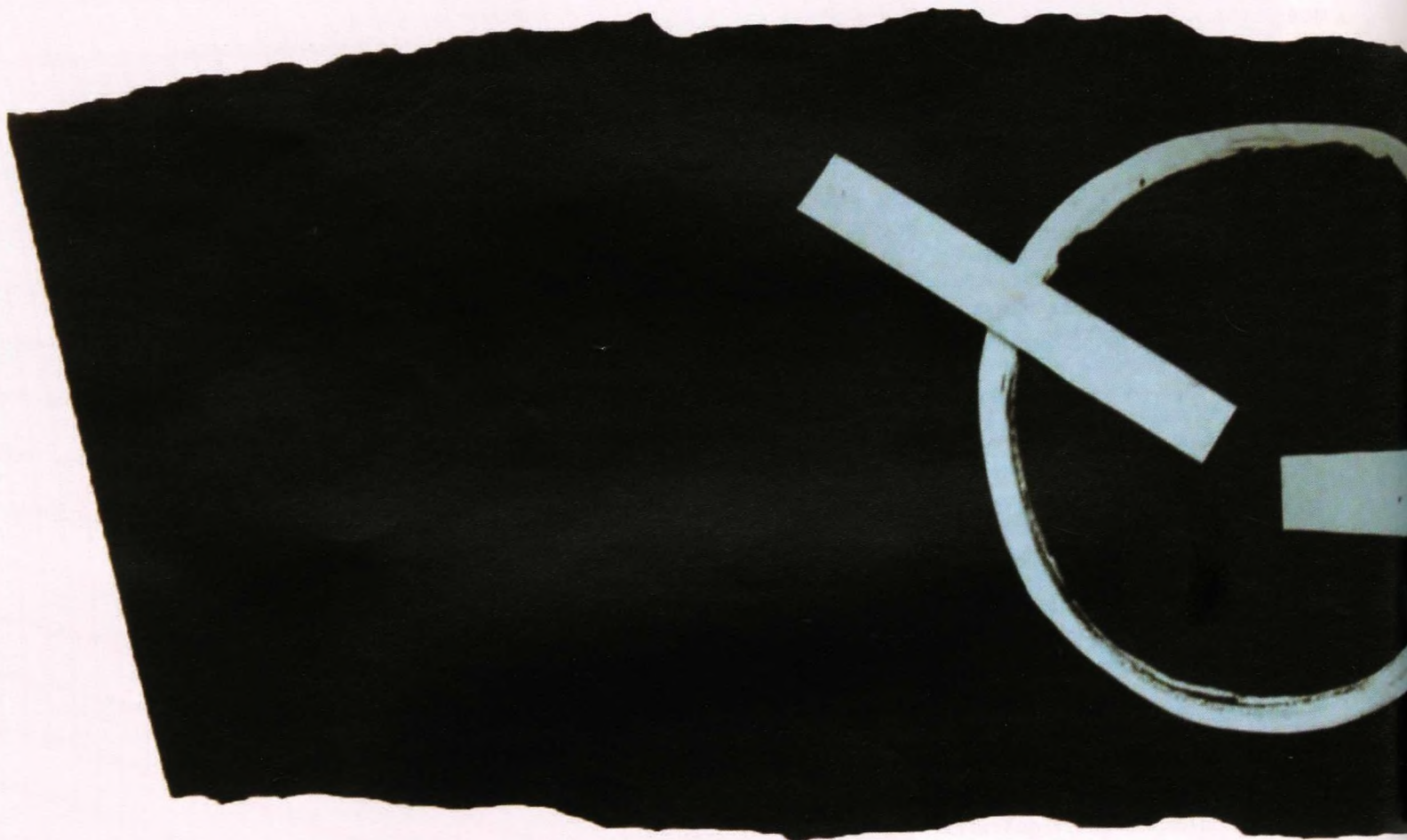
Um dos seus maiores críticos é o jornalista Yuno Silva. Para ele, a publicação “poderia ter abordado as mesmas mazes com, no mínimo, um cuidado estético maior”. Ainda segundo Silva, “se o objetivo do autor era chocar e/ou causar repugnância a partir do conteúdo retratado, não conseguiu. Essas sensações foram causadas muito mais pela falta de propósito das imagens e da péssima apresentação do material do que qualquer outra coisa”, avalia. Silva salienta que não leva em consideração que a publicação tenha denegrado a imagem da cidade, pois, segundo ele, à época em que a obra foi lançada Natal estava imersa em um processo autodegenerativo acelerado.

Já para o artista visual Afonso Martins, ali está “um olhar gringo que ao mesmo tempo prospecta e constrói um discurso sobre o caráter residual do turismo na Cidade do Natal – que é o revés do discurso marketeiro oficial do setor”. Para Martins, a ironia maior de *Praia* é que o “registro ‘realista’ das imagens, aquilo que parece ser a nua e crua realidade, deveria fazer refletir que, em fotografia, nem tudo é verdade, e que, tal como a pintura ou o cinema, a fotografia esta aí como um instrumento de interpretação do mundo”. Para Martins, o que provocou e provoca desagrado e indignação em muitos natalenses foi se depararem “com esse espelho desencantado que um estrangeiro ousou levantar na nossa cara.”


Ao recusar conceder entrevista a esta reportagem, Weijde parecer sentir ainda os ecos incômodos da polêmica, e disse preferir separar a vida pessoal da profissional. “Eu decidi viver minha vida aqui em Natal como pai de família, dono de casa. Como artista, eu só atuo na Europa, onde faço exposições e publico meus livros”, afirmou. De fato, sua carreira em países europeus – onde lança seus livros e expõe suas fotografias em várias galerias, com críticas quase sempre positivas – é muito bem sucedida.

Entre os vários títulos lançados por Weijde recentemente, destaca-se *Contemporary brazilian politics* (2011), no qual reúne notas publicadas na imprensa diária brasileira sobre a corrupção política no país. Na apresentação da obra no site 4478zine.com, onde publica e comercializa seus livros, Weijde informa que a renda líquida da publicação é “doada a um projeto que ajuda a proporcionar um futuro melhor para as crianças nos bairros mais pobres de Natal”, cidade onde nasceram sua esposa e seus filhos, e que ele escolheu para viver e que por ela foi adotado. E, às vezes, execrado. ●

Silvio Santiago é brasileiro de Natal. Já passou breves temporadas no Rio de Janeiro e em São Paulo, e viaja com frequência a Recife, Fortaleza e João Pessoa. Atualmente vive e trabalha em Natal como jornalista.



PREA



CÂMARA
DE ECOS,
TERRITÓRIO
DOS SONHOS

Navarro, como vai?

Aliás, nunca soube como te chamar. Na época em que éramos aluno e professor, o epíteto se impunha. Houve a vez – numa livraria da cidade, acho – em que larguei um ‘Marcelo’. A intimidade que nunca tivemos soou demasiado. Navarro, acho, cai melhor.

A impressão, que vem decantando à medida que os anos passam (porque a memória é uma câmara de ecos, dizia Wally Salomão), é que fui um aluno deplorável. Por desinteresse, sobretudo. Mas também pela angústia de cursar algo que a partir do segundo ano já não me apetecia. O que não me poupou experiências ricas. Dentre as quais, as maiores foram as suas aulas e as de Jales Costa. Cada um ao seu modo, vocês me puseram em contato com o que mais tarde entendi ser erudição. Muitas recomendações nasceram das interações na sala de aula. Filmes e livros que destoavam – e lembro haver estranhamento no restante da turma – do assunto tratado: códigos e leis.

Dia desses, almoçando com Aran, diretor de redação da *Playboy* e grande amigo, fui instado a responder como saí de Caicó – Patu, para ser mais exato – e fui parar em São Paulo.

A pergunta, com um quê do humor que é peculiar a Aran e que fazia referência à imagem politicamente incorreta do retirante sentado à mesa dos intelectualmente fornidos (um acintel!), dizia respeito à condição, se não de igualdade, mas minimamente capaz de dar prosseguimento à conversa sobre livros, filmes, discos e jornalismo.

Ora, isso me custou dedicação hercúlea. Foram os livros que me trouxeram a Perdizes (onde você morou quando estudou aqui, não?). E tive a sorte – e ainda tenho – de ter, ao longo dos anos, uns peregrinos alumando o caminho. Você foi um deles (conte-me dos seus): nessa construção nunca inaugurada, que é como enxergo uma carreira, há também pedras postas por você. O exemplar de *A era dos extremos*, de Eric Hobsbawm, que comprei na remessa semestral de códigos e livros de Direito pagos por meus pais com muito sacrifício, foi lido e adquirido por sua sugestão.

Em notas não relacionadas e para encerrar a conversa, falamos rapidamente dia desses sobre o 2º movimento da 5ª Sinfonia de Tchaikovsky. Que coisa tremenda. Tenho por mim que a melhor versão já gravada é a regida por Claudio Abbado, onde Stephen Dohr realiza o solo de trompa. Mas fiquei curioso com sua menção à de De Los Ríos. Prometo ouvir com atenção. Há uns quarenta dias estou completamente viciado nesse trecho da sinfonia. Podem achar que sou fino – ou pretendo sê-lo (que acintel!). Mas eu chamaria isso de transtorno obsessivo compulsivo.

Abraço fraterno

Rodrigo Levino

Natal, 2011.

Oi, Rodrigo,

E assim nos reencontramos pelo Twitter, esse troço maluco que parece feito para aproximar quem anda distante, mas às vezes separa quem está próximo.

Não lembro você como um aluno deplorável. O que há é que a profissão jurídica é apenas uma que pode ser seguida depois do curso de Direito. Ele, aliás, não forma advogados. Apenas bachareéis.

Fico muito feliz de você me listar ao lado de Jales Costa entre os professores que o marcaram. Jales foi irmão Marista, sabia? E autor de uma biografia do Padre Champagnat, *Um herói de verdade*, que decorei no tempo do colégio. Uma figuraça. Partiu cedo, como costumam partir os bons. Pra você ver. Jales, Marista, terminou advogado. Você, bacharel, terminou jornalista.

Seus pais, se pagaram, mesmo com sacrifício, *A era dos extremos*, podem estar certos de que pagaram uma obra melhor que muitos livros de Direito. Para a formação de qualquer jurista, qualquer jornalista, qualquer pessoa. Não foi dinheiro jogado fora. Sequer houve *desvio de finalidade*, para usar uma expressão do juridiquês.

Sim, morei em Perdizes, quando fiz meus créditos de pós-graduação na PUC. Esquina da Cardoso de Almeida com a Paraguaçu, num prediozinho em cujo térreo havia uma agência bancária e uma livraria-papelaria cujos donos eram dois italianos loucos pelo “Parmera”. Comprava pão na Santa Marcelina, subia a Monte Alegre para ir à aula, comia de marmita – horrível! – e datilografava todos os trabalhos e atividades numa IBM elétrica, daquelas de esfera. Depois, minha mulher ficou grávida, voltou para Natal e eu terminei o curso morando os últimos seis meses na Pensão de Dona Juracy, também em Perdizes, numa vilazinha encravada entre a Ministro Godoy e a Monte Alegre (Praça Victor Horta). Bons tempos! (Todos os tempos são bons quando se tem vinte e dois anos!)

Você me fala dos que alumiam seu caminho de peregrino e me pergunta pelos que fizeram o mesmo para mim.

Ah, tive e ainda tenho muitos iluminadores. O maior foi dentro de casa, mesmo: o velho Doutor Múcio. Esse me deu, antes de mais nada, a vida. Me deu luz, régua e compasso, padrão. Sobre tudo moral. Nasci e fui criado numa casa cujo maior conforto era uma biblioteca imensa. Tão farta em obras de Direito como de literatura, filosofia, sociologia e o mais que você puder pensar. Mas muitos outros me ajudaram.

Não posso esquecer meu avô materno, Álvaro Navarro, com sua coleção do Tesouro da Juventude, suas conversas e conselhos, as revistas de histórias em quadrinhos e mitologia que me comprava, o incentivo para eu escrever e desenhar, tudo. Rapaz, que saudade!

“

**QUANTO MAIS O TEMPO
PASSA, MAIS A MEMÓRIA
VAI DANDO FORMA A UMA
FICÇÃO QUE É COMO
PASSAMOS A VER OS FATOS.”**



Navarro, como vai?

Aliás, nunca soube como te chamar. Na época em que éramos aluno e professor, o epíteto se impunha. Houve a vez – numa livraria da cidade, acho – em que larguei um ‘Marcelo’. A intimidade que nunca tivemos soou demasiado. Navarro, acho, cai melhor.

A impressão, que vem decantando à medida que os anos passam (porque a memória é uma câmara de ecos, dizia Wally Salomão), é que fui um aluno deplorável. Por desinteresse, sobretudo. Mas também pela angústia de cursar algo que a partir do segundo ano já não me apetecia. O que não me poupou experiências ricas. Dentre as quais, as maiores foram as suas aulas e as de Jales Costa. Cada um ao seu modo, vocês me puseram em contato com o que mais tarde entendi ser erudição. Muitas recomendações nasceram das interações na sala de aula. Filmes e livros que destoavam – e lembro haver estranhamento no restante da turma – do assunto tratado: códigos e leis.

Dia desses, almoçando com Aran, diretor de redação da *Playboy* e grande amigo, fui instado a responder como saí de Caicó – Patu, para ser mais exato – e fui parar em São Paulo.

A pergunta, com um quê do humor que é peculiar a Aran e que fazia referência à imagem politicamente incorreta do retirante sentado à mesa dos intelectualmente fornidos (um acinte!), dizia respeito à condição, se não de igualdade, mas minimamente capaz de dar prosseguimento à conversa sobre livros, filmes, discos e jornalismo.

Ora, isso me custou dedicação hercúlea. Foram os livros que me trouxeram a Perdizes (onde você morou quando estudou aqui, não?). E tive a sorte – e ainda tenho – de ter, ao longo dos anos, uns peregrinos alumando o caminho. Você foi um deles (conte-me dos seus): nessa construção nunca inaugurada, que é como enxergo uma carreira, há também pedras postas por você. O exemplar de *A era dos extremos*, de Eric Hobsbawm, que comprei na remessa semestral de códigos e livros de Direito pagos por meus pais com muito sacrifício, foi lido e adquirido por sua sugestão.

Em notas não relacionadas e para encerrar a conversa, falamos rapidamente dia desses sobre o 2º movimento da 5ª Sinfonia de Tchaikovsky. Que coisa tremenda. Tenho por mim que a melhor versão já gravada é a regida por Claudio Abbado, onde Stephen Dohr realiza o solo de trompa. Mas fiquei curioso com sua menção à de De Los Ríos. Prometo ouvir com atenção. Há uns quarenta dias estou completamente viciado nesse trecho da sinfonia. Podem achar que sou fino – ou pretendo sê-lo (que acinte!). Mas eu chamaria isso de transtorno obsessivo compulsivo.

Abraço fraterno

Rodrigo Levino

Natal, 2011.

Oi, Rodrigo,

É assim nos reencontramos pelo Twitter, esse troço maluco que parece feito para aproximar quem anda distante, mas às vezes separa quem está próximo.

Não lembro você como um aluno deplorável. O que há é que a profissão jurídica é apenas uma que pode ser seguida depois do curso de Direito. Ele, aliás, não forma advogados. Apenas bachareis.

Fico muito feliz de você me listar ao lado de Jales Costa entre os professores que o marcaram. Jales foi irmão Marista, sabia? E autor de uma biografia do Padre Champagnat, *Um herói de verdade*, que decorei no tempo do colégio. Uma figuraça. Partiu cedo, como costumam partir os bons. Pra você ver. Jales, Marista, terminou advogado. Você, bacharel, terminou jornalista.

Seus pais, se pagaram, mesmo com sacrifício, *A era dos extremos*, podem estar certos de que pagaram uma obra melhor que muitos livros de Direito. Para a formação de qualquer jurista, qualquer jornalista, qualquer pessoa. Não foi dinheiro jogado fora. Sequer houve *desvio de finalidade*, para usar uma expressão do juridiquês.

Sim, morei em Perdizes, quando fiz meus créditos de pós-graduação na PUC. Esquina da Cardoso de Almeida com a Paraguaçu, num prediozinho em cujo térreo havia uma agência bancária e uma livraria-papelaria cujos donos eram dois italianos loucos pelo “Parmera”. Comprava pão na Santa Marcelina, subia a Monte Alegre para ir à aula, comia de marmitta – horrível! – e datilografava todos os trabalhos e atividades numa IBM elétrica, daquelas de esfera. Depois, minha mulher ficou grávida, voltou para Natal e eu terminei o curso morando os últimos seis meses na Pensão de Dona Juracy, também em Perdizes, numa vilazinha encravada entre a Ministro Godoy e a Monte Alegre (Praça Victor Horta). Bons tempos! (Todos os tempos são bons quando se tem vinte e dois anos!)

Você me fala dos que alumaram seu caminho de peregrino e me pergunta pelos que fizeram o mesmo para mim.

Ah, tive e ainda tenho muitos iluminadores. O maior foi dentro de casa, mesmo: o velho Doutor Múcio. Esse me deu, antes de mais nada, a vida. Me deu luz, régua e compasso, padrão. Sobretudo moral. Nasci e fui criado numa casa cujo maior cômodo era uma biblioteca imensa. Tão farta em obras de Direito como de literatura, filosofia, sociologia e o mais que você puder pensar. Mas muitos outros me ajudaram.

Não posso esquecer meu avô materno, Álvaro Navarro, com sua coleção do Tesouro da Juventude, suas conversas e conselhos, as revistas de histórias em quadrinhos e mitologia que me comprava, o incentivo para eu escrever e desenhar, tudo. Rapaz, que saudade!

Tive grandes professores no colégio. Na faculdade de Direito, outra plêiade. Na pós-graduação, só sumidades.

No escritório Arruda Alvim, que foram também meus orientadores de mestrado e de doutorado, trabalhei com um gênio chamado George Bykoff. No escritório de advocacia de papai, trabalhei com ele e Armando, e com uma figuraça chamada Vivaldo de Lima. No escritório de meu sogro, José Rocha, aprendi demais. E Zé Rocha é professor de vida. Sogro e amigo. Grande.

Todos esses – e muitos outros amigos – iluminaram e iluminam meu caminho. Mas não posso deixar de dizer que, fora papai, quem mais luz traz à minha vida é minha mulher, Maria Ariadna, não só porque me deu as duas maiores luzes que tenho – Marcelo e Helena – mas porque me ensina todos os dias serenidade, bom-senso, equilíbrio, companheirismo e amor.

Ser peregrino na vida, assim, fica mais fácil.

Pra encerrar, você me pede uma informação sobre o maravilhoso 2º movimento da 5ª de Tchaikovsky. O arranjo de que falei é de um músico argentino, depois radicado na Espanha, Waldo de los Ríos. Ele fez muito sucesso nos anos 70 adaptando música clássica. Os puristas tinham calafrios, mas ele ajudou a divulgar a boa música. Além disso, lembra-me papai e um grande amigo dele, Joanilo de Paula Rêgo. Só isso já bastaria, mas tem mais: alguns arranjos são notáveis. O da 1ª sinfonia de Beethoven, que ele transforma, pasme, num samba, é digno de nota.

E assim termino esta primeira carta. Como bom hipocondríaco (hoje em dia quase curado), não posso ficar por baixo. Se você tem TOC, eu tenho DDA. Estamos quites. Então, peçamos a Deus – saúde!

**Abração,
Marcelo.**

Marcelo

[vou na carona da boleia que você deixou no fim da carta],

Também fui aluno de colégio religioso. O Educandário – olhe que termo – Santa Teresinha, em Caicó. Foi certamente a melhor época da minha vida. Corrijo-me, a melhor é esta, “meu tempo é hoje”, canta Paulinho da Viola. Mas junte Caicó, adolescência e colégio, me parece a receita perfeita para grandes traquinagens. Como disse, quanto mais o tempo passa, mais a memória vai dando forma a uma ficção que é como passamos a ver os fatos. Os dessa época me parecem cada vez menos sofridos – como é toda adolescência – e mais divertidos, sem compromissos, contas, datas e horários.

Grande época. Mas não tenho muita vontade de voltar a Caicó. Talvez por medo de chegar e me deparar com uma cidade completamente diferente da memória. Queria muito ir de novo ao pátio do Santa e ver se na árvore que há no centro da praça, ainda há meu nome gravado, num galho alto, traquinagem que armei no último dia de aula, 1996.

A árvore do colégio era frondosa, como tem muitas aqui pelas ruas de Perdizes. Falando no bairro, ousou dizer que nunca morei tão bem. Que lugar aconchegante. Tem menino, velho, cachorro, tem a Cardoso que é um inferno, sempre com trânsito, mas de repente você entra numa ruela sem saída e é coisa cheia de tranquilidade, parece cidade do interior. Se depender de mim, não saio daqui.

Algumas ruas do bairro – e a minha, a Minerva, é uma – às vezes me lembram as descritas por Amos Oz, escritor israelense, em *Uma certa paz*. Há domingos em que, fora uma folha ou outra e um cachorro perdido, nada se move na quadra.

De Oz eu tenho um livro autografado. Foi da Flip de 2007, a primeira que acompanhei. Mais ou menos por essa época descobri o sul-africano J. M. Coetzee. Pois bem, quatro anos depois, estou cá relendo *Desonra*. Que livro estupendo. Pasmado de igual forma como quando o li pela primeira vez. Se não o leu, faça o quanto antes.

Eu, mesmo afirmando até a morte que meu autor estrangeiro predileto é Phillip Roth, devo admitir que tenho Coetzee como o maior escritor vivo da atualidade, ali colado com Cormac McCarthy, de *Todos os belos cavalos*, um grande livro estradeiro. O danado do sul-africano escreve como se não houvesse uma frase sequer sobrando no texto. O que é desafio e meta para a vida. Serejo uma vez escreveu na coluna – não sei se a citação é dele – que “só a inteligência me comove”. Eu não posso ser tão reductionista, mas grandes livros me põem emocionado como o quê.

No mais, vou ouvir as versões de Tchaikovsky que você me enviou. Mas assim que terminar um disco de Joshua Redman que me pegou desde ontem.

**Abração fraterno
Rodrigo Levino**

Levino,

Eu estou um missivista muito sem-futuro...

E acho que sei por quê. Porque estou de férias. Se eu estivesse em pleno batente, com processos e mais processos, sessões, reuniões, o escambau, provavelmente encontraria tempo para escrever com mais assiduidade. Mas, estando de férias, o tempo vai se tornando uma coisa tão absurda que, entre dormir, comer e ficar na modorra, não sobra tempo pra muita coisa, a não ser equivalentes a fazer-nada, como tuitar, ver TV, escutar música e, principalmente, não ter compromisso. É impossível não lembrar o velho Ascenso Ferreira: pernas pro ar, que ninguém é de ferro!

Além disso, tem o comissário Salvo Montalbano, detetive do genial Andrea Camilleri, que desde o ano passado encasquei de traduzir. Já verti para o português um conto e quatro romances. Tinha parado, mas esta semana li o mais recente (título ótimo: *Il gioco degli specchi*, o jogo dos espelhos) e comecei a traduzir... Se você gosta de literatura policial, recomendo fortemente as aventuras de Montalbano.

Não sabia que você era caicoense. Ô povo inteligente danado. Nunca conheci um burro. Aliás, em suas reminiscências de Caicó, você pode acreditar que está certo numa coisa: quando revisitamos a infância, às vezes nos decepcionamos, porque a memória não é o território dos fatos passados – é o território dos sonhos que temos deles. Esta semana mesmo conversava (virtualmente) com Clotilde Tavares sobre isso. Emprestei a ela uns livros antiqüíssimos de um autor de folhetins chamado Michel Zevaco, muito popular até a primeira metade do século XX. Ela os lera na infância e me dissera que nunca mais encontrara um livro dele depois de adulta. Eu tenho a coleção completa, que era de meu pai – encadernações da revista *Fon-Fon*, uma preciosidade, imagine! – e nunca li nenhum, apesar de gostar do gênero, tanto que meu escritor preferido é Alexandre Dumas (para não falar em Ponson du Terrail, Rafael Sabatini e outros mestres do romance de aventuras). Pois bem. Clotilde me disse que não está conseguindo ler. Está arrasada. Isso me aconteceu – e eu disse a ela – com o seriado *Perdidos no espaço*, que vi, menino, pela televisão, e era para mim o máximo. Pois reencontrei a família Robinson e o robô há alguns anos, em DVD. Achei tudo muito tosco...

C'est la vie.

Tive excelentes recomendações tanto de Amos Oz como de J. M. Coetzee e de Cormac McCarty, mas confesso que não li nenhum. Acho até que ganhei algum livro de Coetzee – mas achar quem há de? Entre minhas estantes de Natal e Recife, das casas e do gabinete, há muito mais coisas perdidas do que pode imaginar a vã filosofia de qualquer um.

Já Philip Roth, seu autor preferido, eu conheço, embora pouco.

Quase não compro mais discos. Toda a música que quero, compro na internet. Passei quase todos os meus cerca de dois mil CDs para o iTunes. E, curiosamente, por causa do livro eletrônico (tenho Kindle e iPad), o mesmo fenômeno está acontecendo com minha biblioteca. Uma coisa em que jamais eu pensaria dez anos atrás, quando me mudei para meu atual apartamento em Natal, era não ter meus livros comigo (e você não avalia o trabalho que me deu alojá-los aqui). Pois hoje eu seria perfeitamente capaz de me desfazer de todos, mas a mulher não deixa... Por acaso, justamente com *O complô contra a América*, de Roth, aconteceu uma coisa que comprovou isso. Eu, depois de terminar a leitura, emprestei a um amigo. O cachorro dele destruiu o exemplar. O amigo veio, aflito, me dizer que estava procurando um para me devolver, e eu disse: me dê outro livro. Aquele eu já li, pra que vou querer outro igual?

Talvez seja a velhice...

Abração,

Marcelo.

Marcelo,

Nem me fale em férias. Desde 2007 que não tenho um mês assim, livre, sem fazer nada. Se bem que tenho até medo. Da última vez, vim para São Paulo. Seis meses depois, em janeiro de 2008 (dia 8!) aportei de vez por aqui.

Mas voltando a Caicó, onde o mundo foi fundado, onde o Barra Nova se juntou ao Rio Seridó para formar o Oceano Atlântico: sou patuense. Pelo menos no registro. Como fiquei apenas dois anos de vida no pé da Serra do Lima, me considero caicoense. Quando penso em infância e adolescência, é Caicó que me vem à mente. John Updike dizia, ou dizia algo parecido, que tudo de mais importante na nossa vida acontece nesse período e que até o fim da vida vivemos apenas as consequências de todas as agruras e delícias de sermos meninos e garotos. É bem por aí.

Meus pais tinham uma churrascaria na saída da cidade. Foi com esse trabalho que educaram os dois filhos. Ser churrasqueiro não era exatamente uma profissão que despertasse orgulho pelo meu pai. Coisa compreensível para a idade. O Santa Teresinha era o colégio mais caro da cidade, cheio de gente muito posuda – em Caicó tem demais –, filhos de políticos, médicos, grandes comerciantes, funcionários do Banco do Brasil. Eu imagino que no seu tempo deve ter sido ainda pior, mas você lembra o status que um funcionário – se fosse gerente, então – do Banco do Brasil gozava no seio da sociedade? E entrar na AABB? Quem disse que eu tinha carteirinha de sócio e podia tomar banho de piscina? Só sendo. Aí bate aquela inferioridade besta de menino.

Foi depois de muito tempo, ao ler *Meridiano de sangue*, de McCarthy, quando ele descreve um churrasco gigante de antílopes em pleno deserto norte-americano, que me dei conta da beleza do ofício do meu pai. Carnear, cortar, manejar carnes tem seu valor. E tem tanto que, bem, estamos aqui, eu e meu irmão, criados e educados.

Falando agora em manejar, lembrei de uma das últimas vezes em que fui visitar minha avó paterna, quando ela ainda morava na fazenda, entre Patu e Messias Targino. Meus tios saíram para caçar abelha. Vai vendo. Na volta, uns dois baldes grandes de favos. Coisa maravilhosa. Daí colocavam-se os favos em um pano e espremia à quatro mãos, para "filtrar" o mel, deixando só a cera na estopa. Bela cena. Fiquei feliz de lembrar disso agora. As férias e visitas ao sertão profundo eram das melhores coisas da infância. Andar a cavalo, tomar banho de açude.

Mas eu falava de Caicó e você de livros policiais. Confesso que li bem poucos. Tinha uns livros de Marçal Aquino, Stella Carr, algo assim. Mas lembra que comentamos *O dia da coruja*, de Sciascia? A gente pode chamar aquele livro de policial, não?

Durante a infância o que salvavam eram os livros da biblioteca do colégio e uns poucos que chegavam na livraria de Roberto, na Avenida Seridó. Mas em interior é complicado. Livraria é papelaria. Não tem livro a não ser didático. E tome resma de papel, lápis, caneta, coisa para escritório. Literatura mesmo, nada. Foi na biblioteca do Santa que li livros fundamentais para a minha vida. Conheci Salinger, Fernando Pessoa, li Jorge Amado, escondido. E a paixão por Gabriela? Eu acho aquela cena inicial do livro coisa de cinema. E você pensar que 70% da ação do romance se passa em uma tarde! É um monstro, a despeito do que digam os críticos e até a sua obra já no fim da vida, repetitiva e sem viço. Além disso, as coleções Para Gostar de Ler e Veredas foram essenciais para abrir novas portas. Como tinham muitos autores, você fazia daquilo um labirinto, buscando mais coisas, mais contos, os outros romances do autor. Muitos se achavam ali mesmo na biblioteca, outros eu fui conhecer tempos depois. Hoje, tenho a Para Gostar de Ler inteira no Kindle.

Acho que a dificuldade de ter livros me tornou um feticlista. Tenho um ciúme danado dos meus. Não empresto. Se quiser, compro e dou. Mas deixe os meus quietos. Quando vim morar em São Paulo, vim sem os livros. Aliás, vim sem nada. Pense numa rapadura doce e dura. Foi difícil. Batendo de casa em casa, casa de amigo, conhecido, procurando emprego. Eu só pensava em uma coisa: meus livros. Que ficaram em Natal sob os cuidados dos

meus pais. Quando consegui o meu apartamento, mandei trazer o quanto antes. Foi dos dias mais alegres quando os tive de volta. No fim das contas, eu devo muita coisa a um punhado de gente, mas quase tudo mesmo eu devo a eles. Foi lendo que tomei tento na vida e fôlego para buscar o que queria, que, em última instância, era escrever mesmo. E isso me custou tempo, esforço, uma busca hercúlea para compensar a lacuna deixada por anos sem muito acesso a todos os autores que eu desejava conhecer. Ainda estou nessa pisada que nunca acaba.

Nesse sentido, Caicó (*sertão*), Natal (*mar*) e São Paulo (*concreto*) vão se situando em pontos cada vez mais distintos e claros na minha vida. Consigo imaginar uma linha crescente de acesso ao conhecimento. Que não é só bônus. Tem o ônus da ansiedade, de dar conta de tudo, querer saber, ver e contar o que anda acontecendo na cidade. É impossível dominar São Paulo e tudo que oferece, como me pareceu possível – e isso não é um ataque de modéstia – a Caicó e Natal. A partida dessas duas cidades, primeiro aos 14 anos e depois aos 24, também representou um esgotamento do que elas podiam me oferecer.

Os trinta anos que completo logo mais, estando há quatro em São Paulo, estão me trazendo uma consciência mais apurada dos meus limites e do que preciso para alargá-los. Inclusive nas taxas. Vindo para casa há uma hora, pela Sumaré, num táxi engarrafado, abri uns exames que fiz há poucos dias e, nossa senhora, o colesterol está nas alturas. Tomara que minha mãe não leia isso. Você anda bem de saúde?

Abraço fraterno

Levino

“

**QUANDO REVISITAMOS A
INFÂNCIA, ÀS VEZES NOS
DECEPCIONAMOS, PORQUE A
MEMÓRIA NÃO É O TERRITÓRIO
DOS FATOS PASSADOS – É O
TERRITÓRIO DOS SONHOS QUE
TEMOS DELES.”**

Levino,

Essa sua carta foi tão bonita, mas tão bonita que eu não posso dizer muito. Acho que vai ser sua carta mais bonita de todas, mesmo que você continue escrevendo cada vez melhor. Acho que, de certo modo, você se confessou espiritual e literariamente...

Bacana.

Não é só John Updike (e mais uma ruma de bons autores): os médicos, os psicólogos, os psicanalistas (acredito tanto neles quanto em jogo de búzios) dizem que a infância molda tudo (e nisso eu creio!).

O dia da coruja é tão importante para mim – porque Camilleri o cita muito! – que findi lendo duas vezes. Há um trecho em especial – e a tradução que vai adiante é a minha, não a do tradutor brasileiro – onde um *capo* mafioso, Don Mariano Arena define ao herói da história, o capitão Bellodi, alguns dos conceitos que governam o mundo da máfia:

Tenho uma certa prática do mundo; e isso que chamamos de humanidade – e enchemos a boca para dizer humanidade, bela palavra cheia de vento – divido em cinco categorias: os homens, os meio-homens, os homúnculos, os (com todo respeito) tomanocus e os quaquaraquás... Os homens são pouquíssimos; os meio-homens, poucos, e eu ficaria satisfeito se a humanidade terminasse neles... Mas em vez disso desce ainda mais baixo, aos homúnculos: esses são como meninos que acham que já cresceram, uns macacos de imitação dos gestos dos grandes... E mais baixo ainda: os tomanucus, que estão se tornando uma verdadeira legião... E finalmente os quaquaraquás: aqueles que têm de viver como patos nas poças de lama, cuja vida não tem mais sentido nem mais expressão do que a daqueles patos...

Na tradução brasileira, editada pela Alfaguara, verte-se *pigllainculo* (que eu traduzo como *tomanocus*) por *lambe-cus*.

Você diz “livros fundamentais para a minha vida”. Salinger, Pessoa, Amado e outros. Mesma coisa, digo eu. Livros fundamentais. Pra mim tem Monteiro Lobato antes desses todos. E o Tesouro da Juventude. Porque papai tinha tudo na biblioteca de casa, não precisei depender das papelarias, não vou mentir... Mas não acho que foi a dificuldade de ter livros que tornou você um fetichista. Por um tempo, eu fui, tinha esse mesmo ciúme dos meus.

Você fala de cidades, Caicó, Natal e São Paulo. Pra mim, Natal, São Paulo e, agora, Recife. Cada uma com imagens, cheiros, canções, sabores, e mais um monte de coisas que sequer podemos revelar. Cidades são como mulheres, amores, vivências. São seres complexos que se entrelaçam na vida da gente.

Mas isso é muito assunto para uma carta só.

Quanto a meu colesterol, graças a Deus está em ordem. Fui gordo 43 anos. Sou magro há 5. Uma violência terrível que a medicina me proporcionou, mas que deu certo. Hoje vivo feliz com meu corpo. E posso comer o que quero e com as taxas em dia.

É isso (por ora).

Abraço fraternal,

Marcelo.

Navarro,

Um elogio seu emociona que é danado. Agradeço a deferência. E, já que você fez menção à máfia, me veio em mente um trecho de Honra teu pai, de Gay Talese, um estupendo livro sobre uma família de mafiosos ítalo-americanos. Nas épocas mais difíceis, quando os inimigos rodeavam os capos e padrinos, esperando uma brecha para dar-lhes cabo, os nervos iam à flor da pele. Então o velho reunia os homens na sala do casarão e recomendava: “pazienza, coraggio”. Uma frase que cai bem, nalguns momentos difíceis.

Tenho por mim, embora sabe-se lá o que será do futuro, que não volto mais a Natal para me demorar. Pela afeição que tomei a São Paulo. Por ter moldado a vida ao bairro, aos amigos, ao trabalho, por já ter o couro meio duro para aguentar a hostilidade, o caos, o trânsito, a demora, os riscos. Dia desses, caminhando com Rita Wainer na Paulista, ela largou um “o amor é um absurdo”. E não é que tomei amor por esse lugar? Lugar dos mais absurdos.

Sinto falta da família, mas partir nunca foi meu fraco. Nas duas últimas vezes em que retornei a Natal o distanciamento se mostrou muito forte. É como voltar à fazenda da minha avó, hoje abandonada, já que ela por causa de doenças teve de largar tudo e mudar-se para Messias Targino. Ou voltar a Caicó e ver que, ao invés da imensa figueira no pátio do Santa Terezinha, alguém (é uma hipótese) cimentou tudo. O passado, que também é uma câmara de ecos, vai decantando, se acomodando nos cantos da memória.

Então a vida segue. Os laços vão se tornando cada vez mais elásticos. Já não escrevo sobre nada que se passa por aí. Com os amigos que ficaram já não há muito assunto. Nem é triste nem é bom; é assim que é. Se tiver de voltar, sei o caminho. E em Caicó, na eleição de 1996, ouvi Manoel Torres dizer que “no caminho da volta ninguém se perde”. E não é? Mas por enquanto o que tem é uma estradona adiante.

Me despeço recomendando, veja só, foi por onde começamos a conversa lá atrás, o disco da Osesp que saiu esta semana com uma gravação belíssima da 5ª de Tchaikovsky, regida por Fabio Mechetti. A recomendação é a de sempre: o solo de trompa do segundo movimento. Uma trilha sonora possível para a nossa amizade.

Forte, fraterno e emocionado abraço

Levino

Rodrigo,

Eu pensei que essa história das cartas iria prosseguir indefinidamente. Mas nada prossegue indefinidamente. E essa sua última carta veio pôr, além de tudo, um pouco de emoção nesse fim. Paciência. Coragem.

Você falou do amor por São Paulo, e do absurdo que todo amor é. Verdade pura. Essa emoção toda vai me fazer registrar aqui uns versos que fiz para essa cidade tão absurda quanto o amor [cf. "Improváveis encontros"]. Hoje, Ivan Maciel publicou artigo na Tribuna, em que fala de viagens e lembra Gilberto Amado, que dizia que ia à Europa "encontrar uma coisa que só havia visto nos livros – o passado". E arremata: "a Inglaterra é construída sobre pedras romanas. Uma rua de Paris é um rio que vem da Grécia". Pois sem conhecer praticamente nada de Gilberto Amado, eu já havia dito coisa semelhante – nos versos de "Roma 1996 AD".

Desculpe. Estou realmente emotivo. Mas a culpa é sua. E, como você também disse, a vida tem de seguir. Temos de retomar as batalhas do dia-a-dia, que nada têm de épicas. Camilleri, ao final de um de seus livros, constrói um diálogo em que um dos personagens, desiludido pela vida, diz ao comissário Montalbano que às vezes gostaria de ser Dom Quixote para melhor enfrentar essas lutas contra os moinhos de vento do cotidiano. E Montalbano retruca, lapidar, que a situação do homem de hoje é muito pior, porque "Dom Quixote acreditava que os moinhos de vento eram monstros, enquanto esses são monstros de verdade e fingem ser moinhos de vento".

Vou encerrar. E ouvir a 5ª de Tchaikovsky, mais uma vez.

Abraço,

Marcelo. ●

É IMPOSSÍVEL DOMINAR SÃO PAULO E TUDO QUE OFERECE, COMO ME PARECEU POSSÍVEL – E ISSO NÃO É UM ATAQUE DE MODÉSTIA – A CAICÓ E NATAL. A PARTIDA DESSAS DUAS CIDADES, PRIMEIRO AOS 14 ANOS E DEPOIS AOS 24, TAMBÉM REPRESENTOU UM ESGOTAMENTO DO QUE ELAS PODIAM ME OFERECER.”

**VOCÊ FALA DE CIDADES, CAICÓ, NATAL
E SÃO PAULO. PRA MIM, NATAL, SÃO
PAULO E, AGORA, RECIFE. CADA UMA
COM IMAGENS, CHEIROS, CANÇÕES,
SABORES, E MAIS UM MONTE DE
COISAS QUE SEQUER PODEMOS
REVELAR. CIDADES SÃO COMO
MULHERES, AMORES, VIVÊNCIAS.
SÃO SERES COMPLEXOS QUE SE
ENTRELAÇAM NA VIDA DA GENTE.**

ROMA 1996 AD

Roma.
Cada uma de suas pedras
carregadas de memória
conta histórias de eternidade.
Viram o ontem
conhecem o amanhã.
Sua paisagem
nos contempla mais
do que nós a contemplamos.
E o sol que doura
suas velhas cúpulas crepusculares
alonga as sombras obscuras
que nos envolvem
e ilumina as nuvens de poeira
e de tempo
em que
pequenos grãos de areia
nos perdemos.
Pulvis et umbra sumus.

IMPROVÁVEIS ENCONTROS – I

O poeta Álvaro de Campos
olhou-me, certa vez,
a distância.
Saía de uma barbearia.
Era chuva fina
e corri para a esquina
de onde ele me fitava, impassível,
para perguntar-lhe
se ele era.
Perdi-me nos desvãos
da fria manhã de maio
de uma São Paulo
que não sei mais se ainda
mora em mim.
E nunca mais achei Álvaro de
Campos.

• r a c o n t a

A RES-
POSTA
ESTÁ NA

VIAJAGEM

Por Alberto Criscuolo | Tradução do italiano por Mário Ivo Cavalcanti

Ettore já tinha viajado ao exterior, algumas vezes a trabalho, outras tanto para saber como era o mundo além da Muralha Aureliana, em Roma.

Desejava ser protagonista, como alguns dos narradores e viajantes por excelência: Simbad, Ulisses, Erik, o viking, Marco Polo.

Ver com os próprios olhos como era vida além dos Alpes, quais eram as tradições e os costumes dos estrangeiros.

Ettore escreveu num caderninho: “Não viajo, eu sou a viagem. O resto é apenas uma longa e confusa escala, imprevista.”

Voltou à sua memória o ônibus cheio de gente que balançava de um lado a outro, alguns garotos indo (ou voltando?) para a escola, homens, velhos, pobres, toda a carroceria trepidava, os amortecedores suportavam o peso, em meio à multidão subiu pela porta dianteira um velho, encanecido, camiseta verde cavada na altura das axilas, arrastando a única perna, apoiado em duas muletas de madeira, quase uma peça de museu.

Sentou-se, ou melhor, apoiou-se ao lado do motorista, e começou a falar, aos gritos. Queria conversar, mas o tom de voz era agudo, desagradável, quase incompreensível.

No ônibus brasileiro, em Belém, linha Sacramento-Nazaré, por cima da cabeça do motorista se podia ler o clássico aviso. A diferença é que aqui não proibia, mas pedia que não se falasse com o condutor, a não ser em caso de necessidade.

Uma diferença, uma lógica, se podia dizer, substancial – humana –, quando comparada aos avisos dos ônibus romanos.

O ônibus faz uma curva e toda a gente se agarra onde pode, o homem de ca-

belos brancos perde o chapéu de palha, mais alto que largo, deixando ver a avançada calvície, recupera-o, cobre novamente a cabeça, tira-o mais uma vez para enxugar grossas gotas de suor. Grita, quase gargalhando. Às vezes parece endemoninhado.

Ettore não compreende o que diz, apenas umas poucas palavras cobertas por um som cáustico, carregadas de dor.

C'è una saggezza che è dolore ma c'è un dolore che è follia (do *Moby Dick*, de Melville, que não explica qual perna falta ao capitão, mas, afinal, que importância tem?).

As pessoas sobem no ônibus.

The apparition of these faces in the crowd;/ Petals on a wet, black bough. (Ezra Pound, “In a station of the metro”.)

Os ônibus passam velozes, rasgam o meio-fio, freiam a poucos centímetros da nuvem de pessoas na parada, são como sardinhas em lata.

Outras latas de sardinha aparecem no horizonte.

Querem superar umas às outras, ultrapassam-se, mas parece que tudo já foi combinado antes, como em um espetáculo de circo.

Mais uma parada.

Quem é esse homem? Um capitão Ahab dos nossos tempos?

Basta uma freada brusca e todos nós seremos espremidos, como polpa de carne e lama.

Odores de humanidade, legado generoso de dezenas de axilas, óleo de dendê e terra vermelha. Mais o cheiro típico e inconfundível dos tênis *Superga* de Ettore.

Como diabos perdeu aquela perna? Se perguntou.

Talvez estivesse gritando, mas depois riu, escancarando a boca.

Ouvia-se o rumor das favelas varridas pelo vento, telhas, chapas metálicas, latas, pneus velhos soando como tambores debaixo da chuva das duas da tarde.

Os urubus voavam alto com suas longas asas negras ornadas de branco.

Mas ali embaixo, entre os assentos do ônibus, as muriçocas se banquetevavam e ele se perguntava por que Noé não tinha deixado aquelas duas se afogarem.

A vida presa ao pedal do acelerador, o velho continuava a fazer da voz um prolongamento da perna.

A vida deve ser analisada ou anestesiada? Se perguntava.

Homem estético ou homem ético?

Homem que se imola no fogo ou que se redime?

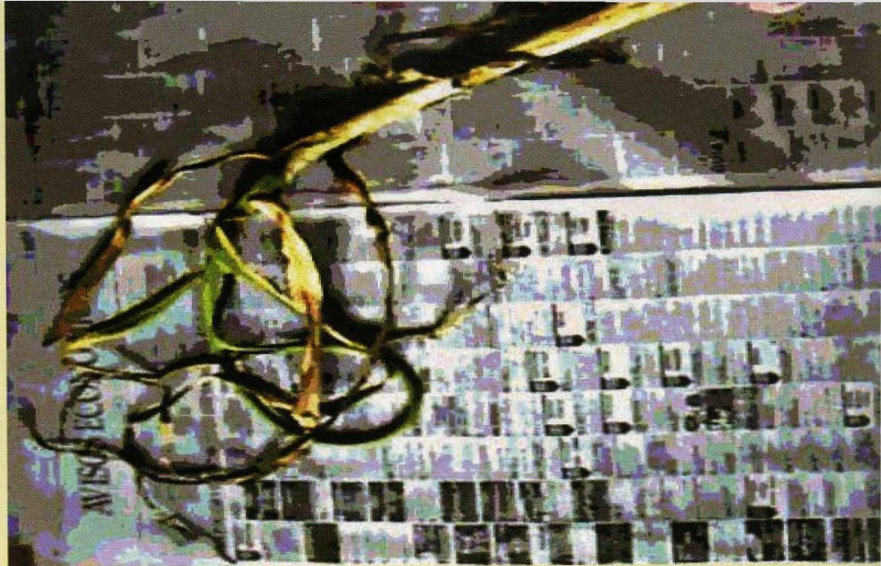
A felicidade é colher o átimo ou o resultado de uma vida inteira?

Somente na viagem se tem a resposta. ●

Alberto Criscuolo é italiano de Roma, tradutor de sueco e velejador. O presente texto faz parte do romance inédito *Mostrò dentro*, 2011. Atualmente vive em Natal, onde dirige o Projeto Poseidon.

de mis párpados, que busquen
más roja mezclándose a mi sano

♦ p a s s a g e m



A L M A N A Q U E
D E V I A G E N S

siguen jugando como los niños, y ríen, y gritan
hacen una greguería que parece prolongar el t
alino que del aire, al entibiarse, en ondas impo
entamente fluye.

ino también asciende en busca del sol y mie

ta:

sente dueño! tus a

ir: los

íd.

la

be

te

ud:

ma

erio, en b

lo arda el

e mí! si en la negra sombra q

, extravió, en la vertiginosa asc

do a través de mis párpados, c

dir, brille más roja, mezclándo

nguible de tu hoguera, la exp

po dolor desconocido y sobrehum



Por Soraia Carlos Vidal | Ilustrações de Anie Diharce

Viagens de descobrimento, de descobertas, êxodos, *pesach*, viagens à Atlântida, ao Novo Mundo, à terra prometida. Viagens de sonho e de riqueza, viagens de encontros ou de desencontros, de amores realizados ou frustrados, viagens de fuga e solidão. Viagens que nos fazem emigrante, ao partir, imigrante, ao chegar; histórias mágicas que provocam partidas, esperanças, planos, sonhos; histórias mágicas que se criam a partir da chegada, construções, desconstruções, perdas, ganhos – tudo isso é viagem.

E quão infinitas são as viagens – públicas, coletivas, particulares, individuais. Nenhuma delas, no entanto, consegue dar conta da viagem idealizada, daquilo que é desejo não realizado, onde supostamente se cruzam a *viagem real* e a *viagem metafórica*, o tempo *mecânico* e o tempo *corpóreo*.

À exceção de guerras, perseguições políticas ou religiosas, e até catástrofes, as viagens costumam ser associadas a uma imagem positiva de conquista, êxito e prazer. As viagens nos fazem protagonistas e, por vezes, heróis. De natureza nômade, ganhamos o mundo, transformando-o e nele sendo transformados. São poucas as sociedades não resultantes do encontro – decorrente de viagens – entre grupos e culturas. Existimos porque viajamos.

Ao criarmos raízes, passamos a contemplar imagens que se dissipam em um passado de realizações. Muitas vezes exaltamos as invencionices metafóricas daqueles que ousaram viajar para além do seu tempo. Com imaginação, essas pessoas anteviram o que hoje nos é aparentemente familiar e próximo. Abriram-nos as portas do futuro – e nos desenraizamos, não importa se através da razão ou da poesia.

Ao sujeito viajante, mais do que a qualificar outro, é delegado o exercício de transitar e negociar, não apenas no tempo, mas entre mundos e linguagens diferentes. O exercício de tolerância consiste em traduzir e decodificar essas diferentes manifestações. Quando viajamos, saímos da zona de conforto do conhecido para o desconhecido, onde tantas vezes sobram dúvidas sobre a natureza humana.

Uma viagem pode significar ir ao encontro de novas oportunidades, deixar impedimentos e problemas para trás, ou enxergar adiante outras possibilidades de vida. O que é certo, único destino possível, é o encontro com o *outro*, que, por um lado, pode se materializar na forma de conflitos (quando se nega a existência do outro), ou em novas descobertas e identidades (quando se nega a existência do outro). A integração mundana do presente, a intensificação dos fluxos e os laços entre nações favorecem o aparecimento de uma nova identidade global – ou globalizada. Em contraposição, dá-se a reafirmação de identidades nacionais e outras identidades locais. Como parte desse movimento migratório emergem identidades híbridas. Não se trata de aculturação, já que a aprendizagem de um novo código não anula o anterior.

A VOLTA AO MUNDO EM UM DIA

Viajantes no nosso cotidiano, nele colocamos todos os nossos sentidos em funcionamento, levando na bagagem capacidades intelectuais, habilidades manipulativas, sentimentos, desejos, paixões e ideias. E, mesmo descrente da realização plena de cada um desses sentidos, somos levados a tentar, mais uma vez, através de novas viagens – e a tentar, mais uma vez, novas viagens.

O cotidiano simbolicamente é o espaço privilegiado dos conflitos e realizações humanas. Nele, reafirmamos ou negamos saberes, buscamos unidade, manifestamos solidariedade e incorporamos novos conceitos e práticas. Um embate permanente entre as referências do *aqui* (lugar onde estou) e do *lá* (lugar onde estive ou para aonde irei um dia). Referências que caminham em linhas paralelas sem jamais se mesclarem.

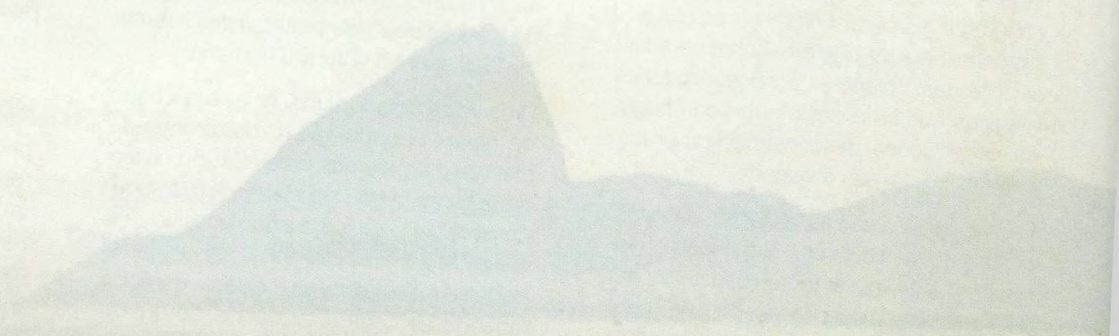
Nas nossas viagens cotidianas, braços e pernas aparentemente ganham autonomia e escapam em muitas viagens. Em tal celebração móvel, somos empurrados para diferentes direções, e o *estranho* se mantém como presença constante. A sensação de fragilidade e a solidão emergem como contradição à coragem de interagir com o desconhecido, sempre em novas viagens.

Na experiência de viajantes as novas relações espaço-tempo comportam diferentes leituras. Elas não se limitam apenas às realidades já constituídas, mas também à percepção e à leitura que cada indivíduo faz da sua experiência e da viagem de outros. Afinal, há quarenta anos o homem realizou a sua primeira viagem à Lua, e ainda hoje há quem não acredite nisso. ●

Soraia Carlos Vidal é brasileira de Mossoró, e já morou em Alexandria, São Paulo, Santos, Brasília, Salvador e Toronto. Atualmente vive em Natal onde ensina na UFRN.

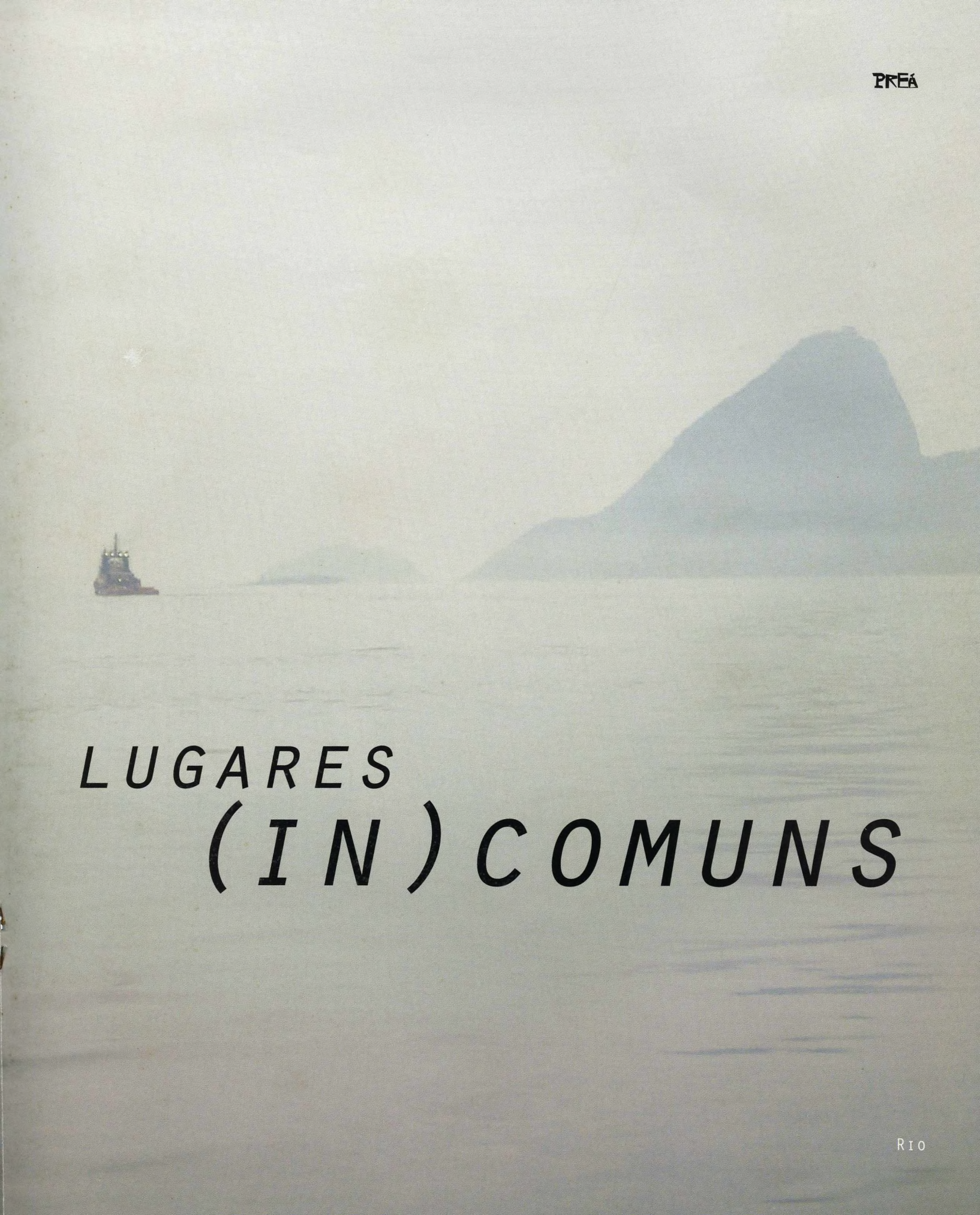
Anie Diharce é chilena de Santiago, fotógrafa e artista visual. Atualmente vive e trabalha em Madri.

♦ e n s a i o



Por Afonso Martins

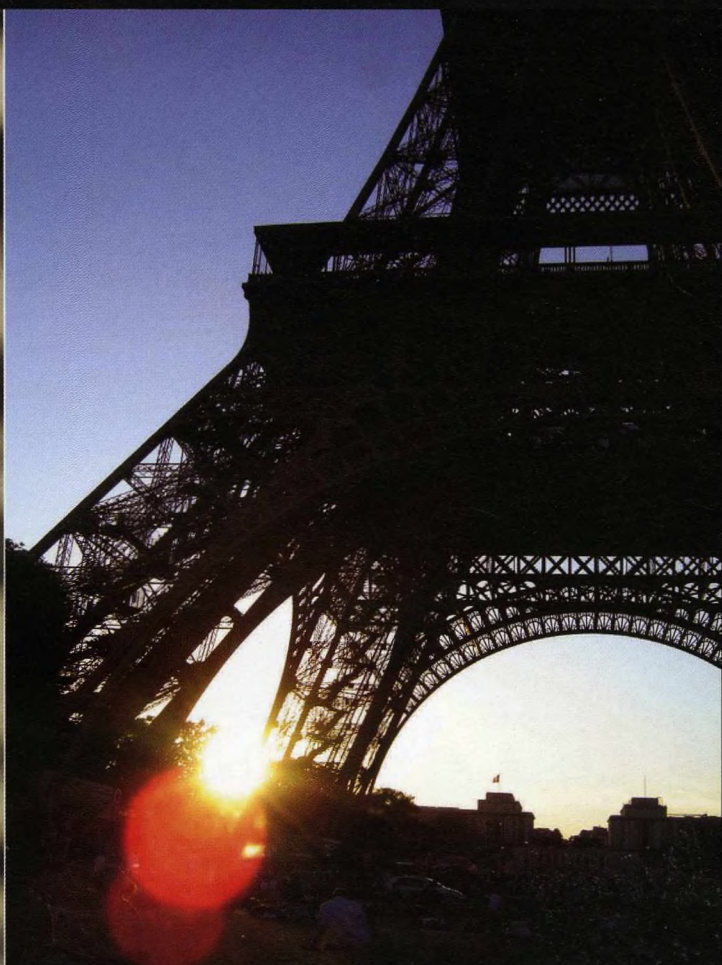
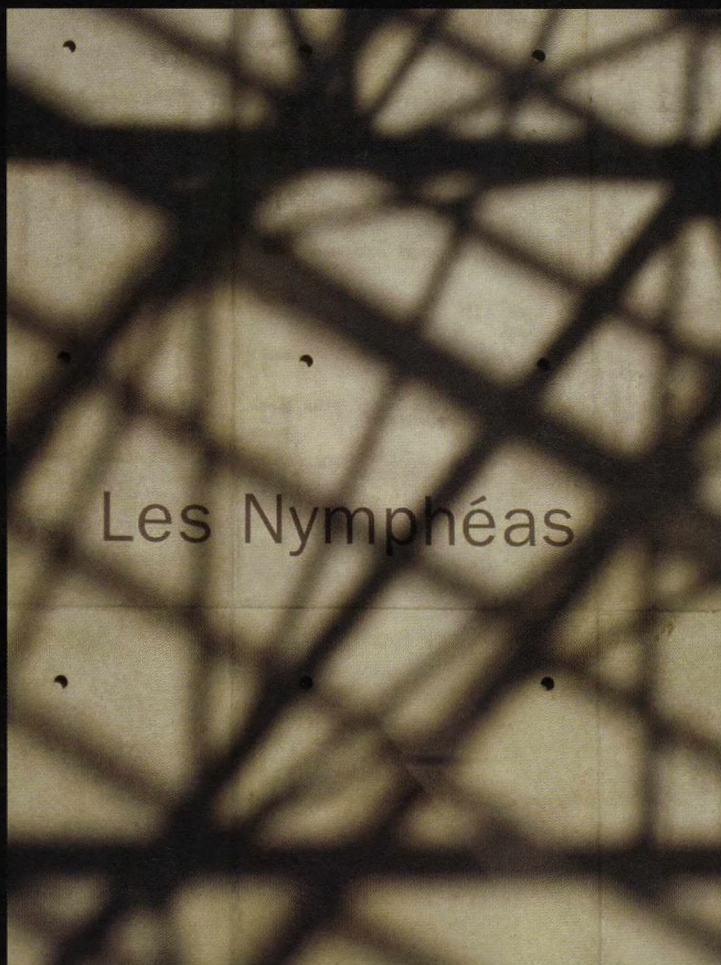
PREA



*LUGARES
(IN) COMUNS*

RIO

PARIS





CARTAGENA



VAL PARAÍSO





SEVILLA

SEVILLA

RADIO



BARCELONA



• b a g a g e m



A EDUCAÇÃO PELA VIAGEM

“O julgamento humano ganha uma maravilhosa clareza com a frequência do mundo.”

(Montaigne)

Por Rubén Figaredo | Ilustrações Magnos Beserra

A tolerância com o outro pode ser não mais que indiferença, e a capacidade de mobilidade é a nova tendência que tem como meta a igualdade de oportunidades entre os seres humanos. Segundo Montaigne, cada nação forma de si mesma uma ideia diferente e só o confronto com outras ideias e espelhos pode oferecer uma limitação a essa criação ilusória do próprio conceito. Nosso corpo armazena imagens e as transforma em ícones, o livro perde no confronto com os pixels, os signos icônicos escaneados e cuspidos pela máquina. O tato do carnal se perde em desertos virtuais e o mundo é substituído por sua aparência – e as aparências são os maiores nutrientes do *drama*.

Ainda existem muitas pessoas que não podem viajar, e aquelas que, ao viajar, o fazem mal, carregadas de *coisas* em vez de *vazios* que se completariam através do desconhecido. É quase impossível chegar a um lugar do qual tudo se ignora, como é quase impossível descobrir que o pouco que se possui é o pouco que se leva. Mas, não se enganem: a viagem não é apenas voar e cruzar os mares – a viagem começa no momento em que fechamos a porta de nossa casa e partimos. E depende da capacidade de cada um observar o resultado de nossas viagens cotidianas.

O homem comum, envenenado por sonhos alheios provenientes do cinema e da TV – que suplantam hoje a velha e clássica literatura –, procura momentos su-

blimes no tempo, onde o sublime passa diante de seus olhos sem ser reconhecido. Da mesma maneira, quando um *viageiro* chega a um país tem que esquecer tudo aquilo que sabe, ou que acredita saber, sobre esse país. Enquanto o viageiro soberbo quer apenas confirmar seus preconceitos sobre aquele território – e os espetáculos especialmente desenhados para os turistas servem muito bem a esse objetivo –, o *viageiro* consciente tem que esquecer totalmente o padrão métrico, deixar as verdades absolutas e abraçar a relatividade daquilo que encontrará. Quem quer estar como na própria casa que deixou pra trás, ainda que temporariamente, deveria ficar, pois, em sua própria casa. O turista massivo vive buscando nos complexos turísticos o mesmo que já tem em casa, e, assim, nunca deixa-se preencher pelos fluidos locais.

O viageiro não é um missionário, e tampouco um colonizador: ele é um autoconvidado a uma mesa alheia – a cortesia o obriga a aceitar tudo aquilo que lhe é oferecido. Enquanto o turista *compara*, o viajante *escolhe*. O primeiro observa o mar, o segundo mergulha nele. O viageiro não nega suas raízes, nem abandona seus costumes. Ele simplesmente não deixa que elas/eles nublem seu olhar, o olhar instintivo do artista, que sumiu do conceito para abraçar a essência. O viageiro foge das grandes cidades, feridas de morte pela globalização, e procura nos povoados e pequenas cidades as

energias telúricas ainda não vencidas pela gramática global. Não vale a pena sair de casa se o viageiro não quer pôr em perigo sua identidade, aquele bem precioso que só guarda quem menos possui. Uma identidade forte não é aquela que quer impor-se: é como uma onda, que aporta na areia e depois vai embora.

FICÇÃO E REALIDADE

A viagem é uma das poucas oportunidades onde a literatura pode se converter em *realidade*. E graças à viagem nós podemos reciclar essa realidade, transformando-a novamente em literatura. O dilema, no entanto, está entre *ler* ou *viver*. Atuar ou seguir enredando-se com as palavras. Herdar amores e ódios, que não são nossos, substituindo por filmes alheios à vertigem latente da existência, ou caminhar nosso próprio caminho. Mancharmo-nos em nossa própria lama e brincar com o mercúrio de um termômetro quebrado até envenenarmo-nos de puro viver.

A literatura nos vende como certezas as grandes mentiras da cultura, tenta engaiolar em linguagem o percurso de uma onda, a intensidade de um olhar, o voo de um pássaro. Converte-se a vida em uma ortopedia que nos faz procurar as ondas que lemos, os olhares inflamados do amor que acabaram causando-nos uma



presbiopia, ou o voo de alguma coisa que não seja um avião em uma cidade sem pássaros.

A literatura nutre-se das emanções dos objetos e dos lugares. Readapta, mais do que cria, os códigos do comportamento. Desenha as emoções do adicto que oferece seu olhar à gráfica.

– Não e mil vezes não! O que se diz a respeito de chavões – de que em nenhum lugar como em Londres brilham as pedras das ruas que ao por de sol oferecem sua maciez de mil vezes pisadas, as luminárias vitorianas que presenciaram as correrias de Sherlock Holmes, Jack, o estripador ou a bruxa de Virginia Woolf – é tudo falso, horripilante e indubitavelmente *falso*. A chuva, sem guardachuvas, é chuva em qualquer parte – e que as pe-

dras têm uma história é uma verdade, mas não podemos nos abismar em um mundo irreal.

Que as palavras umas com as outras produzam em nós certo gozo e consolo na aflição pontual, isso não nos pode fazer esquecer que viver e sonhar é essencial. E que do vivido e sonhado podemos, sim, fazer literatura. São os nossos próprios sentidos que nos põem em jogo, a matéria-prima é própria, e de nosso próprio pão daremos de comer àqueles que se coloquem sob a mira. Porém, passar as noites e ainda os dias devorando palavras sem as ter vivido é tão desatinado quanto sonhar com os olhos abertos as mesmas mentiras, dia após dia as mesmas, até em

◆ d e s t i n o s

ENTÃO,
QUANDO VOCÊS
PARTEM?



Por Marinella Grosa | Ilustrações Marinella Grosa | Tradução do italiano por Mário Ivo Cavalcanti

“Alors, quand partez-vous?”

(René Daumal, *Le Mont Analogue*)

O *Monte Análogo*, cujo subtítulo é *romance de aventuras alpinas, não euclidianas e simbolicamente autênticas*, do escritor francês René Daumal [1908-1944], é o relato de uma viagem. Um bizarro grupo de viajantes parte numa expedição em busca de um continente desconhecido, não presente nos mapas, mas de cuja existência o líder do grupo, um certo Padre Sogol, nunca duvidou. Depois de uma longa viagem por mar, através de uma misteriosa paisagem ou salto quântico, o grupo atraca num pequeno porto do continente escondido. Mas essa é apenas a primeira parte da viagem. O percurso mais importante deve ainda começar: a escalada do Monte Análogo, a montanha que se ergue no centro do continente.

“E então, quando vocês partem?” é a pergunta que um guia de montanha faz aos membros da expedição de Sogol, os quais, depois da chegada ao continente e de encontrarem um alojamento confortável, terminam por acomodar-se à essa nova etapa – os “preparativos para a partida” –, alegando contínuas desculpas para não recomeçar a viagem: uma hora são as condições climáticas desfavoráveis, outra a necessidade de um tempo maior para o abastecimento da expedição. Assim, terminam por esquecer o objetivo de sua viagem, a razão pela qual decidiram partir e enfrentar o desconhecido, até que as resistências e conturbações se acal-

mam e, no silêncio da alvorada, finalmente o grupo retoma seu caminho.

Mas a história é interrompida antes que os protagonistas alcancem o cume. O *Monte Análogo* é um romance inconcluso: René Daumal, gravemente tuberculoso, um dia recebe uma visita em sua casa. Para abrir a porta ao visitante, interrompe o romance na metade de uma frase e nunca mais terá condições de retornar a escrita. Nos dias seguintes, suas condições de saúde se agravarão e ele morrerá pouco depois.

Li esse romance [que inspirou Alejandro Jodorowsky a filmar o cult *The holy mountain*] umas duas décadas atrás e recentemente estive com o livro novamente em mãos para certificar-me de uma frase que me retornava em mente, insistente: “E então, quando vocês partem?”

Apesar da pergunta recorrente, sinto-me em viagem há muito tempo. Uma viagem de transformação e crescimento. E cada um de nós, cada um a seu modo, cada um mais ou menos conscientemente, encontra-se imerso nesta viagem de transformação que chamamos *Vida*.


Talvez a diferença está em encontrar uma chave de compreensão e aceitação, talvez em encontrar um significado (ou melhor, um *sentido*) para as provas que continuamente a vida nos submete. Sacudidos pra cá e pra lá pelas ondas. Submersos pelas vagas. Na desespera-

da procura por um atracadouro, um porto seguro. Por um retorno à casa. É uma viagem marítima, aquela que na maioria das vezes somos obrigados a enfrentar – um mar ameaçador e tempestuoso, ou mergulhado na névoa, desprovido de um horizonte.

E aqui podemos nos valer de um novo herói, Ulisses. E de uma outra história, sobre uma outra viagem, talvez a primeira de todas.

Na astrologia, a posição do Sol na carta natal representa a meta da viagem, aquele percurso que C. G. Jung define como “processo de individuação”. A viagem, portanto, que cada um de nós deve fazer para retornar à casa, para nos transformarmos em nós mesmos. Nesse trajeto, Ulisses é a nossa referência de herói.

O mapa de nascimento é também o mapa da nossa psique – e usando as palavras de James Hillman, morto em outubro de 2011, em cada um de nós existe um inconsciente que pode ser lido e interpretado através da mitologia grega. Viajar no próprio mapa significa também criar uma mitologia pessoal, encontrar os próprios significados. Assim, as divindades representam o nosso panteão interno, as diversas instâncias psicológicas que exigem conhecimento, aceitação e integração. E que pedem para serem respeitadas. Sejam essas divindades benévolas ou antagônicas.

The page features a background of expressive, vertical yellow brushstrokes on a dark, textured surface. The strokes vary in thickness and direction, creating a sense of movement and depth. The overall color palette is dominated by shades of yellow and black.

Ulisses, o herói que encara a viagem à procura de si mesmo, é protegido e guiado pela deusa Atenas, mas ao ofender Poseidon, deus do mar (o planeta Netuno), enfrenta ventos e tempestade ao aproximar-se de Ítaca – o *retorno à casa* – e é arremessado novamente sob o poder das ondas e das vagas que destruirão sua embarcação e provocarão devastação, naufrágio e novos exílios e peregrinações. Mas também uma nova consciência.

Ter uma divindade “contra” nós, um aspecto desarmônico de um planeta ou de um trânsito, significa fundamentalmente aprender a “respeitar o deus que foi ofendido”, transformar um inimigo em aliado, uma tendência negativa e destruidora em potencialidade criativa. Também a experiência do naufrágio faz parte da viagem. Do aprendizado e da consciência consequentes.

Mas não podemos passar toda a vida sob o jugo das ondas e das vagas. A um certo ponto chega-se ao término da viagem. Quando se conclui o trabalho de integração da personalidade – ou ao menos se chega a um bom ponto – alcançamos finalmente o porto. Como os protagonistas do romance de Daumal. Mas o trabalho não terminou. Resta ainda a montanha por escalar. E se é essa a nossa meta, a insatisfação não nos dará trégua.

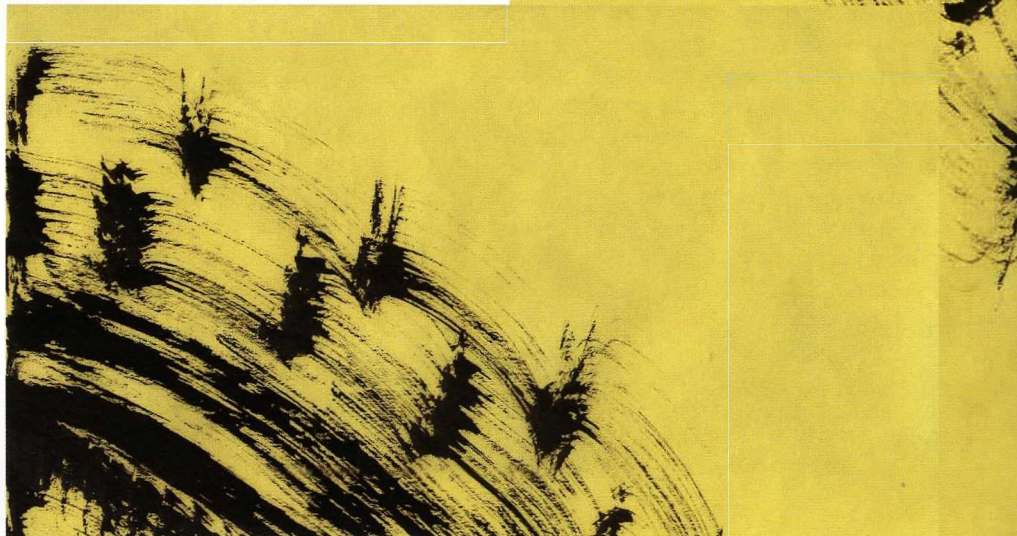
Para alguns, a viagem por mar não acaba nunca. Para outros é uma viagem breve. Para alguns chegar ao porto é a meta da viagem. Para outros é a montanha. E o que representa essa montanha? Em todas as tradições a montanha é o símbolo do Espírito, símbolo do *self* transpessoal. Na minha compreensão, a “via do self” é aquela que nos leva a nos transformar plenamente naquilo que somos, a expressar nossa natureza mais autêntica, nossa vocação. E a escalada é um percurso de concentração e disciplina interior na direção do essencial, daquilo que realmente importa.

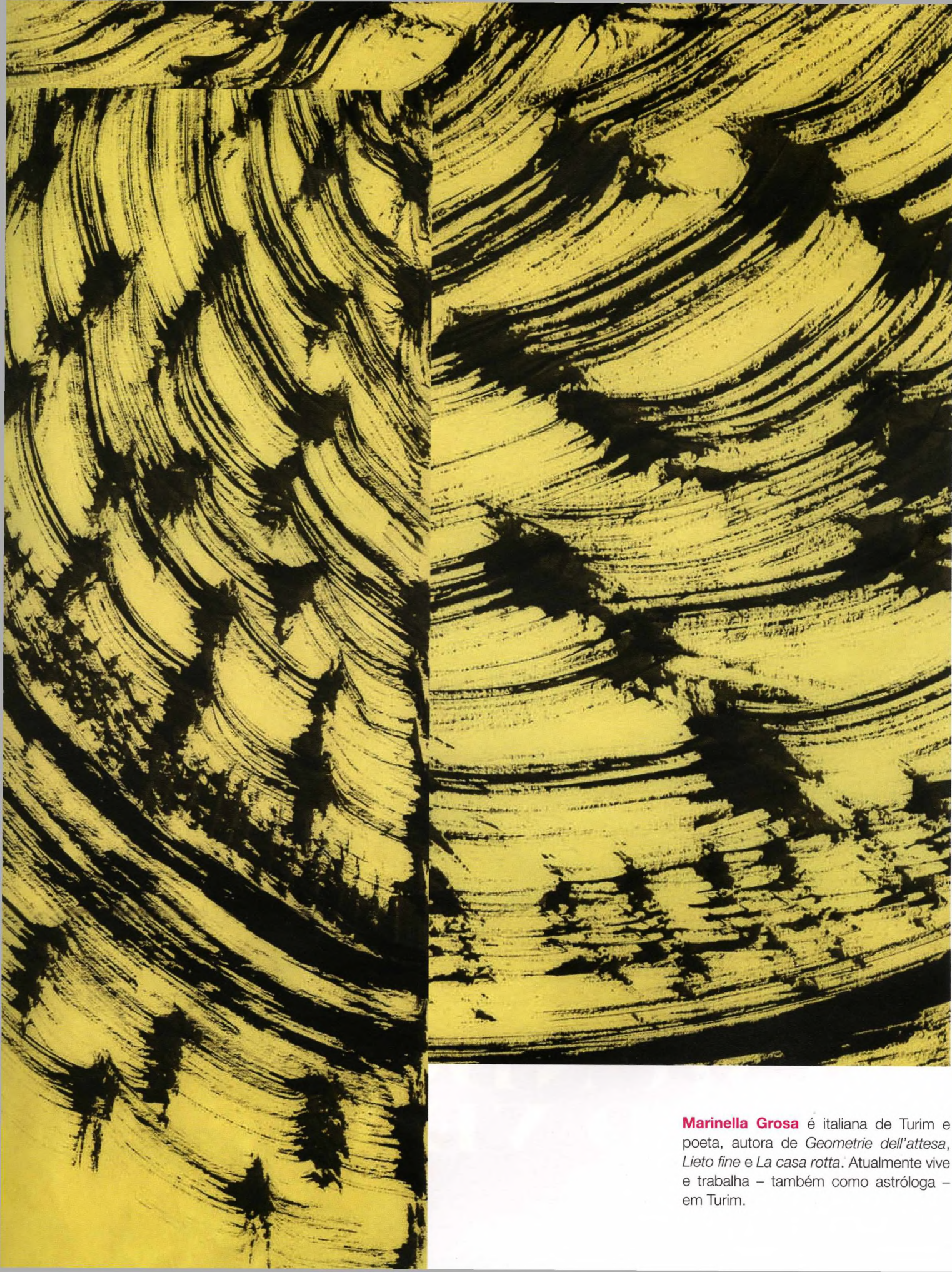
“Follow your bliss”, dizia Joseph Campbell – siga a sua beatitude, faça aquilo que verdadeiramente você gosta e tem prazer e satisfação, porque *tudo isso é você*.

Nós estamos ao mesmo tempo mergulhados nestes três cenários: viagem marítima, chegada ao porto do cotidiano, escalada da montanha. E esses cenários,

em diferentes medidas, mais ou menos explícitos ou latentes, estão sempre presentes dentro de nós, como um potencial da nossa própria transformação, como um convite à viagem.

Onde me encontro? Onde está cada um de nós neste momento? E como fazer para orientar-se? Mapas do território, cartas náuticas, guias de alta montanha: alguém já concluiu esse percurso antes de nós. Mas, além das experiências alheias, existe algo dentro de nós que sabe aonde ir. São as nossas imagens interiores que nos guiam. E naqueles momentos mais difíceis, quando sentimos medo de ter perdido a rota, quando nos sentimos completamente perdidos, quando nos sentimos naufragos em uma terra desolada, se continuarmos a procurar, algo ou alguém virá em nosso socorro, nos indicará a direção. Não nos deixarão sós neste universo. ●





Marinella Grosa é italiana de Turim e poeta, autora de *Geometrie dell'attesa*, *Lieto fine* e *La casa rotta*. Atualmente vive e trabalha – também como astróloga – em Turim.

♦ e p p u r s i m u o v e



A VOLTA AO MUNDO LENDO VERNE

Por Alex de Souza | Ilustrações Joca Soares



Até os 18 anos, o lugar mais distante que pude visitar foi Grossos, indo ao norte do estado, e Jardim de Piranhas, tirando para o sul. Antes disso, nunca tinha visto uma placa de divisa com outras unidades da federação, e avião, só quando eles passavam baixinho na BR em direção à pista do Augusto Severo. Nem passaporte tenho. Ainda assim, por improvável que possa parecer, o mundo não me era de todo desconhecido. Eu já conhecia “um livro de viagens onde a viagem é o livro”.


Esse livro era *A volta ao mundo em 80 dias* e, na verdade, chegou a minhas mãos em três vezes sem juro. A primeira foi quando, moleque, assisti à série animada *A volta ao mundo de Willy Fog*, na TVU. Na adaptação, bem fiel ao original, os personagens são vividos por animais, num esquema meio Disney e, puxa, foram dois meses de expectativa para saber se o altivo leão Willy conseguiria vencer aquela aposta esdrúxula. Fosse de navio, trem, carruagem, diligência ou balão, enfrentando fanáticos religiosos, detetives particulares, índios, ou simplesmente a

má sorte, nenhuma aventura me pareceu tão cativante. Depois, ou antes (sei lá e não vem ao caso), calhou de alguma Sessão da Tarde passar a adaptação pro cinema com o David Niven e Cantinflas – e desde então sempre achei que *Paspartout* (ou, como sempre achei que fosse, *Paspatu*) só podia ser algum tipo de imigrante mexicano. O livro mesmo, li anos depois na biblioteca da Escola Técnica, numa edição antigona que entreguei apenas quando fui jubilado.

A garotada de hoje talvez nem saiba quem diabos foi Julio Verne, mas o corral que ainda se dá ao trabalho de ler revistas como a *Preá* certamente deve ter uma ou duas boas lembranças de juventude proporcionadas por alguma obra do escritor francês. Verne (1828-1905) era um homem encantado pelas possibilidades tecnológicas da emergente Revolução Industrial. Como todo bom escritor de ficção científica, ele soube, como poucos, enxergar não exatamente o que reservava o futuro, mas que tipo de mundo jazia latente por baixo do mundo em que vivia.

E, mais que isso, Verne foi um viajante da própria imaginação. Desde sua obra inaugural, *Cinco semanas em um balão*, mostrou-se um escritor maravilhado por paisagens que só conheceu por meio de livros e que, em sua obra, eram vivas e fascinantes como se lá estivesse o leitor. “Viagens Extraordinárias”, por sinal, era o nome da série que englobava todos os livros publicados por Verne a pedido de seu editor, Pierre-Jules Hetzel.

Assim, muitos dos chamados “romances geográficos” de Verne são ricos em descrições retiradas de atlas e enciclopédias, com rigor, mas também com criatividade e, por que não?, um pouco de delírio. Mesmo tendo viajado apenas uma vez para os Estados Unidos e flaneado outras tantas pela costa mediterrânea somente após se tornar um autor consagrado, Verne passeou em seus escritos por paragens das mais diversas, como as estepes russas em *Miguel Strogoff*; a imensidão gelada dos pólos em *Viagens e aventuras do Capitão Hatteras*; os mares do Sul em *Os filhos do Capitão Grant*; a vasta geografia oriental em *As tribulações de um chinês na China*; ou os mares do



Pacífico por onde Darwin navegou em *O farol no fim do mundo*. Há até uma empolgante passagem pelo Brasil selvagem em *Jangada* (com o charmoso subtítulo *800 léguas pelo Amazonas*). A gente só precisa dar um desconto ao cara por ter colocado uma jangada praieira na floresta amazônica...

Agora, viagem mesmo era o que se passava na cabeça de monsieur Verne quando ele se dedicava aos seus “romances científicos”, uma vez que a expressão “ficção científica” à época sequer existia. Bastavam umas pitadas de informações sobre algum assunto para que o inventivo francês se propusesse a imaginar as mais fantásticas extrapolações que poderiam resultar dali.

Quem, se não Verne, para conceber o submarino Nautilus e seu misterioso comandante, o Capitão Nemo, navegando em águas profundas, por fossas abissais, afundando navios do império britânico e lutando com krakens gigantescos e monstruosos? Ou a estranha expedição do irrequieto professor Lidenbrock e seu sobrinho covarde Axel pelo interior de um vulcão islandês até o centro da Terra? Ou ainda o potente canhão capaz de atirar um projétil tripulado no espaço em direção à Lua?

Mesmo pouco conhecido do grande público como fora há um século, Verne deixou uma marca difícil de desbotar na

ficção científica. Edgar Rice Burroughs, o “pai” de Tarzan, criou, algumas décadas adiante, a estranha Pellucidar, um território perdido no interior da Terra Oca com claros ecos de *Viagem ao centro da Terra*. Essa mesma paisagem encantou mais de um guri que encarou, nos anos 80, as histórias em quadrinhos de *Guerreiro*, um piloto de avião perdido na selvagem Skartaris. Moacyr Cirne, por sua vez, jura ser possível alcançar a Ilha Axel descendo pelo Poço de Santana.

Nos anos 70, foi a vez de José Phillip Farmer reabilitar a obra de Verne mais uma vez com *O diário de bordo de Phileas Fogg*, nosso homem da volta ao mundo, misturando-o numa suruba literária com o Moriarty de Conan Doyle e o Nemo das *20.000 léguas submarinas*. Por sinal, poucos escritores souberam captar o ar soturno do capitão indiano como o inglês Alan Moore, que o coloca como um dos personagens centrais da série em quadrinhos “A Liga Extraordinária”, junto com uma centena de outros personagens da era vitoriana. Moore também soube reconhecer o poder da narrativa de Verne em sua série *Tom Strong*, na qual podemos ver ali ecos de diferentes obras, como *A ilha misteriosa*, *A cidade flutuante* e *Paris no século 20*. E mesmo a ambiciosa série *Planetary*, de Warren Ellis, que buscou sintetizar 200 anos de cultura pop numa única série em quadrinhos, precisou dar o braço a torcer para o velho francês.

O entusiasmo de Julio Verne com o motor a explosão e as máquinas a vapor hoje são a base de um subgênero da ficção científica muito popular, o *steampunk*, que ambienta suas histórias em sociedades baseadas nesse tipo de tecnologia. Interessante notar que a visão otimista de

Verne em relação aos avanços tecnológicos, considerada inocente pelos seus críticos, esteja tão em voga atualmente (apesar de alguns estudiosos considerarem que o otimismo exagerado se deve-se mais a pressões do editor, Hetzel, do que propriamente à vontade do escritor – o que pode ser observado no póstumo *Paris no século 20*).

E, mesmo fora da lista de mais vendidos há uns bons 130 anos, aqui e acolá sua obra volta a despertar o interesse dos estúdios de Hollywood, como comprovam adaptações recentes de *A volta ao mundo em 80 dias* (com Jackie Chan no lugar de Cantinflas, ó heresia!), *Viagem ao centro da Terra*, com o bonito Brendan Fraser, e *A ilha misteriosa*, com o nem tão bonito assim Dwayne “The Rock” Johnson.

E por que essas histórias ainda hoje despertam interesse? Meu palpite é que não importa o quanto o mundo tenha sido mapeado, esquadrihado, estudado, repartido e conhecido: um bom livro de viagens, reais ou imaginárias, sempre nos mostrará sua face de mistério e fascínio. ●





Alex de Souza é brasileiro de Natal ("Casa de Saúde São Lucas, mas o batizado foi na Avenida 2, perto do relógio"), jornalista e pesquisador de histórias em quadrinhos. Atualmente vive e trabalha em João Pessoa.

Joca Soares é brasileiro de Caicó e artista visual. Morou em Parnamirim e João Pessoa e viajou pelo Peru e Bolívia. Atualmente vive em Natal, onde é diretor de cena da Praieira Filmes.



• **CEN DIAS EM BOSTON**
DIÁLOGOS DA CUBA FELIX

• **HAVANA, MI AMOR!**
SAYONARA PINHEIRO

• **DUBLIN REVISITADA**
(JAMES JOYCE'S DUBLIN)
FRANCISCO IVAN

• **DA PONTE DO**
GUARAPES À PONTE
DOM LUIS
PETIT DAS VIRGENS
E MARGOT FERREIRA

• **VIAGEM AO ATOL**
MAURIZÉLIA DE BRITO SILVA

• **O ROMANCE QUE FUI**
VIVER E MORRER EM LONDRES



• O OUTRO LADO DO MUNDO
RAPHAEL BENDER

• VARANASI, UM DESTINO INCRÍVEL
FLAVIO BEFENDE

VIAGEM AO ATOL



Nos últimos vinte anos e meio tenho dedicado a minha vida à proteção e à preservação de um santuário ecológico, um berçário natural que povoa e repovoa ambientes naturais marinhos. É uma verdadeira viagem ir para o meu local de trabalho, pois apenas barcos chegam até lá. A saída é do late Clube de Natal e após 24 horas de navegação, a bordo do catamarã "Borandá", desembarco na estação de patrulhamento e pesquisa. Tudo o que é consumido na reserva tem que ser levado do continente: água, comida, remédio, combustível. Nada pode ser pescado ou caçado e, por não ter manancial de água potável, toda a água que se leva é apenas para beber e cozinhar. A Tábua de Marés, as condições de mar e do tempo é que regem o ritmo de trabalho e a vida da gente, sendo um ambiente bastante inóspito e ao mesmo tempo onde a vida selvagem convive em harmonia com a vida humana. Mas, de qual lugar estamos falando?

Topo de uma montanha submarina de origem vulcânica, o Atol das Rocas está localizado a 144 milhas náuticas a E-NE de Natal-RN e a 80 milhas a W do Arquipélago de Fernando de Noronha-PE. Único recife em forma de atol do Oceano Atlântico Sul, a sua estrutura é composta principalmente por algas calcárias, moluscos gastrópodes e foraminíferos. Sua área interna é de 5,5 km², onde existem duas ilhas – Farol e Cemitério –, um banco de areia em crescimento – Zulu –, uma laguna permanente, barretas e diversas piscinas naturais, que se formam durante as marés baixas.



Universidade Federal de Pernambuco
Departamento de Geociências
Dissertação de Mestrado

dos Sedimentológicos, Morfodinâmicos e
Assentamento Geomorfológico do Complexo
ocidental do Atol Das Rocas, Atlântico Sul.

MAPA GEOMORFOLÓGICO

LEGENDA

- Água
- Cratera Algálica
- Fronte Maré
- Ilhas Rochas
- Vegetação
- Saibrocks
- Ilha de Lama
- Depósito sedimentar
- Sinclinal
- tuas sedimentares
- Reserva Natural
- substrato consolidado
- Inconsolidado



Área de projeção: Universal Transverse Mercator
UTM Datum SAD 85 Zone 22 Sul

Por Maurizélia de Brito Silva | Foto Maurizélia Brito e FAB

O local foi transformado em Reserva Biológica Marinha em 5 de junho de 1979, delimitado por uma área de 36.249 hectares, cujo objetivo é o de proteger integralmente o atol e as águas que o circundam até a profundidade de 1.000 metros. A reserva não é aberta à visitação pública, sendo permitidas apenas atividades voltadas ao monitoramento ambiental, ao patrulhamento e estudos científicos. Desde 1991, equipes compostas por técnicos da unidade, pesquisadores, estagiários e voluntários se revezam, permanecendo cerca de 28 dias realizando atividades voltadas ao conhecimento e a preservação ambiental.

É uma importante área oceânica, considerada um berçário natural porque muitas espécies utilizam suas águas e ilhas para a reprodução, e também como fonte de alimentação, abrigo e repouso em rotas migratórias. Nas ilhas vivem ou repousam cerca de 150 mil aves, sendo a maior colônia reprodutiva de aves marinhas do Atlântico Sul e a segunda maior área de reprodução da tartaruga-verde no Brasil. Em suas águas transparentes e quentes, espécies como lagostas, tubarões, raias, esponjas, corais, estrelas, tartarugas, golfinhos, peixes multicoloridos, moréias, moluscos, caranguejos, baleias e algas se desenvolvem, crescem e se reproduzem de forma gradativa, preenchendo os espaços deixados por anos de exploração pesqueira.

A gestão da unidade é do Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade (ICMBio), autarquia federal do Ministério do Meio Ambiente (MMA), e que tem o apoio da Fundação SOS Mata Atlântica

através do Programa Costa Atlântica e Conselho Amigos do Atol. Essa parceria garantiu a construção da nova estação, proporcionando as equipes uma melhor qualidade de vida durante a permanência na reserva. A renovação dos equipamentos da estação, a contratação de nova embarcação para as travessias e a internet via satélite também proporcionam mais segurança às atividades, contribuindo também com o aumento de novos projetos e garantindo a continuidade das ações de proteção, de conhecimento e de preservação do Atol das Rocas, reconhecido pela UNESCO como um Patrimônio da Humanidade.

Como a visitação é aberta prioritariamente à comunidade científica, a reserva criou um programa de Informação e de Educação Ambiental Itinerante. Esse projeto tem como objetivo repassar à sociedade as ações de preservação e de manejo ecológico através de palestras, oficinas ambientais, exposições, participação em eventos públicos e reportagens. O projeto itinerante começará em 2012 e contará com um veículo adaptado para esse propósito.

Além das atividades voltadas à proteção e ao apoio as pesquisas na reserva, também participo de trabalhos técnicos com tartarugas marinhas, com emergências ambientais e na Rede de Encalhe de Mamíferos Aquáticos do Nordeste (REMANE/REMAB), onde colaboro no monitoramento – e quando necessário no atendimento – ao encalhe de peixes-bois, golfinhos e baleias, sempre em parceria com a ECOMAR.

O envolvimento com outros projetos tem tornado a minha vida profissional cada vez mais ativa e gratificante, pois venho absorvendo vivências e experiências que jamais poderia concretizar se eu não tivesse abraçado a missão de cuidar do Atol das Rocas. Essa é a minha melhor viagem: querer aprender e colaborar em todos os meus dias de vida. Acredito que ainda faço pouco: gostaria de poder criar uma corrente de preservação e de ajudar a disseminar o bem. Penso em escrever um livro, em poder contar os casos e casos, tentar passar adiante o que aprendi convivendo com o próprio atol, lá no Atol. Quem sabe assim eu poderei descansar em paz, minimizarei a dor da última despedida, tentarei passar toda a paixão que absorvi e todo o respeito que me envolveu desde a primeira vez que pisei naquelas areias brancas. ●

Maurizélia de Brito Silva é brasileira de Natal e há 20 anos divide sua moradia entre a capital potiguar e o Atol das Rocas. ("Sou a Zélia Brito ou Zélia do Atol, tenho 45 anos, 26 anos de serviço público, há 15 anos sou Chefe da Reserva Biológica do Atol das Rocas. Não tenho formação superior porque tenho dedicação exclusiva ao atol. Um dia pretendo voltar à sala de aula e terminar o curso que por diversas vezes tentei recomeçar, mas que as seguidas reprovações por excesso de faltas ainda não me deixaram concluir.")

◆ destinos

C E M D I A S E M

B O S T O N

RED LINE
OUTBOUND TO ALEWIFE

RED LINE
INBOUND TO ASHMONT & B
VIA PARK & DOWNT



Por Diógenes da Cunha Lima | Fotos Vera Dantas

Tive o privilégio de passar algumas temporadas no estrangeiro, em períodos que variaram de um a três meses – Berlim, Nova Orleans, Bruxelas, Florença... Ano passado, fizemos – minha esposa Vera e eu – uma temporada de cem dias em Boston, nos Estados Unidos, passando lá todo o outono. Cidade conhecida como o centro intelectual da América, Boston é também o centro econômico do estado de Massachusetts que, com mais cinco estados, integram a região da Nova Inglaterra.

A Grande Boston tem características geográficas peculiares, pois é dividida pelo rio Charles, que a separa de Cambridge – pode-se passar de um lado para outro simplesmente caminhando pela ponte que liga as duas cidades. Se destaca no cenário mundial também pela construção do Big Dig – túneis de até dez pistas. É uma cidade de espírito europeu, de origem predominantemente irlandesa, mas com a abundância típica dos americanos.

Boston é singular por muitas razões, mas citaria duas em especial: pela sua importante participação na Independência Americana – em cuja declaração são citados os direitos inalienáveis, “à Vida, à Liberdade e à busca da Felicidade”; e pela sua famosa universidade, hoje a maior do mundo, Harvard, que se espalha entre Boston e Cambridge. Basta citar os nomes de alguns ex-alunos de Harvard para

compreender sua importância: Bill Gates, John F. Kennedy e Mark Zuckerberg, o jovem criador do Facebook. Oito presidentes americanos, entre eles Obama, e 75 prêmios Nobel têm suas histórias ligadas à universidade. Ela é primorosa. Na área do Direito, então, é fabulosa: sete dos nove ministros da atual Suprema Corte dos EUA saíram de Harvard.

Os bostonianos em geral são simples, desapegados de excessiva vaidade, e confiam na sua palavra. As doações para a Universidade de Harvard são incríveis: um ex-aluno doou 30 milhões de dólares para o seu hospital – e de forma anônima; outro doou 10 milhões para o curso de Literatura. Outra grande doação, para a biblioteca do campus de Harvard, foi a de um descendente do naufrágio do Titanic, cuja exigência foi de que todos os alunos teriam que aprender a nadar. Boston é também fiel às tradições – foi muito agradável ouvir no campus de Harvard o sino da igreja católica tocar a cada início das aulas.

Assim como em outros estados americanos, as placas dos carros dos médicos se distinguem pela cor verde – e cada estado leva um slogan em suas placas: os carros de Massachusetts, por exemplo, ostentam “The Spirit of America”, enquanto os de New Hampshire, “Live Free or Death”.

Incorporamo-nos ao cotidiano de uma cidade americana com requinte inglês. A



praticidade americana permitia que cuidássemos nós mesmos do nosso apartamento alugado, que ficava na área do MIT (Massachusetts Institute of Technology), próximo a uma das margens do rio Charles (na qual tinha uma escola de canoagem da qual não tivemos, infelizmente, tempo de participar) e de uma estação de metrô, o que nos permitia um acesso rápido e em segurança a qualquer lugar e hora. O sonho de vida de qualquer um!

Logo descobrimos uma igreja católica – a Igreja de Santo Antônio. Costumávamos ir, caminhando, à missa aos domingos, celebrada por um jovem padre de São Paulo que lá fazia seu doutorado em teologia. Que rica homília!

Frequentei um curso de inglês no Cambridge College, enquanto Vera, estagiava no Massachusetts General Hospital. O meu curso era uma torre de Babel, com estrangeiros de todas as partes do

mundo – Rússia, Chile, Espanha, Nepal. Orientados por um experiente professor, conversávamos sobre poesia (Emerson, Thoreau, Frost), sobre a história dos EUA, sobre nossos países de origem. Uma experiência fantástica.

Paralelamente, costumava ler os jornais locais, gratuitos, a revista da Universidade de Harvard e o jornal do MIT, além de me dedicar a traduções de poemas de Robert Frost. Fomos a lançamentos de livros – sempre iniciados com uma palestra do autor. No Museum of Fine Arts, destaco a galeria de instrumentos musicais, muitos deles exóticos e rebuscados (o cavaquinho português, o violão de nove cordas, o mandolin, um órgão de boca), a sala dos impressionistas franceses do século 19 e a sala de pinturas renascentistas. O balé no Boston Opera House, shows como o Blue Man e peças teatrais, o John F. Kennedy Presidential Library and Museum e o

Museum of Science, foram outros destaques que visitamos com alegria.

O Dia de Ação de Graças, na última quinta-feira de novembro, está para os americanos como o Natal para nós. Fizemos questão de ter um almoço tradicional, em um restaurante numa praça de Cambridge, com a tradição do peru ao molho de *cranberry* (frutinha vermelha e ácida). Neste almoço nos reunimos com amigos brasileiros, Antônio Figueiredo, de São Paulo, e Heloísa Galvão, de Natal, que moram em Boston há mais de dez anos. São cerca de 300 mil brasileiros morando na Grande Boston e cidades vizinhas, o que justifica os 22 pontos de vendas de jornais e revistas do Brasil.

A 30 quilômetros de Boston, na cidade de Concord, está o lago Walden, bastante visitado por ter sido cenário do poeta e filósofo Henry David Thoreau, que lá morou isolado do mundo por dois anos. No terreno doado por Ralph Waldo Emerson, Thoreau construiu com as próprias mãos uma cabana, e plantava e colhia seu próprio alimento. Sua filosofia, “o simples pelo simples”. Era uma figura revolucionária. Conheci sua obra muitos anos atrás, através do professor Edgar Barbosa, na UFRN. Ele sempre citava Thoreau como um escritor fantástico que pregava que não se podia obedecer a regimes injustos, influenciando grandes personalidades do mundo, como Gandhi, Martin Luther King e Leon Tolstói.

Boston é uma metrópole tranquila, organizada e bastante segura. A assistência social funciona com a melhor qualidade. Os cegos, por exemplo, são monitorizados por um serviço da Prefeitura que liga toda semana para eles para saber se está tudo bem e envia recomendações em braile. Há coisas estranhas também, como alguns anúncios nos classificados: aborto sem dor, redução de vagina etc. Já na área jurídica: “Advogados sérios para casos sérios”, “Não cobramos se não ganharmos”, “Se você não pode vir, nós vamos visitá-lo. Em sua casa ou no hospital”.

Essencial, para saber mais, é ler o livro *Brasileiros na América*, do maranhense Álvaro Lima, diretor de pesquisa da Prefeitura de Boston. ●



Diógenes da Cunha Lima é brasileiro de Nova Cruz, advogado, poeta, escritor e presidente da Academia Norterrriograndense de Letras. Atualmente vive em Natal, onde trabalha e escreve.

Vera Maria Dantas é brasileira de Natal, pediatra e professora doutora. Atualmente vive e trabalha em Natal, no Hospital de Pediatria da UFRN.

• d e s t i n o s

DUBLIN

REVISITADA



James Joyce's Dublin

"Le voyage commence dans une bibliothèque. Ou dans une librairie."

Por Francisco Ivan | Ilustração Dimetrius Ferreira

(Michel Onfray, *Théorie du Voyage*)

Dublin revisitada, abril de 2011, pois, lá estive, leitor, em 1984.

Mas de meu tempo de menino escolar, fazendo o *Curso Primeiro*, como aluno matriculado no Grupo Capitão Mor Galvão, em Currais Novos, cidade onde nasci e cresci, guardo esta lembrança na memória: usávamos um livro de História todo ilustrado com estampas das cidades capitais do mundo, rios importantes e pontos de interesse que me causavam raro deslumbramento quando passava, curiosamente, suas páginas – sim, *a viagem começa em uma biblioteca. Ou em uma livraria*, como diz nossa epígrafe. E aquele deslumbramento tornava-se mais forte quando abria na página onde se encontrava uma ilustração do centro de Dublin, a capital da Irlanda – em preto e branco, mas como me fazia sonhar, viajar por aquele país de bruxas e fadas e rendas; rendas que, como lembro-me, eram vendidas nas lojas de tecidos de nossas cidades do Sertão do Seridó... Minha mãe conhecia como ninguém a renda irlandesa, falava muito dentro de casa sobre a renda irlandesa; eu sentia sua preocupação com o efeito artístico e a leveza que essa renda deixava, por exemplo, em um vestido de primeira comunhão. Para quem gosta de luxo e beleza, devo dizer que, lá, na Irlanda, essa renda não existe mais. Não. Procurei do norte ao sul da Irlanda, só encontrando a reprodução em poliéster. Uma coleção de cortinas, em uma loja de Dublin, me lembrou nosso labirinto, o labirinto de Touros, hoje uma

raridade neste estado invadido pela indústria do turismo. A indústria cultural, a tecnologia, enfim, o progresso devora o resto da comida. *Væ Victis!*

Mas para mim, aquela estampa, no livro de História/Geografia, adotado em meu *Curso Primeiro*, era algo fantástico e maravilhoso. Virava e olhava, sucessivamente, aquelas páginas ilustradas com o centro de Dublin estampado quase do tamanho de um cartão postal. Diante daquela estampa sonhava, viajava e me via distante. *Viajar é bom, ter viajado é melhor*, palavras de Câmara Cascudo. Viajar é uma experiência que se traduz na educação da sensibilidade e inteligência; implica também uma ética do divertimento. E onde quer que estejamos sozinhos, estamos viajando. Nos livros, fiz viagens de espaço adentro.

Via Dublin estampada em meus livros; carregava Dublin comigo. Com essa estampa eu comecei a viajar. Mas o tempo passou e quando cuidei estava lendo *Ulysses*, de James Joyce, o romance mais complexo da literatura moderna, dizem os que sabem. *Ulysses* é um livro de viagem. Com *Ulysses* acabei viajando à Irlanda. *Ulysses* me fez ver Dublin, por dentro e por fora. Sim, visitei Dublin em 1984; a leitura desse livro de James Joyce (1882-1941) nos coloca em tudo quanto é canto, beco, rua ou esquina de Dublin. Dizia Joyce que se Dublin viesse um dia a ser destruída, podia ser inteiramente reconstruída a partir de seu próprio livro.

Visitei Dublin em 1984. Nesse tempo estava nos Estados Unidos fazendo pesquisa para escrever uma tese de doutoramento. Lia *Ulysses*, ou melhor, estudava a *Obra* joyceana de perto, no original, e me detinha nos trechos de cada episódio, nos trechos por onde Mr. Bloom, esse fascinante personagem, passava: as muralhas vikings, o rio *Liffey*, suas igrejas e catedrais anglo-normandas, ruas medievais, vitorianas, pubs e prédios antigos com suas fachadas desgastadas, a *Grafton Street*, onde estão todas as lojas de luxo, o requinte da *Merrion Square* do dandismo de Oscar Wilde. Wilde, esse *dandy* ainda hoje lá, em uma estátua de mármore quase do tamanho do mundo, com sua gravata de laço que é um lenço verde de mármore, em um belíssimo parque. Ele, dileitante, espichado sobre uma imensa pedra, de frente para a mansão onde viveu, confirmando o que lhe contam e cantam artistas, poetas e críticos, ele parece fitar cada instante de seu ocioso e artístico tempo.

Algumas passagens me faziam parar, demorando-me em algumas citações e situações, e não era difícil imaginar a vida real, um dia comum, em uma cidade como Dublin, a Dublin de James Joyce, Dublin do começo do século 20, Dublin de 1904. Pois é, aqui tenho que acertar o leitor: não se trata de uma metrópole, o leitor não tem que pensar em uma cidade cosmopolita. Onde parar? Podemos parar na cidade do Recife, no começo do século passado.

Falo de Dublin: é uma cidade que canta a qualquer hora do dia ou da noite. Quão linda é Dublin! Andar por Dublin pelas margens do *Liffey*, rio de águas famosas, andar por Dublin, só para entrar em um *pub* e beber uma *Guinness*... Quão linda e pequena é Dublin! Visitei Dublin, sim, em 1984, estava fascinado pelo livro de Joyce.

Cheguei a Dublin em uma daquelas tardes de maio primaveril. O clima trazia leves cortinas de nuvens que pareciam rendadas... Era Dublin que me recebia em sua sala, Dublin e o *Liffey* corrente, um rio correndo cheio na matéria concreta de suas paredes seculares. Em suas margens bebe-se *Guinness*... Sim, chegando a Dublin pela primeira vez vi a cidade do Recife onde o Capibaribe derrama o cheiro de lama até nos claustros conventuais... O *Liffey* e o Capibaribe deixam grossas cortinas de lama no caminho por onde passa a gente. Pois foi: cheguei a Dublin em uma tarde de maio, uma tarde vazia de marinheiro de primeira viagem, caminhando no ritmo da viagem... Um jovem dublinense, que sabe ser o centro o melhor lugar de acesso a outros lugares, me indicou o hotel onde fiquei hospedado, o *Waldorf Hotel, 11 Eden Quay, Dublin* (hoje, esse hotel nem existe, nesse endereço funciona um lugar de jogos eletrônicos). Em um pequeno quarto desse hotel fiquei. Era um quarto em que só eu estava... Bem irlandês era meu café da manhã: a mesa farta de bacon, ovos fritos e um doce feijão. Tomava o *irish coffee* como em uma celebração/banquete antropofágico, devorava e deglutia faminto a comida do outro. Naquele quarto de hotel eu estava só... Da janela que dava para a rua avistava o *Liffey*; era e é, ainda hoje, uma rua comercial, secular, barulhenta e movimentada. De um lado e outro do *Liffey*, frequentadores de pubs brindavam com cerveja entre risos e canções populares... Via passar a vida em uma cidade europeia. É só levantar o olhar na corrente do *Liffey* para avistar o mar, parte do Atlântico dominada pela Inglaterra. Essa é uma vista muito bela, a vista da *Baía*; mais ainda, a vista da plataforma da *Torre Martello (The Martello Tower)*, hoje *Torre de James Joyce* ou *Museu de James Joyce*, onde morou em 1904 e aí sonhou sua *Odisseia*, à época um lugar abandonado, hoje um centro de visitas diárias onde os

fanáticos homenageiam Joyce. Cada visitante que lá chega parece faltar-lhe fôlego, de assombro e prazer, e só consegue exclamar: *James Joyce!*

Dublin é uma cidade de silenciosa harmonia, de visível sensualidade e severa religiosidade. Os irlandeses passam por a gente com um ar de duques, têm o dom de mostrarem-se onde quer que estejam, são excêntricos. E veem-se mendigos nas ruas: não sei por onde suas pedintes expressões... O irlandês se expressa através da música, pelas baladas noturnas, e cria para o ouvinte uma doce canção que a gente carrega consigo, não o turista de passagem. Os celtas fizeram Dublin para que o homem moderno nela habitasse. Penetrá-la é experimentar uma espécie de panteísmo, um panteísmo extremamente pagão e profundamente religioso. Caminhando por suas ruas, a gente pode encontrar os traços de antigos deuses. É preciso saber ler esses traços, decifrar suas promessas, interpretar os ventos, os acontecimentos e compreender seus hábitos. Assim é viajar por fora e por dentro de uma cidade, país ou continente.

Donde a necessária celebração do livro de Joyce como um livro de viagem com sua composição de ricas e cotidianas passagens. Em *Ulysses* começa e acaba a viagem; em *Ulysses* começa e acaba a arte... Aqui, o viajante respira a terra e faz de seu destino uma contínua obsessão. Da *Parnell Square* até o cemitério de *Glasnevin*, o leitor parece ler passo a passo o livro de Joyce. (*Glasnevin* mencionado no VI episódio da *Odisseia* joyceana, "Hades".) Pois bem, tendo lido o livro de Joyce e compreendido algumas coisas sobre essa terra longínqua, a Irlanda de tantos contos, a Irlanda *com seu mundo e suas criaturas*, onde o catolicismo se implantou sob o signo da missão de Saint Patrick, seu padroeiro, eu me senti chamado a uma peregrinação. Foi então que percebi o peso da alta literatura e o que um verdadeiro escritor pode fazer com seu leitor. Saint Patrick! Teria eu cruzado com ele em alguma esquina fantasmagórica? Sua voz a Irlanda ainda ouve... Teria eu cruzado com Saint Patrick em alguma esquina assombrosa? Neste mundo real, que se parece tanto com um livro de sonhos, nada existe que não toque o universo do fantástico/mágico. Teria eu cruzado com Oscar Wilde em algum parque de-

serto? O percurso de minha viagem teve algumas coincidências e que me revelaram alguns segredos. Lá, onde transitei sobre aquelas pontes, cuja nodosa arquitetura é perversa.

Eu visitei a Irlanda e me lembro dos anos que me preocupava com o escrever uma tese, tarefa devida à minha vida acadêmica como professor universitário, bolsista da Capes/Fulbright. Visitei a Irlanda/Dublin... Foram felizes aqueles dias de 1984. Tratei mesmo de visitar cada lugar mencionado no *Ulysses* de Joyce. O viajante, de uma maneira geral, deve estar sempre atento às placas e aos monumentos que se lhe expõem à vista. Não raro, como viajante, as passagens por onde passamos caracterizam-se como um bem, bem nosso, no caso de cada viajante chocar-se justamente pela descoberta monumental que se liga à marca do lugar. E neste sentido, toda viagem é uma *Odisseia*. E, é neste sentido, que se pode falar, é neste sentido que falamos da *Odisseia* de Bloom. *Odisseia* famosa por tudo que se imagina desse irlandês judeu.

Caminhando eu pelas ruas, tendo ao lado duas amigas, ambas professoras de Inglês da Universidade Federal do Rio Grande do Norte em missão acadêmica, já avistava por detrás de prédios antigos, entre aquelas velhas e modernas pontes, as altas torres de igrejas que ofuscavam com o ouro de suas cruzes e com os desenhos rendados das guirlandas de ouro suspensas em espaços arqueados... Quem eram os eleitos que pisavam neste recanto? Quem eram os felizardos que celebravam nestes altares? ... e um labirinto de estreitas e pequenas ruas nos levam até a *Christ Church*. Debaixo de suas torres tinha lugar, ao meio dia, nosso almoço. A hora nos favorecia uma boa garrafa de vinho. Ficar ali no patamar de suas paredes medievais é, sob todos os pontos, uma hora religiosamente artística, ociosamente diletante. Ah! Ali suspiramos e descemos, suavemente, dando voltas vitorianas pela agitada e deslumbrante *Dame Street*...

Quão besta somos quando não viajamos. O viajante artista/poeta ganha a praticar na viagem a divertida ignorância. Dublin revisitada: eu já havia esquecido certos lugares e logo percebi que já sabia tudo daquela cidade, onde estive em 1984, aquela cidade encantadora a qual ne-

DUBLIN REVISITADA

Dublin, 22 de abril de 2011

E tu, Liffey lendário,

De lágrimas, de pobreza e de riqueza cheio,

Recorrente de luzes para o olhar lado a lado,

Já um o monstro dorme à tua margem,

Nas páginas do clássico James Joyce.

O que não vemos, lemos

Nas pontes de ferro,

Ou ponte mesmo de concreto

Escorrendo tintas amarelas

De antigos barcos ainda com vikings à janela.

Há parques e jardins e fontes,

Onde se avista o verde esmeralda da Ilha.

Há museus com sombrias portas

E bispos sepultados com a dor da crença...

Há criptas de pedras frias e afrescos.

Os sonhos em esquecimento sepultados!

O cheiro urbano e páginas de jornais ao vento,

De repente, um vulto vê-se no espelho das águas oleado.

Caminho entre os homens nas margens do Liffey...

Eu fui Yeats, eu fui Beckett, eu fui Joyce,

Dublin, morada de grandeza,

O que é, o que será, o que foi passado?

E com passos calados atravesso o *Grand Chanel*,

Ah, levanto os olhos!

Vejo Oscar Wilde passar no *Merrion Square, 1*,

O rosto é o dele? Sua boca dita grande,

Sua estatura alta e extravagante!...

– Apita um trem em movimento de antes mais.

Quem sabe de Oscar Wilde?

Um jovem, se precipita e o beija,

Bela feição grega! O Amor e a dor!...

Debaixo de velhos navios desaparece o mar,

O ferro de velhas pontes rouba o dia e o escurece,

Junto àquela outra margem um marinheiro corre

E proclama Ulysses o emblema humano do povo irlandês.

Que assim seja para sempre,

Amém!

nhum visitante consegue resistir. E dentro de mim despertou uma sensibilidade nova; despertaram em minha alma impressões da minha primeira visita quando me via preocupado com o escrever uma tese sobre o *Ulysses* de Joyce. Muitos lugares de Dublin eu já havia esquecido completamente e olhava, curiosamente, como um “turista”, para os famosos monumentos, os museus... *A Kildere Street*, região de museus, o *Trinity College*, onde se encontra o mais famoso manuscrito da arte das iluminuras, *The Book of Kells*, em cujas páginas rebordadas e decoradas estão escritos, em latim, os quatro Evangelhos, e onde estão gravadas as mais belas imagens da arte céltica/irlandesa! Esse magnífico livro, dos primeiros séculos da Idade Média, não foi feito para uso e estudo diário. É um sagrado trabalho de arte presumivelmente para aparecer no altar em ocasiões especiais. Salvou-se de incêndios. Aqui está meu louvor a esse livro, ou, melhor, a Dublin: a biblioteca do *Trinity College* abarca todos os volumes do mundo; há nela uma longa sala (*The Long Room*) que se abre ao universo. Ou se fecha.

Ter viajado então e ter tocado o lugar onde um dia foi... Porém, sei que o homem perdura e que se reconhece o mesmo em qualquer lugar. Em nossa memória perdura a radiante felicidade de recordar o lugar por onde passamos quase como um consolo de não chegarmos jamais a esses horizontes utópicos de nossos desejos.

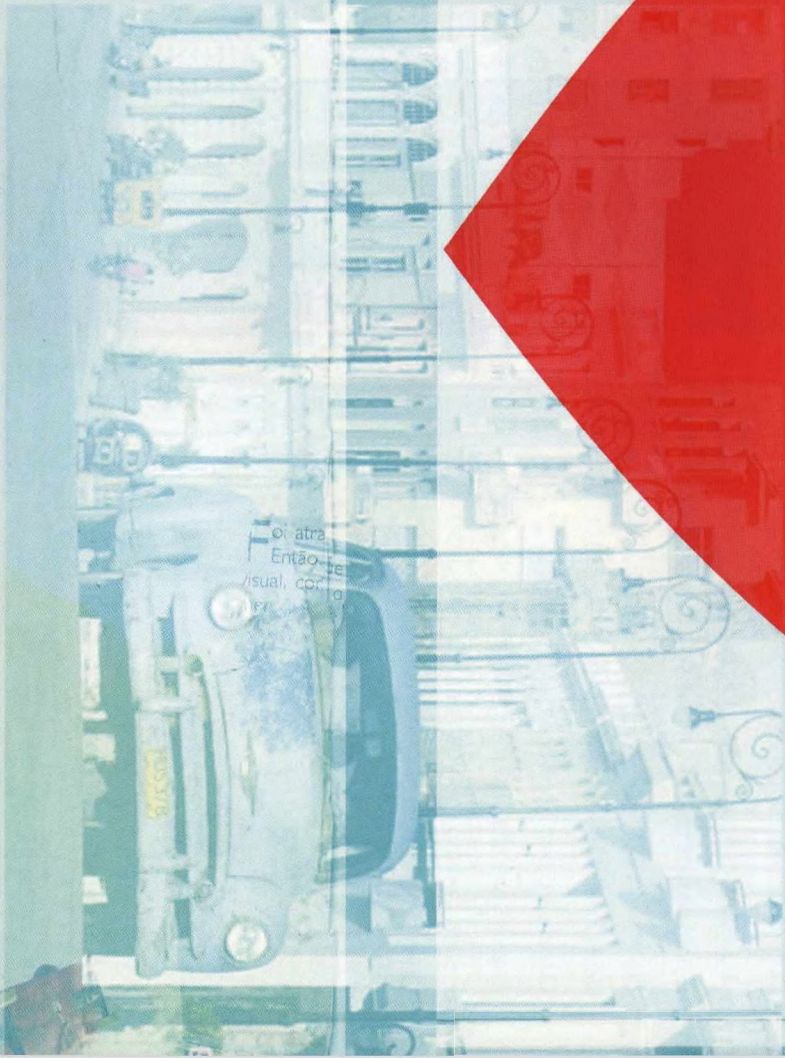
Pois bem: aí está Dublin a meu ver; aí está Dublin com seus grandes homens; aí estão William B. Yeats, Francis Bacon, Samuel Beckett; vemos a linda estátua de Oscar Wilde; vemos deslumbrantes parques e jardins, o *Parque Saint Stephen*, onde vemos um busto de Joyce, Joyce velho com ar de louco... Não se pode deixar de ver as lindas mansões do século 18 com suas belas portas, aldravas e varandas de ferro forjado... Mais a leste, ao sul das docas, vê-se um complexo futurista, harmonioso conjunto paisagístico da Modernidade... Mas com tudo o que vemos, há algo que nunca se diz; algo que nem sequer o artista diz; há algo que só conseguimos ver. Viajar é preciso. ●

Francisco Ivan é brasileiro de Currais Novos, poeta e professor da UFRN.

S
QUE
E S

FE

OR MARCELO VIEGAS E EDSON ALVARADO
LUSIA



oi atra
Então
visual, cor
Ex



HAVANA,
MI AMOR!

CHEGAR COM
MINHA

destinos

ESTRATÉGIA
STOK



Por Sayonara Pinheiro | Ilustração Dimetrius Ferreira

Um Mercedes-Benz Fintail, original, bem cuidado, vermelho com detalhes branco na carroceria e branco com detalhes vinho no seu interior. Parado no estacionamento do aeroporto de Havana. Era Rosa, a pessoa que nos assessoraria durante a VIII Bienal de La Habana.

Entramos no Mercedes e seguimos para o hotel. No caminho ela nos contou que convenceu um velho amigo, proprietário do automóvel cinematográfico, a emprestá-lo para nos buscar, e que se ocupou a semana inteira selecionando músicas para que ouvíssemos no percurso. Percebi de imediato que Cuba era um lugar diferente, lugar de cuidado e carinho com o outro.

Havana – Cuba – é um lugar de extrema complexidade, plena de tramas, de cumplicidades, de olhares textuais, de comunicação corporal. Lugar submetido a um sistema político que me incomodou profundamente, mas me fez perceber da nossa ignorância do outro, do nosso entorno e o quanto fazemos questão de estarmos mergulhados num vácuo solitário.

Foram muitas as histórias compartilhadas. Duas delas me tocaram mais que as outras no aspecto de sentir o interno e o externo simultaneamente.

Fiquei amiga de Juan (nome fictício por razões que logo vocês entenderão), um dos fundadores da *Escola* Internacional de *Cinema e TV de Cuba*. Especialista em efeitos especiais, foi quem fez a maquiagem de Che Guevara para sair disfarçado de Cuba. Conta que pediu-lhe sua boina como recordação, mas o Che lhe presenteou com sua arma. Juan sonhava com um museu de cinema em Alamar, capital de La Habana del Este, município da província de Ciudad de La Habana, onde vivia na época. Me levou várias vezes no prédio do sonho para detalhar o lugar de cada equipamento na sala vazia.

Juan foi casado com uma das irmãs de Fidel Castro, com quem teve um filho. Devido a esse relacionamento foi excluído do governo e vivia em uma residência social cedida pelo sistema. Certo dia me ofereceu um jantar, ele mesmo preparou. Era espaguete. Levei uma salada verde, Juan não conhecia rúcula. Comentei que vendia no mercado vizinho a sua casa – foi quando revelou que havia utilizado toda a sua reserva de alimento mensal, controlada pelo governo, naquela mesa.

Que importância teria eu para aquele homem que fez parte da história de Cuba? – Possibilidade de comunicação para além do oceano que separa a ilha do mundo – ele viu a possibilidade de edição de seu

livro de 300 páginas, o qual jamais me revelou o conteúdo.

Este homem me remeteu entre tramas. Fiz o link dele com o coletivo OMNI, grupo de artistas cubanos, todos os lindos reunidos em algum lugar. Os instiguei a realizar uma intervenção na Bienal, participei de várias reuniões, o silêncio obrigatório me inquietava, imagine a eles...

O OMNI, com colaboração de Juan, realizou uma performance durante a abertura da Bienal. O Amaury Pacheco, líder do coletivo, se manteve pendurado pelo pescoço (efeito especial) numa árvore, na rua, no percurso das intervenções urbanas, caminho obrigatório para a imprensa internacional especializada em artes visuais. Mídia e curadores procuravam alguém do grupo para entrevistas. Mas o medo do sistema manteve a intervenção sem autoria, silenciosa e barulhenta ao mesmo tempo. É assim que tenho Havana. ●

Sayonara Pinheiro é brasileira de Natal, artista visual, expôs em Santiago de Compostela, La Coruña, Texas, Lisboa, Porto, Alamar, Florença e Bruxelas, onde morou por quatro anos. Atualmente vive e trabalha em Natal.

◆ destinos

VIVER E MORRER EM LONDRES

Por Antonio Nahud Júnior | Fotos Renan Rêgo



Morar no estrangeiro nunca esteve presente nos meus objetivos de vida, nem mesmo em sonhos. Porém, em 1994, surgiu uma oportunidade concreta de trabalhar como assessor de comunicação de um grupo teatral na Galícia, Espanha. Resolvi arriscar, afinal, como disse Pablo Neruda, “morre um pouco a cada dia quem nunca arrisca algo novo”. O trabalho não deu certo, o diretor era um tirano. Coloquei minha mochila nas costas, Rainer Maria Rilke no coração e parti, primeiro para Madri, depois Barcelona, Lisboa, Sintra, Tanger e, em 1999, estava em Londres, buscando aprender uma nova língua e disposto a novas aventuras e desventuras durante esse tempo como peregrino nas terras de Charles Dickens. Alojsei-me inicialmente em Wimbledon, um distrito ao sul de Londres, em um prédio vitoriano de dois andares com tijolos aparentes, simpático, embora povoado por corvos gordos e históricos que me assustavam.

O que primeiro me surpreendeu foi a mistura de diferentes povos, culturas e religiões. São estimados em mais de 300 os idiomas falados na capital inglesa. Eu realmente me sentia numa Torre de Babel, com os olhos e ouvidos atentos a todas essas diferenças. Tinha a sensação do que é estar na esquina do mundo e, por outro lado, a noção de como o mundo é minúsculo.

Aos olhos do observador distraído, Londres tem um estilo único: ruas inteiras de casas com a mesma fachada. Uma observação mais atenta mostra a herança de diferentes momentos históricos: a Londres romana, a medieval, a elisabetana, a georgiana, a vitoriana, a moderna etc. Para quem chega pela primeira vez tudo parece encantador: uma cidade organizada, funcional, com transporte público, lazer e policiamento eficientes. A Londres turística é umas das cidades mais visitadas do planeta. Realmente é bela e merece ser explorada. Porém, ir além do turismo, mergulhar na vida cotidiana dos seus habitantes e na rotina dos subúrbios foi minha opção. O choque inicial aconteceu ao visitar, à noite, a praça onde viveu a minha escritora favorita, Virginia Woolf, descobrindo um verdadeiro açougue humano. Vultos circulavam dis-

cretamente, não sendo possível enxergar seus olhos de bichos noturnos sedentos de sexo. Escondiam-se nas sombras, nos plátanos, nos arbustos, à espera da presa certa. Acontecia bem rápido. Nada de beijos, apertos de mãos ou conversas fiadas. Os ingleses se encontravam e copulavam ali mesmo. A liberdade era total. Foi quando eu constatei que aquela cidade era diferente de todas as cidades que eu conhecia.

Conheci a Londres “barra-pesada” também nos bairros de Harlesden e Brixton, onde vivem predominantemente indianos, caribenhos – jamaicanos, principalmente – e muitos africanos. Juntam-se a esta população mais antiga, imigrantes vindos dos mais diferentes países e uma inacreditável quantidade de brasileiros. Nas ruas, nas lojas e no transporte público era normal escutar alguém conversando em português. Harlesden e Brixton são bairros de pobres num país rico. A Londres que o turista não faz questão de conhecer ou nem sabe que existe. A Londres asiática, negra e multicultural, com cara de sofrida e cansada. Os custos de moradia não são baixos. Geralmente os imigrantes dividem quartos e pagam uma média de 50 libras por semana. Eu compartilhava um antigo casarão com uma canadense, um francês, um italiano e uma argentina. Uma verdadeira piração, eles só pensavam em sexo, drogas alucinógenas e encher a cara de vinhos baratos. Já o meu objetivo era absorver a arte local. Quando não estava no cursinho de inglês de péssima qualidade, ou lendo no Hyde Park, frequentava os fabulosos museus, shows pop ou eruditos gratuitos, teatros, galerias de arte, bibliotecas etc. Participei de encontros literários alternativos, li poemas meus ao lado do velho beatnik Lawrence Ferlinghetti e, totalmente pelado, diante de um público numeroso, interpretei poemas de Hilda Hilst e Ferreira Gullar no projeto “The Naked Poets”.

Depois de seis meses sem ter evoluído muito no aprendizado do inglês, andando com malandros italianos e espanhóis, mergulhei numa inesperada depressão. Sentia falta do sol, das cores tropicais, da balbúrdia nordestina. Não suportava o tempo cinzento, chuvoso e úmido. Nessa época calamitosa, escrevi os meus melhores poemas – épicos, humanos. Eu me sentia morto, mas renascia subitamente diante das “Alegorias do Amor”, de Paolo Veronese, na National Gallery. Eu me sentia morto, mas renascia subitamente

diante de Nina Simone cantando em um pequeno teatro. Eu me sentia morto, mas renascia subitamente diante de Dame Judi Dench interpretando Shakespeare no Old Vic. Eu me sentia morto, mas renascia subitamente diante das gravuras espiritualizadas de William Blake. Eu me sentia morto, mas renascia subitamente diante dos templos gregos no Museu de História Natural. Passei um ano mergulhado nessa estranha melancolia ávida por momentos de beleza artística. Terminei por ficar amigo da escritora Doris Lessing, prêmio Nobel de Literatura: tomava chá com ela e saciava sua curiosidade sobre os costumes brasileiros. Tive um romance estúpido com o fútil ator inglês Rupert Everett (de *O casamento do meu melhor amigo* e *O marido ideal*), que me levava para elegantes casas de campo ou reuniões festivas em Chelsea, Richmond e West Hampstead, os bairros mais caros de Londres. Acostumado com a péssima comida da cidade, vivendo a base de fish & chips (bacalhau frito com batatas fritas), com Rupert provei maravilhosos pratos típicos da cultura inglesa, como o delicioso beef Wellington, yorkshire pudding ou cornish pasty. No entanto, normalmente estava sozinho, enxergando vultos assombrados – que voavam ou saíam da terra diante de meus olhos arregalados –, passando dias inteiros nos bucólicos cemitérios, e escrevendo, escrevendo como um demente.

Não tinha conhecidos brasileiros, evitava-os. Jamais ia aos eventos organizados pela Embaixada do Brasil, descartando seus convites. Sabia que era muito comum entre os brasileiros a máxima de que brasileiro não deve confiar em brasileiro que vive no estrangeiro. Sabia de histórias horríveis de conterrâneos legalizados que denunciavam patricios em situação ilegal ao Home Office (órgão da imigração). A grande maioria dos brasileiros que vive em Londres não valoriza a cidade. Acaba entrando num espiral de trabalho-casa e, no máximo, um churrasco de fim de semana com seus parceiros “brazucas”. Não sabe absolutamente nada que vá além do círculo da comunidade brasileira. Essas pessoas falam muito pouco inglês e conhecem quase nada da cultura local. Um desperdício. Eu fazia justamente o contrário, virando a “verdadeira” Londres de cabeça pra baixo e distante de qualquer churrascaria ou bares tupiniquins. Tinha o costume de frequentar, sem sair de meu bairro, restaurantes espanhóis, mexicanos, italianos, franceses, árabes, turcos, japoneses, chineses, indianos, nepaleses e gregos.

Nunca achei o povo inglês frio e antipático. Seria simplificar demais o tema. Aprendi que toda metrópole é fria e antipática. E, se vivo numa grande cidade, não estou atrás de sorrisos ou delicadezas. O que existe em Londres é uma indiferença generalizada. Nessa terra, o frio predomina, o egoísmo é notório e o sonho da independência financeira não passa de uma mera utopia. O inglês típico é bastante sisudo e talvez por isso beba tanto para se soltar. E como bebe. É comum encontrarmos homens e mulheres completamente embriagados, jogados nas ruas e no metrô. O pub é uma instituição sagrada e para saber como os ingleses são de verdade basta frequentá-los e interagir com as pessoas. Nesses bares clássicos, eles se soltam e celebram a vida.

Parti de Londres levando na bagagem muitas histórias, aprendizado, amizades conquistadas e uma experiência de vida que me fez crescer. Aprendi muito em relação ao mundo, esta aldeia global cada vez mais complicada. Pude olhar, ver e sentir de perto uma Londres marcada por fronteiras. Vivi as fronteiras da língua, da raça, das etnias, do dinheiro... Ainda assim, a minha condição de exilado voluntário reforçou o idealismo poético de um viajante que não se cansa de se surpreender, de se emocionar com o que encontra ao longo do caminho. Desse modo, misturando países, línguas, costumes, angústias, alegrias e descobertas, insufleí frescura natural no coração inquieto, procurando o Graal dentro de mim mesmo e fugindo do confinamento existencial claustrofóbico. Será que foi um desperdício de vida? Talvez. Mas como escreveu o poeta chinês Zhang Kejiu: “Quando a imobilidade não é satisfatória, somos livres para viajar.” E assim, fico imaginado como seria fértil um planeta sem fronteiras, onde as pessoas pudessem ir e vir, ficar e voltar quando bem quisessem... ●

Antonio Nahud Júnior é brasileiro do sul da Bahia, autor de nove livros. Viveu 12 anos na Europa, onde foi correspondente de jornais e revistas brasileiras, portuguesas e espanholas. Atualmente mora em Natal, onde edita o blog www.ofalcaomaltres.blogspot.com.

Renan Rêgo é brasileiro de Natal e fotógrafo. Já viajou por todo o Brasil e esteve em Londres a trabalho. Atualmente vive em São Paulo, onde é sócio de um estúdio de fotografia.



qual o lamento
neste apartamento de terceiro andar
no Raynes Park?
noite cinzenta chaminés
em um dos quartos a canção minimalista
em um dos quartos
cantam corações partidos
de santas em transe
de viciados no amor
pedindo love-me
love-me
canção dor-de-cotovelo
nesse desiludido terceiro andar
no Raynes Park



Por Carlos Fialho | Fotos Nina Barbalho

Antonio Machado foi um grande poeta espanhol. Importante, reconhecido, cultuado. Na minha vida, ele também foi de enorme relevância. Durante meses, linhas tortas me conduziram por solitários subterrâneos, povoados de urgência e angústia, contrapostos aos meus desinteressados devaneios. Posicionava-me sempre a observar o mundo ao redor, num recôndito qualquer, discreto, silencioso, deixando-me levar pela suave correnteza da descompromissada rotina. Até que o senhor Antonio Machado me resgatava de minhas elucubrações e, ao ouvir seu nome, punha-me de pé e em estado de alerta.

“Antonio Machado” era a estação do metrô madrileño (linha laranja) onde eu desembarcava para chegar em casa. O local onde eu morava se chamava “Vila dos Poetas”. Eu achava irônico ter saído do “Rio Grande do Norte, capital Natal, em cada esquina um poeta, em cada rua um jornal”, para viver num bairro com esse nome. Após descer na estação com nome de intelectual espanhol, subia uma ladeira, íngreme em qualquer estação, mas que se tornava especialmente inconveniente no fim do verão, que foi quando chegamos, fazendo com que minha mulher praguejasse os piores desaforos bilíngues que um acidente geográfico pudessem receber até a quinta geração de placas tectônicas que lhe deu origem. Eu achava graça. Com a vida sedentária que leváva-

mos, a ladeira era a única possibilidade de remota prática esportiva.

Sempre nos falta algo, sempre buscamos alguém, saímos sempre por aí, à procura de alguma coisa que venha nos preencher. Como se viver fosse sinônimo de fugir desesperadamente do aqui, do agora, do estado atual das coisas, do “tudo-que-está-aí”. Mas se a vida é uma fuga, nós não temos a menor ideia aonde ela vai nos levar.

ROMANCE

Fui a Madri escrever um livro. Um romance. A obra que me elevaria da condição de redator de textos curtos para o exclusivo clube dos romancistas potiguares, frequentado por poucos. O plano era simples. Eu iria, passaria sete meses produzindo e voltaria liso, leso e louco, mas feliz. E com um livro pronto. Precisava me desligar da relação umbilical que tenho com Natal. Família e melhores amigos por perto, ainda mais de frente pro mar, com trabalho exaustivo e bem remunerado... quem conseguiria escrever um romance que preste em tão favoráveis condições? Por isso, quando minha mulher se depa-rou com a oportunidade de estudar um semestre na Espanha, não pensamos duas vezes. Largamos tudo e deixamos um bilhete de “vou ali e volto já” pendurado na árvore de Mirassol.

Andava pela cidade com um caderninho, anotando tudo que me vinha à cabeça e que pudesse virar texto. Estabeleci que meu romance pudesse ser sobre um cara que viaja para o exterior numa espécie de fuga, enfim, um clichê descabido e auto-referencial narrado em primeira pessoa pelo protagonista.

Saguões de aeroportos e salas de embarque são emblemas da raça humana. É lá onde se presencia com nitidez a solidão acompanhada que grita por socorro nos rostos inexpressivos como o de uma modelo de passarela e permeia a nossa existência em cidades superpopulosas que teimamos em chamar de nossas.

IDIOMAS

Um lugar onde se vive deixa marcas indelévels em qualquer pessoa. Os cheiros, as músicas, as pessoas que lá vivem, a rotina que você cria para si mesmo. Recordo de tudo isso. Basta fechar os olhos para reviver o vai e vem de pessoas a caminho do estudo ou do trabalho. A cidade que no início lhe trata como turista, convivendo com você em suas veias asfálticas, até que lhe expele como se criasse anticorpos à sua presença alienígena, logo lhe absorve ao seu organismo de metrópole. Não sei definir quando é que o olhar das pessoas muda e passam a lhe enxergar como um local, mas acredito que isso tenha alguma relação com o bar onde você bebe.

A partir do momento que você encontra um bar preferido, um estabelecimento comercial de bebidas alcoólicas em que os garçons lhe conhecem pelo nome e que seja frequentado por pessoas que você pode chamar de amigos, você já não é um estranho. Em menos de um mês de nossa chegada, Nina e eu conhecemos o San Julian, onde enchíamos a caveira de cerveja San Miguel e conversávamos a noite toda sobre filmes, futebol, viagens, literatura. Por conviver tanto com amigos locais, acabamos aprendendo muito bem a língua. No meu caso, também aprendi a jogar totó como poucos. Hoje, tenho certeza que o que fez o aprendizado fluir de verdade foi o chope barato do San Julian, servidos por um raro garçom simpático madrileño: Manolo. As ressacas de sábado eram demolidoras. Agora mesmo, enquanto escrevo essas linhas, posso sentir o gosto amargo de corrimão de escada de hotel que inchava minha língua no dia seguinte.

A aeromoça nórdica me lembra das aulas de primário em que me foram ensinadas as propriedades da água. A professora disse que a água era insípida, inodora e incolor. Tudo a ver com aquela mulher alta que fazia mímica no centro da aeronave, indicando mecanicamente os pontos de fuga, os coletes salva-vidas e todo aquele papo de "máscaras de oxigênio cairão sobre suas cabeças" caso o avião decida se espatifar contra uma superfície qualquer, virar notícia nos jornais do planeta e motivar uma comoção mundial.

LEITURAS

Como tinha algum tempo livre, ocupava-me bastante lendo. Todos os domingos, saía para comprar o *El País*, lido pelos "meio intelectuais e meio de esquerda", como diria Antonio Prata. Diariamente, preferia o sensacionalista veículo honorário do Real Madri, o diário *Marca*. E, claro, livros. Levados daqui. *A fortaleza dos vencidos* de Nei Leandro, *A cega natureza do amor* de Patrício Jr., *Os cus dos Judas* de Antonio Lobo Antunes, *O homem duplo* de Philip K. Dick e *Laranja mecânica* de George Bourhous. Houve ainda *Os 100 melhores contos de humor da literatura universal* e uma série de pecados literários expiados: *Um conto de Natal* de Dickens, *Alice no país das maravilhas* de

Lewis Carroll, os quadrinhos de Liniers e a descoberta de Gogol.

No primeiro dia de aula, a professora Pilar avisou trágica e sorridente: "Depois de estudar Letras, vocês nunca mais vão ler um livro da mesma maneira". Certamente, uma frase solene com diversas conotações, para o bem ou para o mal. Porém, com o passar do tempo e o avançar do curso, logo entendi o que ela quis dizer. O prazer da leitura foi dando lugar a um certo tecnicismo acadêmico que minou primeiro os romances, depois as novelas e por fim os contos. Toda vez que eu iniciava uma nova leitura me punha a fazer enfadonhas análises mentais sobre estilo narrativo, sublinhava trechos, puxava setas para notas periféricas de minha autoria, verdadeiras orelhas postiças à guisa de sugestões aos autores em clássicos aparentemente irretocáveis.

PELÍCULAS

Um dia, da janela de casa, vi caírem os primeiros sinais do inverno rigoroso que pôs fim ao "mais longo outono que se tem notícia", segundo um taxista me afirmou. Aqueles primeiros fragmentos de gelo logo se converteram numa nevasca que durou uma semana ininterrupta, cancelando aulas, impedindo carros de saírem às ruas e rendendo algumas fotos bem legais que trouxe de lembrança.

E foi no embalo do inverno que fiz uma das minhas descobertas mais incríveis e marcantes. Às terças-feiras, Nina tinha aula o dia inteiro. Numa dessas semanas de maior rigor invernal, quis sair por aí sentindo a neve cair sobre o rosto de natalense matuto. Decidi ver uns filmes e, ao procurar no *Guia del ocio*, descobri um multiplex próximo da Vila dos Poetas, com 23 salas, além de cafés, lanchonetes, restaurantes. Virei freguês. Sempre que Nina ia pra aula, eu passava tardes inteiras lá. Levava um livro para ler entre as sessões e via tudo que me interessasse. Também fiz cadastro num videoclub chamado "Ficciones", que tinha Woody Allen na logo e que era especializado em "cinema de autor", enfim, o paraíso de qualquer cinéfilo.

Quando você não acha o lugar onde você está num mapa, você tem um problema. Ainda mais se está num país estranho, além do oceano e com uma mochila nas costas que deve pesar mais que a consciência de um assassino em série inseguro.

VOLTA

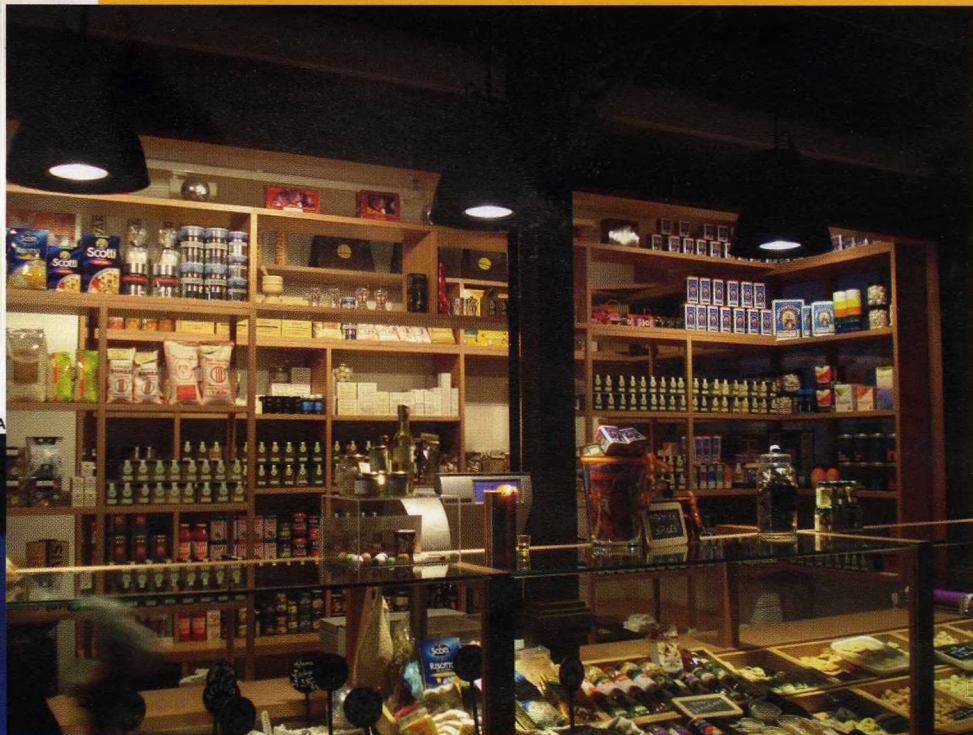
Um dos hábitos mais legais da Espanha é o de almoçar duas vezes. Pelo preço de um almoço, você come o primeiro prato, o segundo e ainda papa uma sobremesa. Tudo incluso nos menus com preço fixo. Em Madri, Nina e eu gostávamos preferencialmente de ir a três lugares: La Parilla Argentina (carne), DiBocca (italiano) e o Mercado Central, que é uma espécie de mercado da Redinha longe do mar onde comíamos mexilhões no vapor com a voracidade de quem devora espetinhos de gíngua com tapioca. O DiBocca, aliás, foi o restaurante que escolhi para pedir Nina em casamento em nosso último mês antes de voltar pra Natal.

Em fevereiro de 2010, chegou a hora de voltarmos. O resultado de minha excursão pretensamente literária, no entanto, não fora exatamente como eu esperava. Retornava sem nenhum romance escrito. No máximo, um primeiro capítulo de uma história amorfa cujos trechos distribuí entre os parágrafos anteriores. Em que pese ter retornado sem o livro que pretendia escrever, tampouco posso afirmar que minha temporada no estrangeiro não teve serventia. Escrevi 60 crônicas (quase dez por mês) e oito contos. Vários desses textos já publiquei no *Novo Jornal* ou em meu blogue. O fato é que o aprendiz de cronista que pegara o avião buscando se perder dos textos curtos para, em meio às novas experiências no estrangeiro, encontrar o romancista potiguar que habita em si, voltou mais autor de textos curtos e irrelevantes do que nunca.

Passados quase dois anos daquela viagem, o que posso dizer é que valeu muito a pena. Pode ser que eu ainda escreva o romance que parcamente comecei, pode ser que o autor de tiros curtos tenha amadurecido e produza com mais segurança e desenvoltura. Só sei que gostei de ter

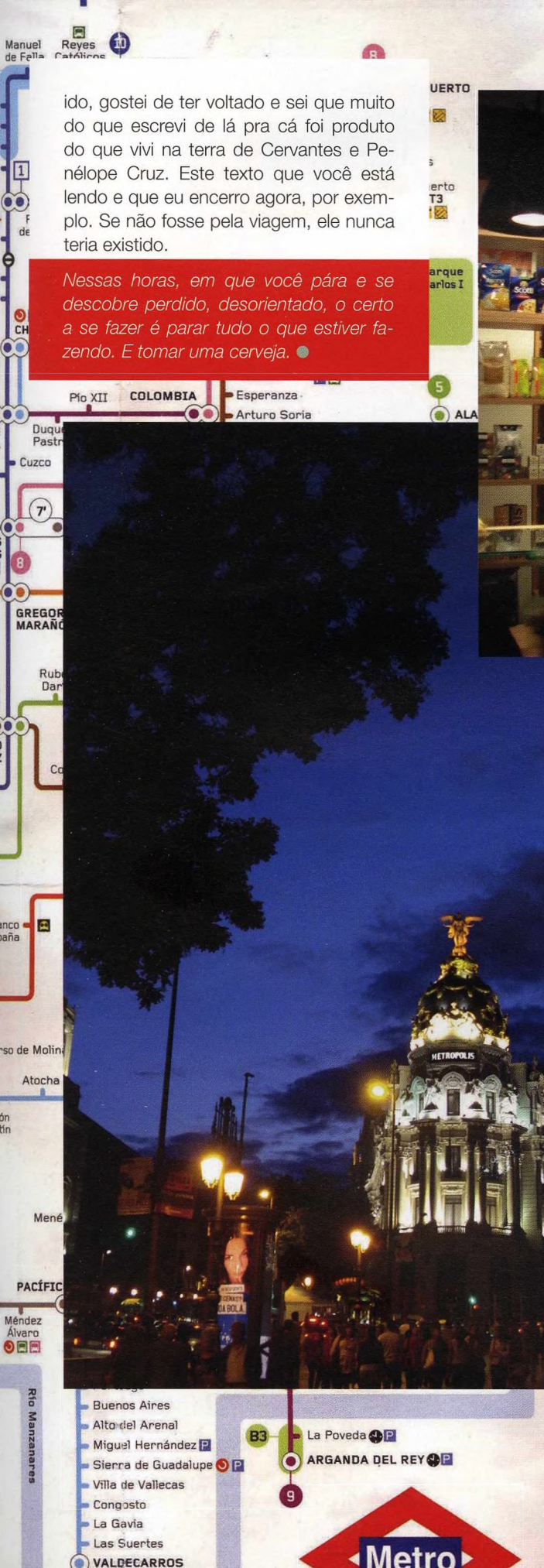
ido, gostei de ter voltado e sei que muito do que escrevi de lá pra cá foi produto do que vivi na terra de Cervantes e Penélope Cruz. Este texto que você está lendo e que eu encerro agora, por exemplo. Se não fosse pela viagem, ele nunca teria existido.

Nessas horas, em que você pára e se descobre perdido, desorientado, o certo a se fazer é parar tudo o que estiver fazendo. E tomar uma cerveja.



Carlos Fialho é brasileiro de Natal, escritor e redator publicitário. Vive atualmente em Natal, onde tem uma agência de publicidade e a editora Jovens Escribas.

Nina Barbalho é brasileira de Natal e publicitária. Quando viajando, gosta de registrar lugares e eternizar momentos. Atualmente vive em Natal, onde trabalha e foi premiada como melhor atendimento de 2011.



◆ destino



DA PONTE DO GUARAPES À PONTE DOM LUÍS

Por Petit das Virgens e Margot Ferreira | Fotos Arquivo Petit das Virgens e Margot Ferreira

Meu pai é português e conheceu minha mãe no Rio, nos anos de 1950, quando imigrou para o Brasil. Gostaria muito de um dia conhecer meus tios e primos que ficaram em Portugal. Também tenho uma tia que casou com um americano na época da guerra aqui em Natal. Não sei se ainda são vivos, mas certamente as duas filhas são. Também queria muito conhecê-las, mas nossa família perdeu o contato há muitos anos.

Margot me disse isso em cima da Ponte do Guarapes, em 1991. Ela, do Rio, nos conhecíamos há pouco tempo. Numa manhã de domingo, a levei pela *estrada velha* à então linda e pacata Macaíba. Parados na ponte, contemplando o manguezal do Potengi, prometi que um dia

viajaríamos a esses países para conhecer seus parentes.

No ano seguinte estávamos no Hospital de Santo António, no Porto, rodeados de tias e tios portugueses vendo nossa filha Rita nascer. A histórica Cidade do Porto parecia o Rio de Janeiro nos anos de 1940, com lindos prédios preservados e bondinhos circulando normalmente entre os automóveis. A maioria dos carros, das décadas de sessenta e setenta, era mantida com cuidado pelos donos. Portugal ainda não tinha indústria automobilística e engatinhava a entrada na Comunidade Europeia. Importar um carro custava milhões de escudos, moeda que anos depois daria lugar ao euro. Compramos um minúsculo Fiat 127, ano 83, que nos



levaria pelos campings de Portugal e Espanha. Nossa filha já tinha um mês. Tomou todas as vacinas e a levamos conosco. Viajamos oito mil quilômetros, tendo como cenário centenas de vilas, vilarejos e grandes cidades como Barcelona, Madrid e Lisboa.

Os grandes e modernos shoppings centers de Portugal ainda não existiam nem em planos. Roupas coloridas, nem pensar. Jovens portugueses não usavam jeans. Rapazes só saíam de casa de paletó e gravata, mesmo que fosse para tomar um café do outro lado da rua. As raparigas – como se chamam as moças em Portugal – estavam sempre muito elegantes de vestido ou *tailleur*. As viúvas sempre vestiam preto dos pés à cabeça, inclusive as peças íntimas. O Porto era a cidade mais charmosa da Europa sem as modernidades de usos e costumes.

Da maternidade fomos para a casa de Tio Amândio, em Vila Nova de Gaia, uma espécie de Zona Norte do outro lado do Rio Douro. É lá onde as caves famosas no mundo todo envelhecem o secular vinho do Porto. Visitar essas caves é um pro-

grama 0800 maravilhoso. Depois de uma caminhada explicativa por dentro da cave, o visitante ainda é brindado com uma degustação de tintos e brancos. Passeio imperdível é atravessar a pé a Ponte Dom Luis. A estrutura de ferro de três mil toneladas, construída sobre o Douro por um sócio de Gustave Eiffel, liga O Porto à Vila Nova de Gaia desde fins do século 19. A vista é deslumbrante.

A casa do tio estava cuidadosamente preparada para receber a recém-nascida. Nas últimas semanas antes do parto ficamos em Vila Cova do Grilo, uma remota aldeia rural a uma hora do Porto onde nasceu o pai de Margot. Um irmão e uma irmã dele cultivavam as uvas viníferas específicas para a elaboração do ácido e borbulhante vinho Verde. Ainda participamos da vindima pelo método tradicional, pisando as uvas e fermentando o vinho em um antigo lagar. O bagaço que sobrava da prensagem era destilado num velho alambique de cobre e transformado em aguardente a 70% de álcool. A casa em estilo rústico português tinha uma lareira na sala onde se cozinhava e defumava naturalmente os pernis e chouriços que

harmonizavam perfeitamente com o vinho artesanal. O frio montanhoso da casa era amenizado com esse lume que nos confortava à mesa depois de um bacalhau à Gomes de Sá ou um caldo verde.

Treze anos depois voltamos ao Porto e à Vila Cova do Grilo para mostrar a nossa filha o lugar onde ela tinha nascido. Dessa vez a base foi o apartamento de Carlos, irmão de Margot, então radicado em Gaia. Levamos também a filha mais nova, a natalense Isabel, que no momento passa um ano na Dinamarca pelo programa de intercâmbio do Rotary. O cunhado Moisés também nos acompanhou nesse retorno. Pegamos um carro de locadora no aeroporto de Lisboa e nos danamos Portugal adentro, com uma parada meio sagrada, meio profana em Compostela, na Espanha. Portugal é agora um país moderno cortado por largas autoestradas e com uma moeda que o nivelou ao padrão europeu.



Em 2005, reencontrei o país de minhas raízes paternas moderno demais pro meu gosto. Meus primos já usavam “calças de ganga” – como os lusitanos chamam o tecido jeans – e não mais os ternos marrons e cinzas de 1992. Os shoppings são muitos e moderníssimos, cheios de garotões usando bermudas e camisetas. Nas ruas, jovens tatuados, cabeludos, de piercing... as tribos pipocam. E eles fumam. E muito!

A casa onde meu pai nasceu, na região do Douro, ganhou até banheiro dentro de casa – algo impensável nos anos 90. Meus tios e primos andam agora em carros moderníssimos, e não mais no romântico Renault que suportou minhas dores de parto até o Hospital de Santo António, há 19 anos.

Uma coisa continua igual e com mesma qualidade: a comida!! Do Algarve ao Porto, qualquer tasca de beira de estrada tem sempre um bom petisco e um bom vinho para oferecer a preços inacreditáveis. As “restaurações” dos shoppings – como eles chamam as praças de alimentação – oferecem variedade, mas não a

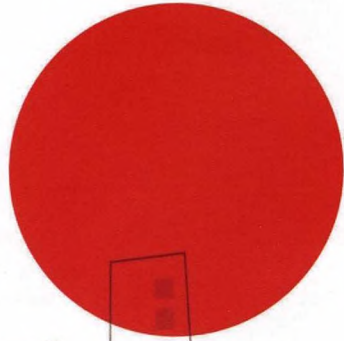
mesma poesia das tascas (biroscas) do centro da cidade.

Portugal é minha segunda casa. Metade do meu sangue corre por lá. E o Porto, moderno e ao mesmo tempo tão cheio de tradições, é sempre um porto seguro para o meu espírito meio cigano. Uma viagem que merece ser feita, apesar da crise econômica que se instalou em Portugal, Espanha, Grécia, Itália, e ameaça toda a Europa. Quanto à tia materna que se casou com um americano, conseguimos achar as primas na Flórida, quase 40 anos depois do sumiço. Os tios já tinham morrido. Mas essa é uma outra história. ●

Petit das Virgens é brasileiro de Natal (“nasci de parteira na Meira e Sá, 150, Barro Vermelho”). Jornalista, passou a infância em Nova Cruz e morou em breves períodos em Nevada, Iowa, Maine, e em Portugal. Atualmente vive em Natal, com Margot, “numa casa no Tirol”.

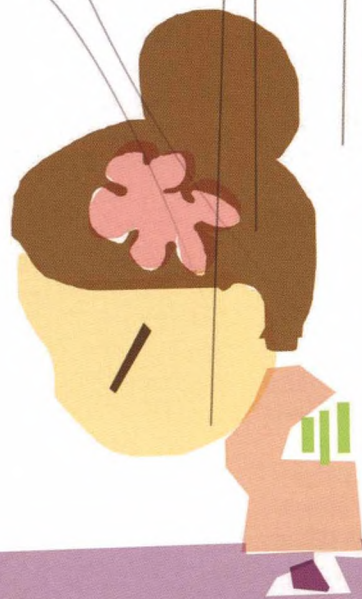
Margot Ferreira é brasileira de Nova Iguaçu, de onde partiu aos 20 anos para Natal. Atualmente vive e trabalha, como jornalista e apresentadora de TV, em Natal.

◆ d e s t i n o s



東京

へようこそ!



O OUTRO LADO DO MUNDO

Por Raphael Bender | Ilustração Solino

Sempre falei despreziosamente que gostaria de conhecer o outro lado do mundo, mas na maioria das vezes tratava-se apenas de uma hipérbole para me referir a um lugar qualquer – e distante. Nunca levei esse plano muito a sério. Em 2008, a música – que está sempre me levando a tantos lugares – acabou por me mandar pra mais longe, quando aceitei um convite para tocar em Tóquio. A princípio seriam apenas duas semanas, mas apareceram outras apresentações e acabei ficando dois meses. Em 2011, estive de novo na capital japonesa para uma miniturnê de uma semana. A cidade se mostrou surpreendente nas duas vezes em que lá estive, e, provavelmente, não importa o número de vezes que eu retorne, haverá sempre novas surpresas.

Qualquer projeção que eu fizesse do que poderia encontrar em Tóquio seria rasa diante da diferença dos padrões das nossas cidades. Primeiro, por se tratar do Oriente, uma cultura muito diferente, com seus rituais e costumes milenares, misturados à modernidade do grande centro tecnológico que é o Japão. Em Tóquio o velho e o novo se abraçam, e a cada esquina podemos nos deparar com algo totalmente diferente das nossas previsões. A arquitetura é um exemplo dessa mistura. Os templos com suas fachadas milenares se misturam aos modernos arranha-céus, muitas vezes lado a lado, competindo pelo espaço do mesmo quarteirão. A paisagem se completa com as

grandes placas de anúncios, bem típicas de Tóquio. Sony, Yamaha, Suzuki, Kawasaki. Imensas, luminosas, gritando pela atenção de alguns dos milhares de seres humanos que caminham entre elas.

Existem diferentes tipos de grafias no idioma, das mais tradicionais àquelas que surgiram para incorporar palavras de outras línguas, e elas podem se misturar num mesmo texto, ou até na mesma frase. Esse mosaico cultural também serve para todas as outras coisas, com por exemplo a comida, o vestuário e o comportamento dos habitantes da grande metrópole. Entretanto, toda essa mescla de formas e culturas acontece na mais impressionante organização.

Organização talvez seja a primeira palavra que me vem à cabeça quando penso em Tóquio. Provavelmente é uma necessidade. Não imagino se haveria outra forma de mais de 14 milhões de pessoas conviverem num espaço tão pequeno, se não fosse dentro dos mais rígidos padrões de organização. Existem vias de pedestres com mão e contramão nas estações e calçadas. E faixas lentas e rápidas nas escadas rolantes, permitindo a passagem dos mais apressados. Após as minhas duas empreitadas pelo Japão, não consigo mais usar uma escada rolante, mesmo na ainda pacata Natal, sem me manter ao lado direito, dando chance àqueles que desejam chegar mais rapidamente ao seu destino.

O transporte público é impressionante, com as inúmeras linhas de trem e metrô que se cruzam umas sob as outras, formando vários andares de trilhos embaixo da terra. Certa vez, eu e Marco da Costa, guitarrista que viajava comigo, presenciamos um grande protesto numa das estações de metrô mais utilizadas de Tóquio. Mesmo tratando-se de uma manifestação de militantes nacionalistas enfurecidos com o novo primeiro ministro japonês, o grupo de manifestantes deixava corredores livres para a passagem das pessoas que saíam da estação, permitindo o fluxo intenso dos que surgiam do subsolo.

Por falar em subsolo, da primeira vez que fui a Tóquio, depois de desembarcar no aeroporto, demorei muito para realmente ver a cidade. Saí rapidamente do desembarque para um trem. Rodei muitas horas embaixo da terra, até encontrar o destino. A viagem longa – e privada, de “paisagem na janela” – me deixou com fome. Ao sair em busca de comida, outra visão ocidental minha caiu por terra. Quem chega a Tóquio pensando em degustar diariamente a tão apreciada comida japonesa, pode se frustrar. Além de serem pratos caros – afinal, trata-se de umas das cidades mais caras do mundo – encontrar sushi, sashimi, e outras iguarias do gênero, pode não ser tão simples. Não é em qualquer lugar que servem essa comida típica. É o mesmo que querer comer pamonha e canjica em qualquer restaurante, por estar no Nordeste. Porém, em lugares

turísticos e com um certo despreendimento financeiro, é possível encontrar restaurantes maravilhosos onde vive-se uma refeição japonesa inesquecível. Em 2011, tive a oportunidade de ir a um lugar muito peculiar. Era uma antiga academia de lutadores de sumô, onde conservavam tudo como se ainda estivesse em funcionamento, e o melhor: serviam o mesmo cardápio que era oferecido aos lutadores para manter o “corpinho sarado” padrão de quem pratica a luta – uma sopa com camarões, carne de porco, peixe e cogumelos, além de diversos legumes e verduras. A comida chega fria à mesa, onde inicia-se o lento cozimento. Um caldeirão serviu cerca de seis pessoas na ocasião, porém, um lutador de sumô comia sozinho toda a comida do recipiente. Era a dieta ideal para aguentar a rotina de treinos e manter a massa corporal. Além disso, quando todas as partes sólidas da sopa terminam, enche-se o caldo com arroz, dando prosseguimento ao ritual alimentar.

E o idioma? A única semelhança com a nossa língua é o famoso “né” ao final de cada frase, como se estivesse confirmando se o ouvinte compreendeu a mensagem corretamente. Fora isso, é uma experiência incrível passar muitos dias sem entender o que as pessoas estão falando e tudo o que está escrito ao seu redor. Depois de um tempo, até conseguia ler algumas placas: o nome da estação mais próxima de casa, a linha do metrô, coisas do tipo. Mas nada muito além disso.

Outra coisa interessante e confusa para quem não está acostumado é o fato de as ruas em Tóquio não possuírem nomes. O sistema de localização é feito com base em números de quarteirões. Roland Barthes, em seu livro *O império dos signos*,

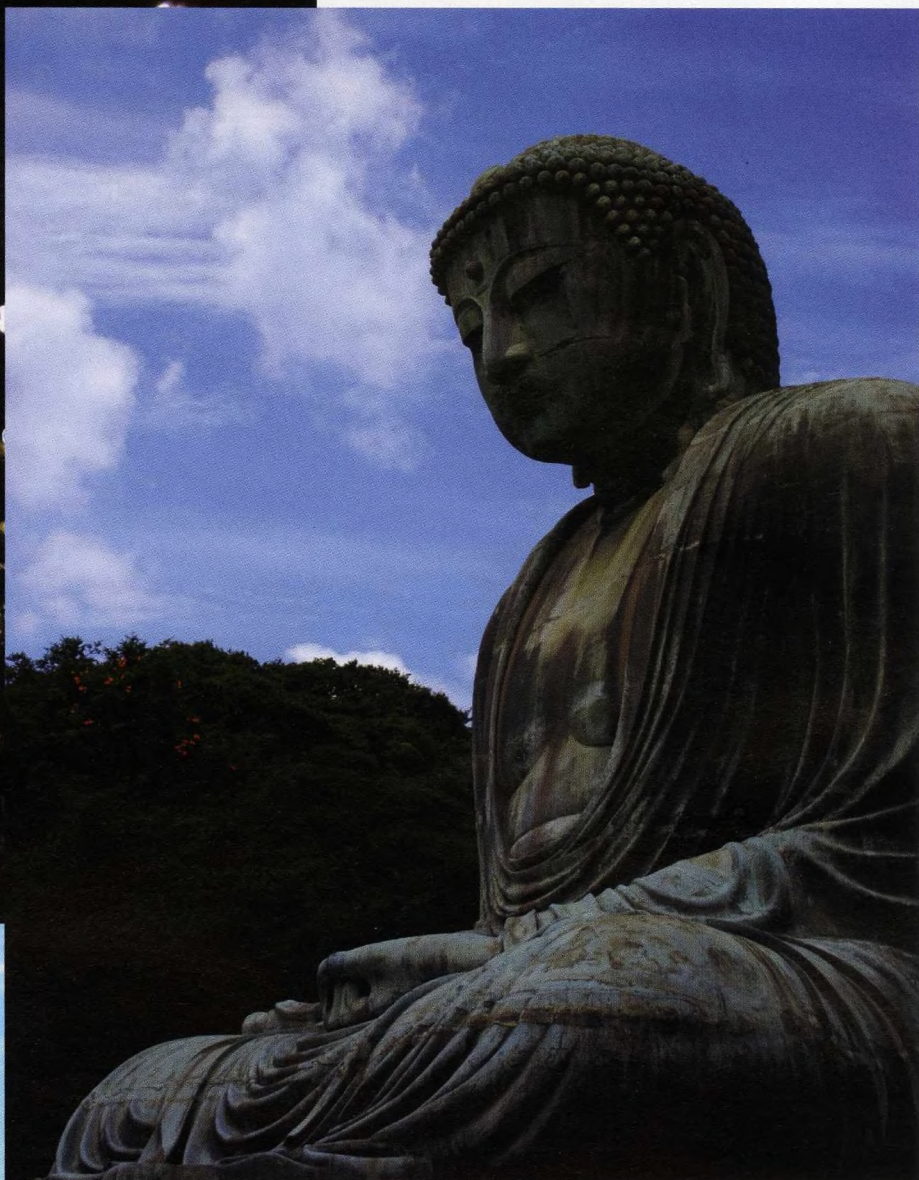
aborda diversos aspectos da cultura japonesa, entre eles o anonimato das ruas de Tóquio:

As ruas desta cidade não têm nome. Existe um endereço escrito, mas ele só tem um valor postal, refere-se a um cadastro (...) cujo conhecimento é acessível ao carteiro, não ao visitante: a maior cidade do mundo é praticamente inclassificada, os espaços que a compõem no pormenor são desprovidos de nome.

Um certo dia fui visitar uma loja a pedido de uma amiga. Ela me enviou o endereço: Shibuya-ku, 25-8. “Ku” significa bairro em japonês, ok, até aí tudo bem, mas demorei horas para encontrar o 25-8. Precisei ir até um posto policial, encontrar alguém que falasse inglês e então ir até o estabelecimento, onde, por ironia, não comprei absolutamente nada.

Com o tempo todas as dificuldades vão passando, mas a admiração é permanente. Da segunda vez que fui ao Japão, desbravar Tóquio já foi uma missão menos espinhosa, mas, também, não menos encantadora. Hoje tenho grandes amigos por lá e o vínculo não deve terminar por aqui. Ainda bem, pois é sempre bom ir ao Japão, rever as pessoas que conheci e, principalmente, poder compartilhar com um público tão distinto e distante um pouco da música que fazemos aqui na nossa cidade. ●






Raphael Bender é brasileiro do Rio de Janeiro (mas se considera potiguar), mestre em Psicobiologia pela UFRN e músico. Como baterista, viajou ao Japão, Portugal, Itália, Holanda, Eslovênia e Áustria, além de várias cidades brasileiras. Atualmente vive, trabalha e estuda em Natal, "a caminho de um doutorado onde possa aliar a formação acadêmica com a música".

Solino é brasileiro de Afonso Bezerra, publicitário e estudante de língua japonesa. Já morou em Lajes do Cabugi, Santa Rita, Currais Novos, Valença do Piauí e Barreiras, na Bahia. Atualmente vive de novo em Natal, onde trabalha e cursa Filosofia e de onde não quer sair nunca mais.

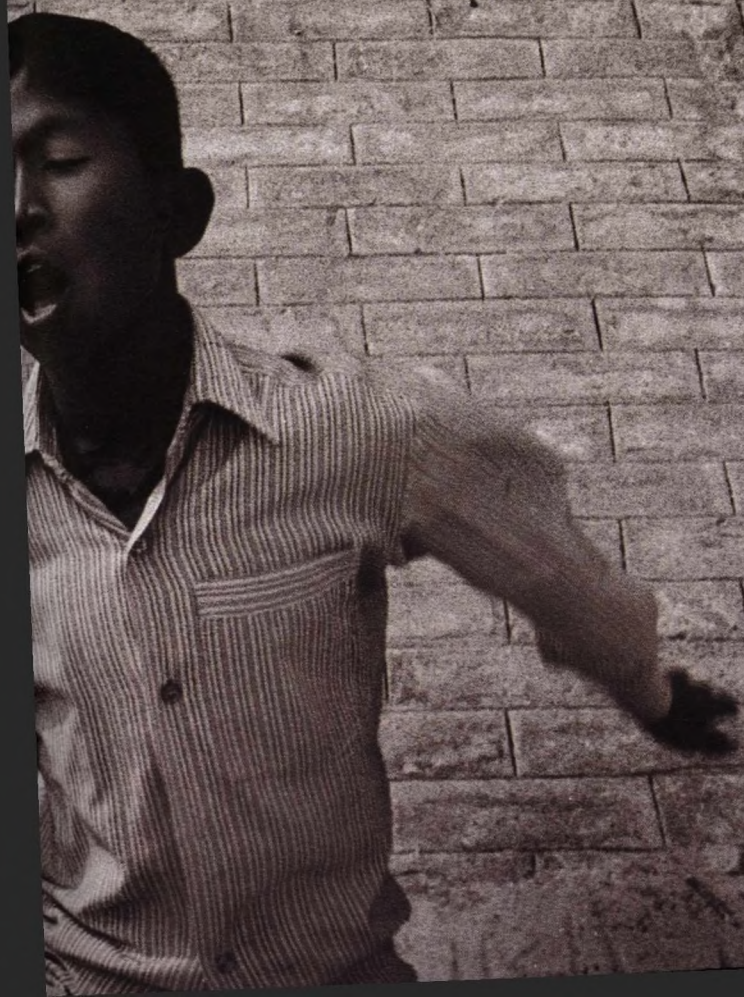
♦ d e s t i n o s



VARANASI,
OM DESTINO
INCRÍVEL

Por Flávio Rezende | Fotos Marcelo Buainain





Relaxe! Ao ler o título, você foi induzido ao erro propositalmente. O efeito esperado é que tenha dito de cara: "Putz, os caras já começaram errando logo no comecinho."

Engano! O "om" escrito no lugar do "um" é um dos sons mais falados, entoados, badalados da Índia. O OM, segundo a Wikipédia, "é a vibração primordial, o som do qual emana o Universo, a substância essencial que constitui todos os outros mantras, sendo o mais poderoso de todos eles. Ele é o gérmen, a raiz de todos os sons da natureza".

E eu com tudo isso? Relaxe, explico. Em 1990, já trabalhando como repórter da TV Tropical, fui pautado para entrevistar um paulista devoto de Krishna, que estava lançando um livro em Natal. Como eu já gostava do assunto, chupava cristais, dormia sob pirâmides, praticava meditação transcendental e vivia falando de Rajneesh, naturalmente fui escolhido para a matéria. Depois da prática do meu exercício profissional, enveredamos, meu entrevistado e eu, por assuntos que, naturalmente, desaguaram na Índia – e para minha grata surpresa, o devoto estava organizando uma excursão para aquele país.

Decidido a embarcar nessa louca viagem, pedi afastamento da TV, por tempo indeterminado e sem remuneração, e, mesmo sem falar nada de inglês, compareci ao aeroporto internacional de Guarulhos no dia 17 de janeiro de 1990, partindo num voo da British Airways com escala em Londres e, no dia seguinte, desembarcando em Nova Déli já amigo de cinco hare krishnas, um casal paulistano, Mauro e Isabel, e Hélder, diretor da Companhia de Navegação Lloyd Brasileiro. Meu destino na Índia era Pune, uma cidade no estado de Maharashtra, onde Rajneesh (Osho) tinha um ashram. Antes de nos despedirmos, resolvemos ir conhecer o Taj Mahal, pertinho de Déli, em Agra. Fomos, voltamos e, descansando do tour, recebi a notícia do desencarne do meu guru em Pune.





possível ver tudo em termos de religiosidade, rituais e figuras esquisitas.

Chegando lá, o grupo ficou dividido, os devotos de Krishna foram para um templo, o casal para um hotel mais sofisticado e eu fiquei com Hélder numa pousada, contratando imediatamente um indiano chamado "Bhuli" para nos levar em seu riquixá motorizado pelas ruas e vielas da cidade sagrada.

Entre um ponto turístico e outro ficamos sabendo por alguns brâmanes que Varanasi foi fundada por Shiva – um dos deuses da trindade hindu – há mais de cinco mil anos e que já foi um grande centro comercial e industrial, tendo se destacado na produção e distribuição de marfim, seda e perfumes. Durante os tempos de Siddharta Gautama (Buda) [circa 563-400 a.C.], Varanasi chegou a ser uma das cidades mais importantes da Índia, quando foi a capital do Reino de Kashi.

◆ VIVÊNCIA! ◆

Já bati perna por inúmeros países e por muitas cidades, de todos os continentes, podendo me considerar um cara viajado, mas, nunca, em tempo algum, curti uma cidade tão louca. O trânsito é um verdadeiro caos, parece que estamos num filme de Indiana Jones, carros, motos, riquixás, elefantes e outros animais, todos misturados, indo e vindo, poeira, buzinas acionadas o tempo todo – e, no meio deste provável inferno, ninguém briga, ninguém dá o dedo pra ninguém e não existem mal humorados. Na Índia a lei é só uma: as coisas são assim e pronto. Viva, cumpra seu *dharma* – dando seguimento ao meu, passei três memoráveis dias na cidade, onde visitei alguns artesãos que produzem cítaras, fui a uma mesquita, ao Durga Temple – o templo hindu de adoração aos macacos. Vale conhecer ainda o Kashi Vishwanath, conhecido como o "templo dourado", com suas cúpulas de ouro, e também o Bharat Mata, inaugurado pelo Mahatma Gandhi em pessoa e dedicado à unidade da nação: ao invés de imagens de divindades, o templo abriga um mapa da Índia, esculpido em mármore.

◆ MERGULHO! ◆

O ponto alto da estadia em Varanasi, que também é chamada de Benares, é o passeio no Ganges, geralmente feito no começo da manhã. A gente sai do hotel ainda escuro, entra no barco e vê o sol surgir já dentro do rio. Aí você começa a perceber as escadarias de pedra, *ghats* ("degraus"), através das quais os devotos têm acesso ao rio sagrado (também chamado pelos indianos de "Ganga Ma", porque é como uma mãe), onde tomam banho, fazem os *pujas*, rituais de adoração, e cremam seus mortos. Não tem "pareia", como diz o matuto, ver essas escadarias tomadas por figuras exóticas para nós ocidentais, aquela água suja, às vezes fedorenta, e a galera fazendo gargarejo, cagando, submergindo, jogando oferendas, restos de corpos humanos e outros babados mais. Uma das escadarias mais famosas de Varanasi é a Manikarnika, por ser uma das mais antigas e sagradas e a ghat principal para as cremações. Outra famosa é o Dasaswamedh, onde rola o Agni Puja, cerimônia de adoração ao fogo, com oferendas de flores e incensos.

Naquela época, eu não era vegetariano como hoje e confesso que até então nunca tinha me ligado nesse lance de comer em lugar "x" ou "y". Gostava de comer chapati, o pão indiano, e pizza, implorando sempre para que não colocassem pimenta, especiaria que os indianos gostam muito.

A cidade também tem seu lado moderno, com várias microempresas especializadas na produção de sárís, tapetes e artesanato. Os sárís de seda Banarasi e o leite Koha são considerados a marca registrada de Varanasi e suas indústrias são responsáveis por grande parte dos assalariados da região.

◆ PARTINDO! ◆

De Varanasi parti com o mesmo grupo de hare krishnas, Mauro, Isabel e Hélder, para o Nepal, a fim de conhecer as cidades de Katmandu, Patan, Bhaktapur, Gundu e ver o pico do Himalaia. Depois voltei para a Índia com Hélder e fomos ao sul, onde conhecemos Bangalore e depois Puttparthi. Foi aí que comecei meu envolvimento espiritual com Sai Baba, que dura até hoje.

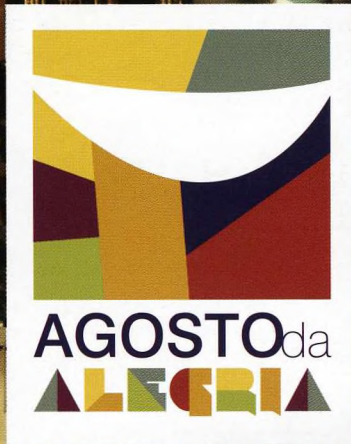
Para resumir, estive na Índia para conhecer o Rajneesh em Pune e, ao saber do seu desencarne, parti então para outros destinos para, no fim, conhecer aquele que mudou radicalmente minha vida. Cheguei à Índia como fumante, carnívoro, bebedor e um pouco materialista. Influenciado por sua cultura, religião e estabelecendo uma relação espiritual com Sathya Sai Baba até hoje, não tenho nenhum vício daqueles quando lá cheguei, criando um novo: o vício de ajudar o próximo, mania essa que só faz crescer e que, repetindo o OM sempre, peço não ser curado nunca.

Retornei para lá novamente e pretendo voltar outras vezes. Meu dharma segue com influência indiana e, como sempre foi para o bem, não faço nenhum esforço para mudar este destino. ●

Flávio Rezende é brasileiro de Natal, escritor, jornalista e ativista social. Atualmente vive em Natal, onde trabalha com a Casa do Bem (escritorflaviorezende@gmail.com).

Marcelo Buainain é brasileiro de Campo Grande. Viveu em Paris, Lisboa e Nísia Floresta. Atualmente vive em Natal de onde atualiza seu site (www.buainain.com).





UM ANO DE REALIZAÇÕES

Fotos Assessoria FJA

Ampliação da renúncia fiscal do Governo do Estado para a Lei Câmara Cascudo, de R\$ 4 milhões para R\$ 6 milhões; valorização da cultura popular através das 400 atividades do **Agosto da Alegria**; lançamento de 38 publicações, entre elas o retorno da revista **Preá**; abertura de editais para publicações, **Ciclo Junino** e **Projeto Seis & Meia**; projetos e exposições de artes visuais; cursos de formação; concepção e desenvolvimento das diretrizes do **Centro Norterrigrandense de Arte (Cena)**; reabertura de **Casas de Cultura Popular** no interior do estado – estas foram algumas entre as mui-

tas ações da Secretaria Extraordinária de Cultura do RN e Fundação José Augusto, um universo de fomento, estímulo e valorização da cultura potiguar para 2011 e que terá prosseguimento e ampliação nos próximos anos.

Para a secretária estadual de Cultura Isaura Rosado, o ano foi de muitas realizações e uma demonstração prática de que o Governo do Rio Grande do Norte está comprometido com o desenvolvimento do seu povo e empenhado para promover grandes mudanças no setor cultural.

É DE LEI

O Governo do Estado apresentou à Assembleia Legislativa projetos de Lei para a criação da Secretaria Estadual de Cultura e do Fundo Estadual de Cultura (antiga reivindicação da classe artística e que deve destinar para o setor, em 2012, cerca de R\$ 15 milhões). Além disso, está orientando e articulando as Conferências Municipais de Cultura, que devem culminar na 2ª Conferência Estadual, prevista para acontecer em março de 2012, com a finalidade de estabelecer o **Plano Estadual de Cultura**. São ações em con-

sonância com o Sistema Nacional de Cultura do Governo Federal, que objetiva estabelecer diretrizes para todos os municípios, estados e regiões do Brasil dentro do modelo de gestão compartilhada e de uma política nacional que se propõe a fortalecer as relações institucionais para a formulação de políticas públicas culturais em todo o país.

LIVRO & LEITURA I

Sob a gestão de Socorro Soares, a **Gráfica Manimbu** está sendo inteiramente reformada. As máquinas e equipamentos cedidos pela FAPERN duplicaram a capacidade de publicações. Através do lançamento do **Edital de Publicações 2012** e da criação da Coleção Cultura Potiguar – 38 publicações somente este ano – promove-se uma política pública de apoio aos escritores e poetas potiguares. A Comissão Editorial, também criada em 2011, confere transparência e democratiza os investimentos do setor público para o setor.

LIVRO & LEITURA II

Em 2011 a Secultrn/FJA deu finalmente uma resposta à sociedade no que se refere à esperada reforma da **Biblioteca Pública Câmara Cascudo**, que tem 40 anos e jamais passou por processo de revitalização. Já foram elaborados os projetos arquitetônicos e complementares, além da tramitação do Edital de Licitação da obra. A governadora Rosalba Ciarlini e a secretária de Cultura Isaura Rosado têm se empenhado para a realização dessa reforma e foram ao MinC apresentar o projeto – resultado: R\$ 1,5 milhão dos R\$ 3 milhões do orçamento geral da obra já está garantido através do Fundo Nacional de Bibliotecas (FNB).

LIVRO & LEITURA III

O programa **Agentes de Leitura** – cancelado na gestão passada – foi resgatado

e no dia 12 de dezembro foi lançado o Edital para a seleção dos 550 agentes, que serão capacitados e transformados em agentes multiplicadores da leitura, em 40 municípios que apresentam baixos índices de Desenvolvimento da Educação Básica e de Desenvolvimento Humano.

ARTES VISUAIS

A Pinacoteca do Estado, a Galeria Newton Navarro, a Galeria de Arte Antiga e Contemporânea e o Teatro de Cultura Popular Chico Daniel (TCP) foram alguns dos palcos de importantes exposições no campo das artes visuais.

Por ocasião do lançamento da primeira edição da *Preá* em 2011, a Pinacoteca recebeu os retratos de 11 poetas potiguares fotografados por Giovanna Hackradt e Giovanni Sérgio para um ensaio intitulado **Em cada esquina um poeta**.

O melhor da arte popular esteve reunido no **Salão Nordeste de Arte Popular Chico Santeiro**: 30 artistas selecionados entre 150 inscritos, do RN, Paraíba, Pernambuco e Bahia, e três grandes vencedores: 1º lugar Luzia Dantas (de Currais Novos, categoria Escultura); 2º Francisco Iran (de Currais Novos, Pintura); e 3º Ivone Gonçalves (de Pernambuco, Pintura).

Também na Pinacoteca, Fé Córdula (Francisco de Assis Córdula) realizou sua primeira exposição individual em seu estado natal, depois de ter conquistado o Brasil como um dos expoentes do naíf: **Arte de Fé**.

As obras mais raras e representativas do acervo da Pinacoteca foram reunidas numa mostra itinerante que começou a percorrer o estado, estreando na Galeria Joseph Boulier, no Museu da Resistência de Mossoró. Com curadoria de Dione Caldas e pesquisa de Vandeci Holanda, **Jóias da Pinacoteca Potiguar** reúne 23 obras, entre telas, gravuras e esculturas que fazem parte do acervo do Governo do Estado, de artistas consagrados internacionalmente, como Abraham Palatnik, Tarsila do Amaral e Volpi.

Através de edital foram selecionados 31 artistas plásticos para a exposição cole-

tiva **Estação Verão**, enquanto a mostra **Foco no Agosto da Alegria** apresenta instantes magistrais captados pelas câmeras dos fotógrafos selecionados no 1º Concurso de Fotografia Agosto da Alegria.

Retrospectivas das obras de Dorian Gray e Newton Navarro – além dos trabalhos dos contemporâneos Anchieta Rolim, Carlos Sérgio Borges, Gustavo Góes e Flávio Aquino – também passaram pela Pinacoteca este ano.

Na Galeria Newton Navarro, o destaque foi o projeto **Privado é Público** que, sob a coordenação de Baía Jasiello, recebeu a cada mês os acervos de colecionadores e artistas de renome, levando ao grande público obras antes reservadas apenas aos olhares dos íntimos.

Também dentro da programação do Agosto da Alegria, a exposição **Popular e Erudito**, na Galeria de Arte Antiga e Contemporânea do Centro de Turismo de Natal, promoveu o encontro inusitado entre a arte cinética do pioneiro Abraham Palatnik e as esculturas do curraisnovense Inácio Lino, em um diálogo artístico entre o erudito e popular, com curadoria do marchand Antônio Marques.

Fé e religiosidade das devotas de Maria, mãe de Deus, foram eternizadas pelo olhar do fotógrafo Anchieta Xavier, na mostra **Marias**, exposta inicialmente no TCP e atualmente percorrendo as Casas de Cultura Popular de todo o estado.

MUSEUS

O Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) concluiu este ano a reforma e entregou o prédio do **Museu Café Filho** à administração da FJA, que reuniu sua equipe de Museus e técnicos da Biblioteca Pública Câmara Cascudo para *higienizar*, tecnicamente, seu acervo, que será informatizado. Os técnicos Neilton Santana e Kayonara Patrícia Alves realizaram revisão documental para fechamento do Plano Museológico do Café Filho. Hélio de Oliveira, coordenador do processo de revitalização, elaborou a parte conceitual e o desenvolvimento expográfico da nova montagem que será exposta ao público visitante. A FJA contratou, ainda, a museóloga Marlene da

Silva Mariz para fazer um levantamento da vida do ex-presidente Café Filho, que, além de subsidiar o trabalho técnico do Museu, resultará num trabalho de publicação. Todos esses trabalhos estão sendo agilizados a fim de que em 2012 o Café Filho esteja em pleno funcionamento.

Já o **Memorial Câmara Cascudo** foi um dos mais importantes centros de debates durante a programação do Agosto da Alegria, reunindo em mesas-redondas grandes nomes – como Daliana Cascudo, Iaperi Araújo, Severino Vicente e Séphora Bezerra – e sendo palco para as apresentações do poeta Paulo Varela e do Pastoril Dona Joaquina, entre outros.

Exposições e mostras de audiovisual fizeram parte das atividades com temática religiosa do **Museu de Arte Sacra**, que além da visita aberta ao seu acervo permanente proporcionou ao público um melhor conhecimento do tema através de exposições e homenagens especiais aos santos da nossa devoção.

FORMAÇÃO – DANÇA

A **Escola de Dança do Teatro Alberto Maranhão (EdTAM)**, composta por 500 alunos divididos em turmas de Balé Clássico, Grupo Clássico, Dança Contemporânea, Dança Popular, além de uma turma especial para deficientes visuais, é um dos grandes destaques entre as instituições de formação artística do Estado. O espetáculo *Coppélia* encerrou as atividades do ano e envolveu todas as turmas da Escola. Mas o maior reconhecimento do trabalho realizado pela EdTAM tem sido através de alguns dos seus alunos, muitos deles atuando hoje no Brasil e no exterior. Recentemente, Breno Lucena foi selecionado para representar o Brasil em Nova Iorque, no Youth America Grand Prix 2012, e Meriane Gonçalves conquistou uma bolsa de estudos para a Russian American Foundation, também em Nova Iorque, além de ter sido aprovada, juntamente com sua irmã gêmea, Meiriele, na audição da Escola de Teatro Bolshoi do Brasil.

Já a **Cia. de Dança do TAM** – além do sucesso das apresentações locais (com os espetáculos *Rio Cor de Rosa* e *SolosParesTrios*) – viajou, em fevereiro, para o Festival de Dança Tanzolymp, na

Alemanha, onde conquistou um primeiro lugar.

A professora e diretora artística da escola e da companhia, Wanie Rose, também obteve reconhecimento internacional ao ser convidada para palestrar em Berlim, na Alemanha – o tema: “Produção de dança em Natal: o exemplo da EdTAM”.

FORMAÇÃO – MÚSICA

O **Instituto Waldemar de Almeida** ofereceu, ao longo do ano, diversos cursos – entre eles Canto, Harmonia, Teoria Musical, Guitarra, Percussão, Cavaquinho, Violino e Acordeom – para 296 alunos. Para 2012 a expectativa é que sejam abertas mais 177 vagas, para os cursos já ministrados, e mais 56 vagas para o curso Prática de Canto.

FORMAÇÃO – ARTES VISUAIS

Os destaques foram os cursos **Desenho de Observação** – com aulas ministradas pelos professores João Natal e Nilson Coelho, na Pinacoteca – e o de **Belas Artes** – ministrado pelo professor Jomar Jackson, no Memorial Câmara Cascudo.

FORMAÇÃO – OFICINAS E PALESTRAS

Entre as muitas oficinas e palestras oferecidas pela Secultrn/FJA é indiscutível que o grande destaque ficou para a **Aula Espetáculo de Ariano Suassuna** (no Agosto da Alegria), que encantou mais de três mil pessoas que foram ouvir o dramaturgo e escritor no Largo do TAM, boa parte delas composta por jovens pré-universitários, já que sua peça *O santo e a porca* é uma das obras exigidas pelo vestibular este ano.

E, se o Ciclo de Palestras do **Projeto Arte Potiguar no Mundo** [ver matéria completa nesta edição] ofereceu ao público grandes exemplos de potiguares que conquistaram sucesso profissional, no Brasil e no mundo, a **Oficina de Cenografia** – ministrada pelo diretor, ator, cenógrafo e professor doutor da UFPE João

Denys, potiguar radicado em Pernambuco há mais de três décadas – ofereceu à classe teatral aulas teóricas e práticas sobre o tema, culminando na construção de maquetes de cenários.

Já a **Oficina de Planejamento Museológico** – parceria entre a Secultrn/FJA, o Instituto Brasileiro de Museus (IBRAM) e o IPHAN, e ministrada pelo museólogo Rafael Azevedo Fontenelle Gomes – supriu em parte uma lacuna na formação do público-alvo: técnicos dos museus estaduais e universitários de áreas correlatas.

MÚSICA

O ponto alto, sem dúvida, foi o retorno do **Projeto Seis & Meia**, realizado pela primeira vez através de Edital, e com apresentações em Natal e Mossoró. No palco, nomes nacionais – Bráulio Tavares, Renato Braz, Zezé Motta – compartilharam os aplausos do público com artistas locais – Isaque Galvão, Sílvia Sol, Talma & Gadelha.

Seguindo o mesmo mote, os potiguares Carlos Zens, Cleudo Freire, Isaque Galvão e Krhystal dividiram os palcos montados ao ar livre no Largo do TAM e no pátio da Pinacoteca com Antônio Nóbrega, Jorge Aragão, Paulinho da Viola, Siba e Waldonys, na programação especial de shows do **Agosto da Alegria**.

A **Orquestra Sinfônica do Rio Grande do Norte (OSRN)** não poderia ficar de fora, com o 1º Concerto Oficial de 2011 – realizado no TAM em julho –, o 2º Concerto Oficial e Concerto Didático – no Teatro Dix-Huit Rosado de Mossoró, em setembro – e o Concerto de Encerramento da Temporada 2011, na Catedral de Natal, no dia 20 de dezembro, com a participação do Coral Canto do Povo.

Encerrando a parte musical, o projeto **Um piano pela estrada** leva a dez cidades, durante o mês de dezembro, uma série de concertos do pianista Arthur Moreira Lima, através de um caminhão-teatro de 45m² de cena. No repertório, uma mescla de música clássica e clássicos da MPB, de Beethoven a Villa-Lobos, de Pixinguinha a Astor Piazzolla. No roteiro, Pau dos Ferros (dia 8); Alexandria (9); Apodi (10); Mossoró (12); Açu (13); Macau (14); Caicó (17); Currais Novos (18); Natal (21 e 23); e Parnamirim (22). ●

PUBLICAÇÕES DA SECULTRN/ FJAEM 2011

LIVROS

- 01- *Conversas de poeta* – Adriano de Sousa (organizador)
- 02- *As vertentes criativas da gravura* – Dorian Gray Caldas
- 03- *Noturno quase infinito* – Maia Pinto
- 04- *Alma que voa* – Antonio Nahud Júnior
- 05- *Cronologia dos mandatários do RN* – CEPEJUL
- 06- *Caminhos da lembrança* – José Lacerda Felipe (organizador)
- 07- *Teatro brasileiro na visão de Meira Pires, Procópio Ferreira e Raul Cortez* – Maria Bezerra (organização)
- 08- *Repouso do Adônis / Bocas que murmuram* – Paulo Jorge Dumaresq
- 09- *Quincas centenário* – Iaperi Araújo
- 10- *A medicina popular* – Iaperi Araújo
- 11- *Dadi e o teatro de bonecos* – Maria das Graças Cavalcanti
- 12- *A arte de Fé* – (catálogo)
- 13- *Dramacital* – Emanuel Vibuti
- 14- *Revista do Instituto Histórico e Geográfico do RN* – Enélio Petrovich
- 15- *Jóias da Pinacoteca* – (catálogo)
- 16- *Educação e Justiça Social – Anais da AMPED* – FAPERN
- 17- *História do RN em quadrinhos* – Luiz Elson
- 18- *Agosto da Alegria* – (agenda cultural)
- 19- *Por cada uma* – Adelia Danetti, Iara Carvalho, Isabella Maia, Leticia Torres e Marina

RABELO

- 20- *Cidade dos Reis* – Carlos de Souza [lançamento previsto para março 2012]
- 21- *Romanceiro potiguar* – Défilo Gurgel [lançamento previsto para abril 2012]
- 22- *Habitar teu nome* – Marize Castro
- 23- *Conversa e Prosa* – Isaura Rosado e Laélio Ferreira de Melo (organizadores)
- 24- *Música em canto* – Cláudio Galvão e Vandim Vilar (organizadores)

CORDÉIS

- 01- *Agosto da Alegria* – Bob Motta
- 02- *O último adeus de Cristina* – Vicente Vanildo de Lima
- 03- *A morte de Ellen* – Zé Guileira
- 04- *A profecia do dia 26* – Rousiene Gonçalves
- 05- *Poemas de domingo* – Zé Domingo
- 06- *A princesa da Pedra da Boca* – Elizabete Faustino
- 07- *Maria de Nazaré* – Luiz Galdino da Silva
- 08- *Depoimento de um bêbado* – Paulo Varela
- 09- *A carreira de Zé de Te* – Manoel Cruz
- 10- *Os costumes liberais do Brasil de hoje* – Neto Braga
- 11- *O caboclo Joaquim* – João Neto

REVISTAS

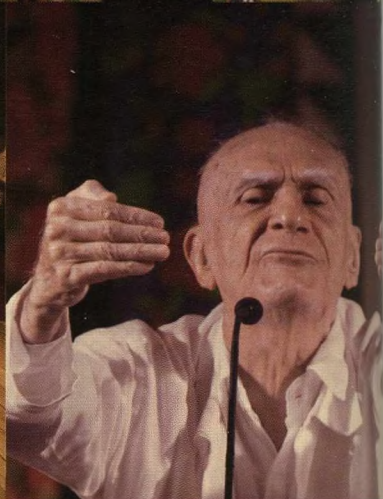
- 01- *Preá 23* – Poesia Potiguar
- 02- *Preá 24* – Mar & Sertão
- 03- *Preá 25* – Viagens

ALGUMAS EXPOSIÇÕES DA SECULTRN/ FJA EM 2011

- 01- *Em cada esquina um poeta* – Giovanna Hackradt e Giovanni Sergio
- 02- *Salão Nordeste de Arte Popular Xico Santeiro* – vários artistas
- 03- *Arte de Fé* – Fé Córdula
- 04- *Jóias da Pinacoteca Potiguar* – vários artistas (itinerante)
- 05- *Estação Verão* – vários artistas
- 06- *Popular e Erudito* – Abraham Palatnik e Inácio Lino
- 07- *Marias* – Anchieta Xavier (itinerante)
- 08- *Foco no Agosto da Alegria* – vários artistas

PRIVADO É PÚBLICO

- 01- *Mulheres e Leide* – acervo da pesquisadora Leide Câmara (março)
- 02- *Paixão de espinho, altar de pedra* – exposição do artista plástico Ricardo Veriano (abril)
- 03- *Dez anos de saudades de Luís Carlos Guimarães* – acervo de Leda Guimarães, viúva do poeta (maio)
- 04- *Xananas e baobás* – acervo do poeta e escritor Diógenes da Cunha Lima (junho)
- 05- *Agosto Severo – pioneiro e mártir da Aviação* – acervo do pesquisador e colecionador José Olímpio Maciel (julho)
- 06- *As cores do folclore* – acervos do pesquisador Gutemberg Costa e da diretora do Instituto Câmara Cascudo Daliana Cascudo (agosto)
- 07- *Dorian de Dorian* – acervo do artista plástico Dorian Gray Caldas (setembro)
- 08- *A arte que convivo* – acervo da colecionadora Elenir Varela (outubro)
- 09- *Pinturas, esculturas e desenhos* – acervo da artista plástica Selma Bezerra (novembro)
- 10- *Espírito natalino: presépios, Reis Magos e religiosidades* – acervo do marchand Antônio Marques (dezembro)



Fotos Assessoria FJA

ARTE POTIGUAR NO MUNDO

O que leva uma pessoa a sair de sua terra natal e partir para outras paisagens? Necessidades econômicas, culturais, sede de aventura, sonhos pessoais, o mero acaso? Os motivos podem ser vários e outros. Foi assim para cada um dos potiguares convidados pelo *Projeto Arte Potiguar no Mundo – Ciclo de Palestras Noite Cinco Estrelas*, realizado pela Secretaria Extraordinária de Cultura e Fundação José Augusto, que ocorreu de maio a outubro de 2011, com uma série de palestras memoráveis e ampla participação do público que lotou o Teatro de Cultura Popular Chico Daniel (TCP).

Se as motivações que levaram esses conterrâneos a arrumar as malas e partir para cidades maiores foram as mais diversas, em comum os participantes trouxeram nessa breve viagem de retorno uma bagagem profissional digna de ser contada para uma plateia cativa e encantada a cada noite. O objetivo central do *Arte Potiguar no Mundo* foi trazer pessoas, referências no meio cultural e artístico, para falar sobre sua trajetória e, assim, mostram o valor da chamada “prata da casa”, que brilha mundo afora.

A escolha dos nomes foi feita por uma comissão organizada pela secretária extraordinária de Cultura: as honras da estréia, em maio, coube ao jornalista e crítico de arte **Geraldo Edson**; **José Xavier Cortez**, economista, escritor e fundador da Cortez Editora ocupou o palco do TCP em junho; no mês seguinte foi a vez do cineasta **Moacyr de Góis**; em agosto, durante o Agosto da Alegria, o convidado foi o arquiteto natalense radicado em Pernambuco **Carlos Augusto Lira**; o jornalista e chargista **Cláudio de Oliveira** retornou especialmente à sua terra natal em setembro; e, fechando a edição 2011 do projeto, em outubro, o escritor **Nei Leandro de Castro**. “Nossa intenção foi a de mostrar que a trajetória desses renomados profissionais potiguares poderia servir de exemplo, especialmente para estimular as novas gerações”, explica **Isaura Rosado**. Todos os nomes dessa primeira edição evidenciam o potencial do estado nas mais diversas áreas: o jornalista Ge-

raldo Edson ganhou notoriedade como crítico e escritor de arte e hoje é extremamente respeitado no meio, com vários livros publicados. O editor Cortez contou, em sua palestra, como se transformou, de lavador de carros em São Paulo, a proprietário de uma das maiores editoras do país. O diretor de cinema e TV Moacyr de Góis explicou sua atividade múltipla, seja como autor de filmes cult, seja como responsável pelas grandes bilheterias de alguns dos filmes da Xuxa e do Padre Marcelo Rossi. Carlos Augusto Lira deu uma verdadeira aula para uma plateia mais especializada, sobre suas intervenções urbanas em grandes projetos, como no Carnaval Multicultural do Recife, onde dá atenção especial à cultura popular. O jornalista Cláudio Oliveira resumiu, através de charges criadas especialmente para a sua palestra, sua trajetória de sucesso, desde quando começou a trabalhar ainda menino, na *Tribuna do Norte*, passando por sua experiência em Praga, na Tchecoslováquia, até chegar ao Grupo Folha, onde está atualmente. Nei Leandro de Castro, um dos poetas e escritores mais conhecidos fora dos limites do estado, falou especificamente sobre o tema poesia.

Para a coordenadora geral, **Sônia Santos**, à frente do projeto desde sua concepção, o objetivo foi mais que atingido. “Podemos garantir que o público foi de A a Z nesse primeiro ano”, resume Santos, sem esquecer seu lado artístico, lembrando que para cada convidado ela mesma se encarregava de criar um cenário diferente. “Queríamos tirar um pouco daquela formalidade típica das palestras e criar uma atmosfera mais acolhedora, mostrando para o público, sobretudo os jovens estudantes, que, sim, nós temos muito boas referências na área cultural e, parafraseando o Obama, nós *podemos*”, brinca. O projeto também contou com mediadores em algumas palestras: o médico, escritor e artista plástico **Iaperi Araújo** compôs a mesa com Geraldo Edson; a professora **Maria das Graças Soares Rodrigues** acompanhou Cortez; e a poeta **Diva Cunha** e o publicitário e escritor **Carlos Fialho** acompanharam Nei Leandro de Castro, numa noite que também contou com o ator **Rodrigo Bico** declamando versos do autor, acompanhado pelo saxofone de **Eugênio Graça**. ●

PREÁ

O MUNDO A PARTIR DA RUA SANTO ANTONIO

Por Geraldo Edson

Foi emoção muito grande participar do *Arte Potiguar no Mundo*. Nada como ser reconhecido na terra em que nascemos. E transmitir nossa experiência. Ainda mais para um escritor como eu, que vive de suas memórias natalenses, nada como reencontrar uma platéia atenta e disposta a ouvir aspectos modestos, na verdade, de um garoto que ainda se sente morando na Rua Santo Antonio, de onde saiu cheio de sonhos em meados dos anos 50. Tenho afirmado entre meus amigos que Natal talvez seja a única cidade brasileira que sente certo orgulho daqueles que lá nasceram. O *Arte Potiguar no Mundo* é um projeto ambicioso, sim. Mas, de uma delicadeza, cheia de gentilezas e atenções, que só merece aplausos. Na verdade, participar e, ainda mais, iniciar o projeto, como foi no meu caso, me fez muito feliz. Quando a gente sai de sua terra carrega não somente saudade, mas também ambições que por um motivo ou outro não encontramos no nosso rincão. Para mim, particularmente, que não via muitas perspectivas de futuro na Natal dos anos 40 e 50, a coragem e a vontade de penetrar num mundo novo, representado pela cidade grande, ciente de que trazia na bagagem uma sólida educação moral e intelectual que me foram incutidas pelos meus pais. Isso foi o que eu trouxe de mais veemente na minha mochila na condição de viajante, o que me fez me sentir com o passar dos anos ainda mais natalense. Apesar de tantos anos longe das minhas origens, repito, ainda vejo o mundo a partir da rua Santo Antonio, 651.

Geraldo Edson é brasileiro de Natal, jornalista e crítico de arte, com trabalhos publicados em antologias no Brasil, Colômbia, Portugal, Estados Unidos e Japão. Atualmente vive no Rio de Janeiro, onde continua a escrever contos e ensaios sobre arte.

MEMÓRIAS, TEATROS, JOIAS

Por Carlos de Souza



COLEÇÃO
CHICO TRAIRA

Em poucos meses da nova administração, a Secretaria de Cultura e a Fundação José Augusto publicaram alguns livros importantes – alguns deles já comentados no número 23 desta *Preá* – e encerram o ano de 2011 com mais seis volumes entregues ao público potiguar, em edições de boa qualidade que dão uma geral em vários aspectos da nossa riqueza cultural.

O primeiro a ser comentado é **Quincas**, de Iaperi Araújo, Editora Fundação José Augusto, 65 páginas. É um livro que narra os cem anos de vida do pai do autor, Joaquim Araújo Filho, natural de São Vicente, Rio Grande do Norte, que foi vereador, presidente da Câmara Municipal e prefeito, numa história que se confunde com a economia e a política da região. *São Vicente, nos anos 20, era um importante entreposto comercial da região Seridó. Comércio grande, capitaneado por pessoas de prestígio na região seridoense como Vivaldo e Aproniano Pereira, Antonio Giffoni, Antonio Othon e outros. Compravam castanha, borracha da maniçoba, peles de animais e carne-de-sol. Muitos vapores de descarregar algodão moíam na pequena urbe* – por essa narrativa o leitor tome ciência do que vai ler neste livro. São reminiscências escritas por um intelectual com ampla vivência na cultura potiguar, autor consagrado de vários livros e que presenteia ainda o leitor ao abrir o álbum de fotografias de sua família. Bom exercício de memorialística.

Outro lançamento importante é este **Dadi e o teatro de bonecos**, de Maria das Graças Cavalcanti Pereira, FJA, 198 páginas. Qualquer pessoa que se interesse por cultura potiguar tem a obrigação de lançar os olhos sobre esse portentoso trabalho de pesquisa sobre a arte dos bonequeiros potiguares. *Um livro é pouco diante da vida de Maria leda da Silva Medeiros (72 anos), conhecida por Dadi, residente em Carnaúba dos Dantas, que apresenta o seu diferencial no universo do Teatro de Bonecos, representado historicamente por uma genealogia masculina, salientando seu dom em provocar*

o riso nas pessoas, perante bonecos e bonequeiros do Rio Grande do Norte. O livro tem um conteúdo excelente, apesar de ser um texto acadêmico. Mas é bom de ler, sim. O único porém está na escolha do papel – reciclado, que absorve tinta demais e deixa as fotos turvas. Tenho certeza que se fosse impresso em papel couché, o efeito seria outro. Livro fundamental para pesquisadores de cultura popular.

Ainda no mundo do teatro temos este **O teatro brasileiro na visão de Meira Pires, Procópio Ferreira e Raul Cortez**, organizado por Maria do Nascimento Bezerra, FJA, 169 páginas. São entrevistas com três grandes nomes do teatro. Meira Pires foi durante muito tempo um verdadeiro czar do teatro natalense, comandando com mão de ferro o Teatro Alberto Maranhão por várias décadas e, bem ou mal, deixando seu nome marcado na nossa história cultural. Sua obra mais importante, sem dúvida, foi a restauração do então Teatro Carlos Gomes e a troca definitiva e justa do nome para Alberto Maranhão, um governador que foi grande mecenas das artes em nosso estado. O teatro potiguar tem sua origem em teatros de palha, erguidos nas imediações da Rua Gonçalves Ledo, ali na Cidade Alta. Todos eles foram consumidos pelo fogo. Outros teatros instalados em prédios no centro da cidade também sucumbiram ao fogo ou à decadência, o que fez o governador Alberto Maranhão sonhar com um teatro à altura dos grandes centros culturais do país e nos legar essa joia rara que é o nosso principal teatro. Bem, mas o livro também traz entrevistas com dois grandes nomes que dispensam maiores apresentações: Procópio Ferreira, a cara do teatro brasileiro de meados do século 20; e Raul Cortez, ator que manteve um relacionamento íntimo com Natal durante boa parte de sua vida artística. O livro apresenta os mesmos problemas já citados quanto ao suporte do papel reciclado, mas merece – e proporciona – uma boa leitura.

Seguindo a temática teatral, **Repouso do Adônis – bocas que murmuram**, de Paulo Jorge Dumaresq, FJA, 97 páginas, reúne duas facetas da produção dramática do autor: uma comédia com vários tipos nordestinos clássicos; e um drama que resalta as agruras da imprensa e seus representantes. Uma espécie de *Ilusões perdidas* para o teatro. *E é assim, passando do riso ao pranto, que Paulo Jorge Dumaresq conduz sua obra, pilhando aqui e ali, de cada indivíduo comum e pretensamente inofensivo – de onde, em tese, quase nada pode ser extraído, a essência de um outro mundo, este sim, fantástico e quixotesco*, diz o crítico Carlos Henrique Leiros.

Para completar, tem ainda esses dois catálogos: **Fé Córdula**, organizado por Isaura Rosado e Mário Ivo Cavalcanti, FJA, 32 páginas, e **Joias da pinacoteca potiguar**, organizado por Dione Caldas, FJA, 35 páginas. O primeiro seleciona algumas obras desse importante artista plástico potiguar, que trabalha basicamente com o imaginário da cultura popular. *Nascia Fé Córdula, o pintor que interpretava o sentimento do povo com sua intensa criatividade na forma, na cor, na temática e principalmente na qualidade de suas composições que diferentemente das formas labrojeiras do artista popular, eram cuidadosamente compostas e visualmente ricas*, diz o crítico Iaperi Araújo. A boa impressão em papel couché resalta e faz jus à obra do grande artista. O segundo catálogo, também muito bonito, apresenta obras seminais do nosso acervo de artes plásticas. Começa com um retrato de Alberto Maranhão, de 1902, feito por Francisco Peixoto Franco de Sá; passa por um vaqueiro, de 1937, pintado por Moura Rabello; até chegar a um acrílico de 1992, de Abraham Palatnik, apenas para citar autores potiguares. ●

Carlos de Souza é brasileiro de Areia Branca, poeta, escritor e jornalista. Atualmente divide trabalho e ócio entre Natal e os vales do Pium e de Ceará-Mirim.



EU TUÍTO

Por Luciana Ubarana

Sinto lonjuras. Sofro de distâncias. Acumulo saudades específicas.

há 54 minutos

Gosto de querer bem a quem anda distante.

há 23 horas

Vou fazer doutorado em saudade.

há 3 minutos

Minhas dores emocionais vão entrar de férias.

29 Nov

morro de saudade do que eu nunca vi

27 Nov

Eu nunca imaginei como seria, mas tá sendo

27 Nov

Coração tamanho de uma uva-passa.

há 12 horas

cortando o amor pra durar mais

27 Nov

gente que apaga DM de amor devia nunca mais receber uma. eu acho.

28 Nov

eu uso o twitter para reclamar, quando quero agradecer eu rezo.

27 Nov

@Deus, DM

28 Nov

Gente, a irrelevância tá liberada. Imbecilidade, não.

28 Nov

Blush, me desculpe. Mas já tem gente fazendo o seu serviço. :)

29 Nov

Pra vestir a carapuça tem que ter habilidade,

27 Nov

Quanto mais você se conhece menos se ofende

27 Nov

ei, inteligência cheira bem.

29 Nov

aquela coisa que eu sempre falo: se consistência é importante até num pudim, imagina nas pessoas.

28 Nov

água morna não faz chá

29 Nov

vaca que vai pastar do outro lado da cerca, se voltar vira churrasco.

há 15 horas

pq gente? vem aqui no cemitério de Alecrim, vem // Túmulo de Oscar Wilde em Paris será protegido contra beijos folha. com/no1013291 #folha

30 Nov

Acho meio estranho isso de ser abstrato, baby.

28 Nov

existe alguma coisa depois do último?

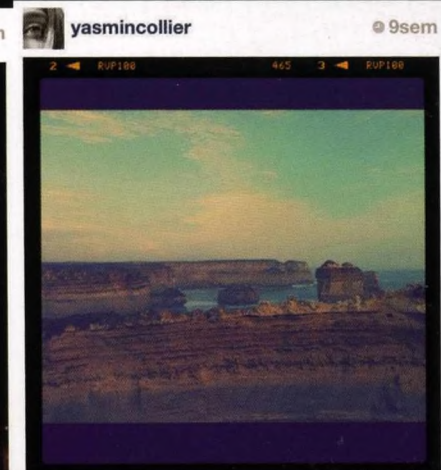
27 Nov

Só uma pergunta antes de ir: coração apertado a gente cura como hein? Tchau crianças e comporte-se

28 Nov ●

Luciana Ubarana é brasileira de Natal, nutricionista e acha que a melhor viagem é sempre a última, não importa o destino. Atualmente vive e trabalha em Natal.

INSTAGRAM - SE



Marina Soto, Thiago Lajus, Leandro Menezes, Caio Vitoriano, Dimetrius Ferreira, Wilder Neto, Igor Andrade, Priscila Porcino e Yasmin Collier viajando e instagramando o mundo.



edira Gd 24/03/2010 Jo'burg - South Africa

"No aeroporto de Johannesburgo às 7 A.M. cheguei. Do avião saíram muitas pessoas para uma conexão que as levaria para outros lugares na África austral. Uma mulher carregava seu filho nas costas, amarrado num pano, como uma canga grossa. Não pude disfarçar minha curiosidade. Fui me aproximando e perguntei como ela fazia aquilo. Para a minha sorte, ela falava português. Vinha de algum lugar do Brasil, onde tem familiares e estava acostumada com o trânsito Brasil-Angola, e estava indo para Luanda com pit stop em Jo'burg. Me explicou que era daquele jeito mesmo que carregam os bebês – de outro modo, como ela teria as mãos livres para carregar a bagagem?" [Diário gráfico, 24.03.2010]

Aina Guimarães Azevedo é brasileira de São Paulo e antropóloga. Morou em Natal, Brasília e Ingogo, KwaZulu-Natal. Atualmente vive em Piun onde escreve sua tese de doutorado sobre a experiência de uma família zulu com a reforma agrária na África do Sul dos dias atuais.